

16 Meses na U.R.S.S. - Rumo a Outra Flama Panaït Istrati

Fonte Digital Fotos jpg enviadas por Janer Cristaldo jcristaldo@gpmail.com

imagens escaneadas por Gerson Antunes - Ijuí-RS Título Original Vers L'autre Flamme Aprés Seize Mois Dans L'U.R.S.S.

> Primeira edição em cola e papel Editora Alerta, RJ, 1946

> > ©2013 — Panaït Istrati

eBooksBrasil.org

## **Apresentação**

# HOMENS QUE NÃO ADEREM A NADA

Janer Cristaldo

Dominado de ponta a ponta por uma religião laica e assassina, o século passado pode ser denominado como o século marxista. A Revolução de 17 constituía um marco de definição obrigatória para todo intelectual e os melhores cérebros do Ocidente aderiram com entusiasmo à nova crença.

Moscou, para os crentes órfãos do deus hebraico-cristão, torna-se a Terra Prometida, a Nova Jerusalém. Intelectuais do mundo todo, peregrinos, em procissão, vão adorar o novo Messias. Entre os criadores do Ocidente, coube principalmente aos escritores — definidos por

Zdanov como "engenheiros de almas" — fornecer a maior fatia de apóstolos da nova religião.

A lista demandaria páginas e páginas. Alguns nomes, entre milhares: Nikos Kazantzakis, André Gide, Bertold Brecht, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Annie Kriegel, Louis Aragon, Henry Barbusse, Romain Rolland, Heinrich Mann, Paul Eluard, Vaillant-Couturier, Roger Garaudy, Henri Léfebvre, Rafael Alberti.elNa América Latina, sem querer esticar muito a relação: Pablo Neruda, Otávio Paz, Jorge Amado e Graciliano Ramos. Verdade que desta lista alguns nomes irão cair, é o caso de Gide e Otávio Paz. Mas os demais permaneceram cegos ante a evidência dos fatos e morreram stalinistas ferrenhos, ou ainda vivem, confusos crentes incapazes de mudar de crença.

Não foram muitos os escritores a intuir que não se estava precisamente ante uma revolução, mas ante uma nova religião. Entre estes, poucos foram tão precisos na denúncia do novo dogma como Nikos Kazantzakis. No relato de sua peregrinação à Rússia — **Voyages** — **Russie** —, diz o cretense que pouco a pouco a luz se fazia em seu espírito. Para ele, todos os apóstolos do materialismo davam às questões respostas grosseiras, de uma evidência simplista. Como em todas as religiões, eles buscavam divulgar essas respostas, tentando torná-las compreensíveis para o povo. Kazantzakis reconhece então, na Rússia, a existência de um exército fanático, implacável, onipotente, constituído de milhões de seres, que tinha em mãos e educava como bem entendia milhões de crianças.

Este exército, diz o cretense, possui seu Evangelho, **O Capital**. Seu profeta, Lênin. E seus apóstolos fanatizados que pregam as Boas Novas a todas as gentes. Possui também seus mártires e heróis, seus dogmas, seus padres apologistas, escolásticos e pregadores, seus sínodos, sua hierarquia, sua liturgia e mesmo a excomunhão. E sobretudo a fé, que lhe assegurava deter a verdade e trazia a resposta definitiva aos problemas da

vida.

Não há apenas um Livro — acrescentaríamos —, como também os livros apócrifos. Assim como a Igreja Romana censura os testemunhos gnósticos que não servem à sua ambição de poder, assim censurou-se até mesmo a obra de Marx na finada União Soviética. "Nós somos contemporâneos — diz Kazantzakis — deste grande momento em que nasce uma nova religião".

A nova religião nascera e os intelectuais do Ocidente, os lúcidos entre os lúcidos, caíram como patinhos no engodo. Este é o grande enigma que cerca o fenômeno Stalin: como foi possível que espíritos abertos e generosos da época se tornassem cúmplices e devotos deste formidável assassino? Ou talvez não fossem tão lúcidos, nem tão abertos nem tão generosos, e sim pobres crianças em busca de um novo pai? Não será por acaso que a ladainha mais freqüente entoada a Stalin é a de Paisinho dos Povos.

Poucos homens representativos das letras da primeira metade do século passado tiveram suficiente lucidez para escapar ao fascínio do novo Deus. Entre estes, Pierre Pascal, Panaïti Istrati, David Rousset, Arthur Koestler, George Orwell, Victor Serge, Albert Camus, Ernesto Sábato. Todos pagaram seu preço. Na Europa e, conseqüentemente, entre nós, extensão da Europa, tiveram decretadas suas mortes civis e uma espécie de excomunhão os baniu do mundo do pensamento.

Enquanto os intelectuais de Paris entoavam loas à Revolução de 17, um humilde camponês dos Balcãs dela tomava distância. Panaïti Istrati, escritor romeno de expressão francesa, teve o mérito de denunciar em primeira mão, doze anos após a Revolução, o embuste do século.

Panaïti nasceu em Braila, Romênia, em 11 de agosto de 1884, e morreu em Bucareste, em 1935 — diz-nos o Dicionário Literário Bompiani -. Filho de um contrabandista grego das Cefalônia, a quem nunca conheceu, e de uma camponesa romena, passou a infância nos bairros pobres do porto. Aos 20 anos, colaborava no Romênia operária, e iniciou uma intensa atividade social que o levaria ao cargo de secretário do sindicato de trabalhadores portuários. Seu espírito inquieto e sua vocação de nômade o induziram a uma aventureira série de viagens, interrompida apenas por alguma estada na pátria. Visitou os países do Oriente Próximo - Grécia, Palestina, Turquia e Egito – e, logo, Itália, França, Suíça e África do Sul, nas condições mais duras, faminto e às vezes doente, e em certas ocasiões viajou como clandestino em vapores dos quais era desembarcado na primeira escala.

Atrás de qualquer espécie de trabalho, desta forma chegou a ser garçom, fotógrafo ambulante, etc. Isso lhe permitiu reunir o tesouro de impressões e observações, com frequência cruamente realistas, que expressou em um estilo muito pessoal, no qual os elementos franceses livremente adquiridos se fundem com outros autóctones, em uma síntese realizada através do estro linguístico mais singular e vigoroso.

Vivendo na miséria, doente e deprimido, ele tenta suicidar-se sem sucesso em 1921. Esta tentativa acaba transformando sua vida. Em janeiro de 1921, Roman Rolland recebeu do hospital de Nice uma carta encontrada em cima de um homem que havia tentado suicidar-se cortando a própria garganta. Ao lê-la, o escritor francês teve a impressão de encontrar-se frente à obra de um gênio. Quando o ferido, que era Istrati, se curou, quis conhecê-lo, e escreveu o prólogo a **Kyra Kyralina**, que teve grande êxito na época.

Convidado para os festejos do décimo aniversário da Revolução de Outubro, em 1927, Panaïti encontra-se em Moscou com o cretense Nikos Kazantzakis, místico apaixonado por Cristo, Buda e Lênin. Esta viagem o afastará definitivamente do comunismo. O romeno não entende, no país da revolução, a fome e a miséria

que vê por toda parte. Kazantzakis objeta que não se faz omelete sem quebrar ovos. Panaïti insiste. Só vê ovos quebrados e nada de omelete.

Em 1929, Istrati publica Vers l'autre flamme, primeira denúncia do stalinismo no Ocidente, anterior às denúncias de Gide, Koestler e Orwell, nos anos 30. A recusa ao novo dogma é tão traumática que, tendo seu livro publicado em Paris, em 1929, uma segunda edição só surgiria em 1980. Suas Obras Completas são publicadas pela Gallimard, exceto Vers l'autre flamme, cujos originais levaram Romain Rolland, seu padrinho literário em Paris, a aconselhá-lo:

"Isto será uma paulada a toda Rússia. Estas páginas são sagradas, elas devem ser consagradas nos arquivos da Revolução Eterna, em seu Livro de Ouro. Nós lhe estimamos ainda mais e lhe veneramos por tê-las escrito. Mas não as publique jamais".

Panaïti publicou. Na libertária França, seu livro foi banido do mundo das letras por meio

século. O argumento de Romain Rolland serviu, durante décadas, para calar qualquer crítica ao comunismo. No Brasil, nos anos 60, Erico Verissimo aconselhava o escritor gaúcho Sérgio Faraco, pelas mesmas razões, a não publicar o relato de seus dias em Moscou. Faraco, subserviente, calou-se. Só ousou falar em 2002, em seu livro **Lágrimas na Chuva**. Treze anos após a Queda do Muro, onze anos após a dissolução da União Soviética.

Após sua brutal decepção com o novo dogma, Istrati anuncia este homem novo, liberto das religiões e dos partidos:

"Vejo nascer na rua um homem novo, um indigente. Um indigente que não crê em mais nada, mas que tem uma fé total nas forças da vida. Eu lhe digo: após ter tido fé em todas as democracias, em todas as ditaduras, em todas as ciências, e após ter sido por todas decepcionado, minha última esperança de justiça social fixou-se nas artes e nos artistas. Viva o homem que não

adere a nada".

Pioneiro na denúncia da mais longa ditadura do século passado e vítima de uma campanha de denegrimento por parte dos comunistas, Panaïti se retira na Romênia, onde morre de tuberculose em um sanatório, em 1935, com 51 anos.

Pecou pelo otimismo. O homem que não adere a nada ainda está por nascer. O homenzinho contemporâneo continua aderindo a qualquer mentira prestigiosa.

Vers l'autre Flamme teve uma edição no Brasil, em 1946, com o título Rumo à outra Chama, 17 anos após sua publicação na França. A segunda edição é esta, 67 anos depois da edição brasileira.

16 MESES NA U. R. S. S.

PANAÏT

## 16 meses na U. R. S. S.

"RUMO A OUTRA FLAMA"

Tradução de Romulo de Castro

Titulo desta obra na edição francesa:
"VERS L'AUTRE FLAMME"

APRES SEIZE MOIS DANS L'U.R.S.S.

Reservados todos os direitos.

1946

EDITORA ALERTA Caixa Postal n.º 1672 RIO DE JANEIRO

#### NOTA PRELIMINAR

16 meses ! 16 anos ! 16 meses !

"16 Meses na URSS". Há quase 16 anos aguarda o Brasil a publicação dêste livro. Há quase 16 anos foi assinado o contrato de publicação dêste livro no Brasil. Há quase 16 anos se acha êsse contrato metido no porão de importante emprêsa editora, isso por ordem de um poder misterioso, estabelecido a 12 000 km 666 m do Rio de Janeiro.

Há 16 meses trabalho para arrancar o contrato das mãos desse poder misterioso. E, após longo e esfalfante trabalho que por vezes me levou à borda do desânimo, ai está o primeiro dos 3 libelos.

Panait Istrati não precisa de apresentação. Romancista conhecido, Istrati se destaca por sua linguagem inflamada e suas attitudes decassombradas.

Tendo, com cerca de 2.000 delegados comunistas, ido assistir aos festejos do 10.º antoersário da revolução bolchevista em Moscou, tanto se entusiasmou com o que lhe mostraram, que revolveu ficar all, afim de viver de perio a vida da "Pâtria do Proletário", auscultar o puisar do coração operário, tomar parte intima e direta na construção da Nova Ordem, sob a flama ardente do comunismo.

Mas, aos poucos, através do livro, Istrati vai descobrindo o que não the haviam mostrado: a miséria do operário, rôto, faminto e desabrigado, vilmente explorado pelo capitalismo de Estado em beneficio dos chefes comunistas e altos funcionários. E o entusiasmo de Istrati transforma-se em indignação. E a indignação de Istrati vai, através do livro, em crescendo vertiginoso, até explodir num tremendo tibelo contra os dita-

dores e contra os escritores covardes e corruptos que alugam. sua pena à propaganda soviética.

O livro è um flagrante de pricologia vivida. Em cada pagina vibra o homem, intransigente com a mentira, buscando, sem medir consequencias, a verdade: Rumo a outra Flama!

Panait Istrati foi o primeiro comunista a denunciar corajosamente "a exploração do homem pelo homem", que nunca deixou de existir atras da cortina de ferro, baixada pela propaganda comunista, solerte e capciosa, opulenta e generosa, para esconder a verdadeira situação da Russia.

A grande verdade flagrante e indiscutivel è que o comunismo não resolveu o problema operario na Russia. E o methor testemunho dessa verdade são or comunistas sinceros que, com repugnância de sustentar a mentira, corajosamente denunciam a exploração dos operarios, as violências, atrocidades e injámilas que se passam aidriemente utras da cortina de ferro da propaganda.

Istrati è um desses desiludidos. A esse destemido pioneiro seguiram-se outros, os comunistas André Gide (1936), Andrew Smith (1936). Victor Serge, amigo de Istrati, (1937). Legay Kleber (1937), L. F. Celine, M. Rouest, M. Yvon e outros, o socialista Sir Walter Citrine (1936), os simpatizantes com o comunismo Max Kastman, Eugene Lyons e L. C. Goyenola, diplamala uruguato, e os bolchevistas Barmine e Krauchenko que abandonaram suas altas posições no governo soviético para denunciar as atrocidades, por êles ali presenciadas. E outros. E outros.

"16 Meses na URSS" são as primicias da "Editora Alerta", fundada com o objetivo principal de auxiliar os lettores brasiletros a pesquisar e descobrir a Verdade sobre a Rússia. Se o publico prestigiar as suas publicações, a "Editora Alerta" será um dique formidavei e intransponivel às mentiras capciosas e vinicas de que se alimenta o comunismo na Terra de Santa CYME.

Neste vasto pais, criado pelo patriolismo dos brasileiros.

abençoado por Deur, cristianizado por Anchieta, libertado por Tiradentes e os demais patriotas de todos os tempos, moureja uma população cristã que, acima de tudo, ama a Pátria, a Familia e a Igreja. Sóbre esta sagrada Terra de Santa Cruz flutua o auri-verde pendão, surgido das margens do Ipiranga, simbolo glorioso da Liberdade, que, digno e respeitado, herdamos de nossos maiores.

Traidores, a sóldo das fórças do mal, conspiram às ocultas para conspurear a Patria Brasiletra, reauxindo-a a colônia bolchevista.

"Alerta!" é o nosso grito.

E estamos certos de que, do Amazonas ao Rio Grande, de Mato Orosso às bordas do Atlântico, de todos os recanios desta sagrada Patria, quarenta muhões de corações nos responderão: "Aleria estou!"

Olho para a folhinha. Feliz coincidencia: aniversario do nascimento de Jackson de Figuetredo, batalhador indomável que, como Istrati, combatia desassombradamente a mentira e buscava, sem medir consequências, a Verdade,

Rio de Janeiro, 9 de Outubro de 1946.

#### ILDEFONSO ALBANO.

NOTA - Afim de permitir a leitura deste livro a maior número de leitores, foram, com a autorização dos editores, abrandadas certas passagens que poderiam ser consideradas chocantes.

## CONFISSÃO PARA VENCIDOS

Os três livros que aparecem sob o titulo "Rumo a Outra Flama" são escritos em colaboração, porêm muito distintamente. Se os público sob meu único nome, não è em primeiro lugar, senão temporariamente; é também porque os assino com as duas mãos, não para me assenhorear de suas idéias, mas para thes assegurar a difusão.

Pois, o que é espantoso, em todas as épocas e mormente na nossa, um homem cujo "nome" não tem direito de cidade não se pode fazer ouvir, tenha éle carradas de razão. Ora, eu ocho que in deve fazer ouvir o mais longe possível a voz de meus amigos, essa voz que quase sempre completa e as vezes contradiz a minha, essa voz que pode mezmo não ser una em sua diversidade...

Nem que fosse apenas para suscitar o debate interdito na Rússia e nessa Internacional cuja salvação desejamos

Vencidos são todos os homens que no declinio de vida se acham em desacórdo sentimental com os melhores de seus semelhantes. Sou um desses vencidos. E uma vez que há mit modos de estar em desacórdo sentimental com os semelhantes, explico que aqui se trata daquela penosa separação que segrega um homem de sua classe, após uma vida de aspirações comuns a essa classe e a êto róprio e que no entanto permanece fiel à necessidade, que se apre o competiu, de lutar pela justiça.

Porque a necessidade de justiça é um sentimento e não uma teoria. Eu o sei, hoje em dia — após verificação em vasta escala — e apoiado em mil provas. Salvo algumas exceções — magnificas exceções às vezes, mas que não modificam o drama — todos aquêles que vêm à revolta pela teoria, voltam atris pela teoria, a exemplo dos que a ela vêm pelo ventre ou pela ambição, e que voltam pelo mesmo caminho. O sentimento, ao contrário, é a força que revolve tóda a vida e a distribui a todos os ventos. Seria necessário defini-lo melhor? Mas se fosse preciso definir tudo, não teria eu feito melhor permanecendo pintor de paredes?!

Eis vinte e sete anos que, num arrabalde de Braila, ouvi pela primeira vez clamar por justiça. Minha cidade acabava então de ser rudemente sacodida por imensas revoltas populares: uns atrãs dos outros, os guindastes terrestres e em seguida os guindastes flutuantes haviam caido sóbre nosso velho pôrto e ameaçado de fome 6.000 estivadores de cereais. Eram, com suas famílias e parentes, dois terços da população da cidade.

- Justiça! gritaram 40.000 pulmões.

 Progressol respondera o prefeito, rodeado por três companhias de soldados. Eu não era estivador. Nenhum parente meu o era. Bem melhor, minha mão ganhava sua vida a limpar a sujeira dos que haviam adquirido o guindaste. Entretanto, a resposta do prefeito me magoou para o resto de meus dias. E eis por que fui dar ouvido à resposta do orador socialista, que clamava por justiça. Como os estivadores gritassem: "Jogaremos os gumdastes no Danúbio!" êle disse:

— Não! Primeiro porque vo-lo impedirão sob ameaça do fusil, depois, se o conseguisseis, outros guindastes viriam substituir os destruidos por vôs, por isso que, outrossim, é a têcnica moderna. Mas essa técnica, que hoje vos prejudica, deve um dia tornar-se propriadade vossa e servir aos interêsses de todos os que trabalham, como de justiça.

- Bom! disseram os homens. E' preciso deixar correr o

barcot

Foi uma longa espera, que dura ainda, na Rumânia como no resto do mundo. Pelo que, é preciso viver e lutar. Para viver pode haver vários meios, mas para lutar só há um: dar em cima do adversário. É meu adversário foi, é e será o adversário de minha classe, aquele que constrói guindastes para seu proveito pessoal, esfomeia-a e, quando ela clama por justiça, metralha-a.

Não há mais de um lustro, quer dizer, ali pelos quarenta anos, achava-me ainda entre aqueles que se véem esfomeados e metralhados. Se hoje não me reduzem à fome, sempre tentarão metralhar-me. Porque, aconteça o que acontecer, após essa disputa que empreendo severamente com minha classe, um fato permanecerá certo: atirarei sem parar no peito ou nas costas daqueles que esfomeiam os homens e em seguida os metralham. É no dia em que, como já me aconteceu, eu me achar, o mais comodamente do mundo, sentado à mesa de um dêsses esfomeadores-metralhadores, que êle saiba que alí não me encontro senão para me instruir, afim de melhor ferú!

Se eu me afastar dessa linha de vida, que os meus me aba-

tam na rua sem me submeterem a processo,

E agora, vejamos até onde sou um veneido, até onde me separo dos meus, sem jámais cessar de combater os inimigos do homem livre. Pois bem, eu me separo de meus amigos comunistas, até naquilo que constitui o seu orgulho na Rússia: a edificação do socialismo. Para nossa velha amizade é triste, mas é assim.

Não discuto essa edificação e admito que ela seja socialista, embora não se trate senão de empreendimentos "modelos" que funcionam mal e continuarão a funcionar mal, enquanto forem dirigidos por comunistas incapazes. E mesmo que fôssemos incapazes, ainda no-lo deviam perdoar. Tentem fazer de mim um ministro, que responderei imediatamente que não há departamento em que eu possa servir utilmente; mas me façam dirigir uma oficina de pintores de parede e eu me desincumbirei com competência. Serei ainda tão útil todas as vezes e por tôda a parte em que me fizeram compreender o funcionamento intimo de uma engrenagem.

Pois a classe operária não comete falta quando ignora aquilo que jâmais lhe ensinaram. Mas os chefes que se impõem a cla são bons para a forca, quando lhe comprometem o futuro, fazendo-a pôr o carro adiante dos bois, a todo custo, por todos

os meios e haja o que houver.

Aqui, é necessário um parêntese.

Antes de saber que uns teóricos inveterados se haviam aplicado a edificar o socialismo atabalhoadamente e a todo o custo, eu era partidario da tomada do poder por todos os meios. Era afinal de contas uma questão de temperamento. Criado a margem da sonolenta ação social-democrata, que tão odiosamente devia precipitar o proletariado na guerra mundial, sempre me inclinei por um sindicalismo combativo. Esse sindicafismo foi ilustrado, no movimento revolucionário rumaico, por très figuras, duas das quais muitissimo imponentes: Al Const , nosso chefe, condenado à morte e desaparecido do mundo; Stefan Gheorghiu, nosso maior orador popular, morto tuberculoso; C. Manesco, bom organizador, hoje em dia decepcionado e vencido. Gravitando em torno deles, entre duas viagens ao Egito, eu representava uma espécie de quinta roda de uma carroça. Mas todos quatro importunávamos bastante a Christian Rakowsky, lider do partido social-democrata, que nos detestava afetuosamente.

Assim, a aparição do bolchevismo, depois de Zimmerwald

e Kienthal, me subjugou com a sua firmeza, sua precisão, sua coragem. A éle aderi prontamente, no dia seguinte à revolução de outubro, sem levar em conta que eu me achava então na Sulça e que tal gesto podia me custar caro. Lerão essa adesão publica em La Feuille (desaparecida), do valente Jean Debrit, de Grnelira. Foi o meu primeiro artigo escrito em lingua francesa. E, se o quiscrem, resposta a uma conferência que Birukoff, de volta da Rússia, acabava de pronunciar em Genebra. Envindo sem esperança a La Fenille, apareceu na primeira página sob o titulo; Tolstoismo ou Bolchevismo? e a assinatura: P. latr. Ele me é mais caro que tudo o que escrevi de então para ci, porque - aconteça o que acontecer com a III Internacional e com a edificação socialista dos comunistas russos o bolchevismo que eu saudei all, falava ao mundo operário pela bôca de Lenine e este não perecerá, enquanto houver revolucionários enviados à morte pelo capitalismo criminoso e à Sibéria por comunistas execráveis.

Foi com essa revolta no coração e desembaraçado dos fantasmas wilsonianos, que na primavera de 1920 desembarquei

em Paris. Cidade luz, centro da civilização ocidental

Pobres ingênuos que somos! Eu ainda cria em todo aquele palavrório. Quero dizer que ainda tinha fé no "poilu" (soldado) que saía das trincheiras, e numa suprema elite do pensamento francês de tradição revolucionária. Eu acabava de ler o magnifico Feu de Barbusse, e trazia em minha alma Romain Rolland. Assim, dissimulando o melhor possível o meu bolchevismo, por um instante acreditei nessas duas fórças da França civilizadora:

 Ah! dizia eu para mim mesmo, a dolorosa experiência dos feridos de guerra, unida à coragem do escritor revolucionário, talvez consiga salvar o mundo sem fazê-lo suportar a

terrivel operação bolchevistal

Enganava-me horrivelmente. O "poilu", — potente com sua paga de desmobilização, orgulhoso de sua cruz de guerra e glorioso de suas feridas — um dia quase que me magoa um ólho, na praça de L'Etoile, por não haver eu tirado o chapéu diante de uma palhaçada guerreira. Era o caminho aberto ao fascismo nascente.

Quanto ao escritor francês de tradição revolucionária, é

coisa um pouco mais longa.

Primeiramente, tive a desgraça de me tornar também um escritor. No princípio foi uma grande alegria. Ora essal Paris pode fazer désses milagres: tirar um vagabundo da sargeta e abrir-lhe todos os caminhos do possivel! Isso não é nada banal—mas esperai! Não sou único. Uma família imensa de vagabundos, dos quais não sou nem o melhor nem o pior, vale muito mais que eu, não pelo que ela escreve, mas pelo óleo que extrai do abismo sem conseguir se aquecer com êle. Ela é que escreve terriveis garatujas que, se não somos de pedra, nos impedem de dormir ou de engolir nosso alimento.

"O' tu que estás alçado à luz, pensa em nós que ficamos

nas trevas!"

Como então! Mas não há dúvida alguma nisso! Não só pensarei em vós, mas tudo o que é meu será vosso, salvo minha mulher! Enfim, e sobretudo, lutaremos em comum, agora que minha voz repercutirá no espaço e que tantos amigos se dizem amigos vossos.

Seria mal pensar assim? Porquanto, que é um homem que vence na vida? Um afortunado a mais, e eis tudo. Mas como seria belo e humano vencer menos na vida e contribuir com sua parte para fazer reinar mais justiça na terra! Como seria

belo, civilizadol

Ora, loi nessa época em que meu coração tanto se rejubilava, que uma ocorrência, um drama obscuro, mas um daqueles que envergonham a humanidade, se deu não sei mais em que departamento da França. Ei-lo:

"Ao voltar um sábado à tarde com seu ordenado em papel-moeda, um trabalhador agrícola o colocou em cima de uma mesa. Um filho seu de quatro anos apodera-se do magro pecúlio e atira-o no fogo. O pai toma de um machado e com dois golpes decepa as munhecas do pequeno. A mãe que banhava um bebê numa peça contigua, acorre atraida pelos gritos da criança, vê o horrivel espetáculo e cai morta. O bebê se afoga na banheira. A polícia encontrou o pai, louco, a correr de noite pelos campos".

Tudo isso ocupa menos de vinte linhas na terceira página

do Journal. Isso se passava há quatro ou cinco anos. Depois disso, nunca mais en li as ocorrências, mas hoje mesmo, 4 de julho de 1929, meus olhos se dirigem de novo para a primeira página do Journal. Copio sem mudar uma palavra:

Enlouquecida pela miséria, uma infeliz mãe mata a machadadas seus três filhos e tenta suicidar-se decepando em si

propria um pé e uma mão.

"Rennes, 3 de julho. - Acaba de se dar um drama horrivel na comuna de Bréal, sous-Monfort. Na aldeiazinha de Launay-la-Porte, habitava uma humilde família composta do marido, o sr. Colombel, trabalhador agricola, da mulher e de 4 filhos. O mais velho trabalha numa propriedade agricola. ao passo que os três mais moços (uma menina de 6 anos e dois gémeos de 3 anos) viviam com os pais.

"Reinava a miséria em casa. Ultimamente, compelida pela necessidade, a sea. Colombel cometera um furto, e uma condenação a 2 meses de prisão com sursis em que incorrera, afe-

tara-a vivamente.

"Foi então que ela resolvera acabar de uma vez com uma existência penosa e arrastar consigo para a morte sua filhinha

e seus dois gémeos.

"Ontem à noitinha, achando-se êstes dejtados em seu leito onde acabavam de adormecer, ela tomou de um machado, inclinouse para as três cabecinhas mergulhadas nos travesseiros e, brandindo por três vezes sua arma, abriu o crânio de seus très filhos. O sangue jorron logo, sendo instantânea a morte.

"A sra. Colombel voltou-se então para si própria, tentando suicidar-se. Cortou um de seus pés, decepou completamente seu punho esquerdo, tentou degolar-se com a ajuda de uma faca cega, desmaiando afinal.

"50 esta manhă foi descoberta a horrivel carnificina. A mãe criminosa jazia numa poça de sangue, ao pé do leito em que estavam estendidas suas três vitimazinhas. Foi encontrada no chão a mão que ela cortara de si mesma -

"A sra. Colombel Ioi transportada para o Hospital de Rennes, em estado desesperador" (Le Journal).

Certo leitor, que me dirá que estou "zombando", perguntar-me-a aonde quero chegar. A isto:

O sentimento do bem e do belo é infinitamente mais podereso que o do mal e do feio. Ele constitui a base da vida. E' a ele que devemos não mais vermos queimar um cavaleiro de La Barre "por não haver, no tempo de Voltaire, saudado uma procissão", embora ainda nos quebrem a cara, às vezes, por não saudarmos um trapo suspenso a uma vata - mas o crime é menor. E desse sentimento do bem e do belo os fartos da vida nem querem saber. São os pequeninos, os que vivem nas trevas que êle inspira. Para éstes éle é o pão e o sal quotidianos.

O bem e o belo, se evocados numa assembléia da Liga das Nações, não chegariam a comover o coração de uma dactilógrafa, porém na porta Clignacourt, por sua causa se sublevariam dez mil almas. Assim como entre nos, nos sombrios Balcas ou na imensa Rússia. Tiritando dentro de choupanas e nutrindo-se com um bocado de milho, algumas clites humanas bebem àvidamente os pensamentos generosos.

Ora, dentre todas as nações pródigas de tais pensamentos, a França nos é a mais conhecida. Ela nos envenena a adolescência com seus dois últimos dois séculos de filosofia e de fiteratura. Cremos nela. Levamo-la a sério. Embalamo-nos. E vimos às vezes debaixo de um trem ou a pé pedir lhe contas.

Cheguei a Paris, pela primeira vez, cm 1913. Imediatamente Jonesco, o sapateiro, me tomou pela mão e me conduziu no Louvre. Mostrou-me o mendigozinho que mata seus piothos. Demorei me tres meses, pois queria ver toda aquela historia e aquela arir de Paris. Deixei-o ébrio de felicidade e quase mendigo, prometendo a mim mesmo voltar lá, aprenderthe a lingua, viver nesse pais de generoso pensamento.

Cumpri minha promena, porem a miragem se volatilizon. Há dois anos, achando-me uma tarde em companhia de franceses ricos e letrados, um deles me perguntou abruptamente ;

- Conhece Paris?
- Um pouco.
- O que?

16 MESES NA U. R. S. S.

- Os muscus, os monumentos, os casebres Espaucaram risos. Acharam graça.
- Viste ...?
- Não.
- E ... o Palácio de Venus??
- Também não.
- E não gostarias de conhecê-lo?
- Gostaria.

On carros tomaram o caminho da Rue de Provence. Fachada discreta. A nossa entrada, uma campaiaha deu alarine com grande barulho. Fazem nos visitar a casa...

- Tudo obrigatoriamente francès, cavalheiros! insiste a

dona da casa

Que Deus proteja os povos! E que a França proteja suas fillhas!

Seguimos... Uma peça de paredes cobertas de cortinas

pretas, corrediças... luxuosamente forrado...

Afastam-se as cortinas; pinturas realistas, persa, árabe, chines, japones, turco, de todas as cores, vermelho, verde, azul, amarelo ...

Ei-nos afinal na piscina. Suntuosa. A dona da casa mov-

tra-nos a bela decoração mural:

- Cavalheiros! Foi executada por um primeiro-prêmio de Romat

Parabens pelo primeiro-prêmio de Roma!

En indago:

- Minha senhora, podeis dizer-me quanto custou a construção dêste "Palácio de Venus"?

- Quatro milhões!

Muito bem, acabei de "zombar" para certo leitor, mas concluo:

Quando uma civilização constrói bordéis no valor de quatro milhões, ao passo que seus campônios, com terror da miséria, assassinam seus filhos a machadadas, não tem tal civiliração mais direito à existência, mesmo que seus escritores se convertain ao catolicismo e seus advogados se tornem bispos, após sete anos de penitência. Uma civilização assim, se lhe resta um pouco de pudor, deve enterrar suas bibliotecas, des-

montar e armazenar seus mais nobres monumentos, e em seguida fazer soar o sino da catedral por intermédio de seu magnifico bispo advogado. Do contrário...

Do contrário, todos os meios são lícitos para destrui-la.

t. agora, perdoem-me êste parêntese.

Sim: não seria a primeira vez na história, que uma civilização socobrasse na ignomínia e que a fizessem esvaziar o beco a porretadas. Hoje o porrete se ergue diante dela, terrivelmente ameaçador. Chama-se êle o bolchevismo

Esse bolchevismo já mostrou o de que é capaz. Perfeito. Irrepreensível. Uma beleza de trabalho. Nenhum trabalhador, manual ou intelectual, poderia deixar de aplaudi-lo.

Quando vamos à paradisfaca Livadía, e vemos 270 mujiques tuberculosos encherem o palácio imperial em que Rasputine ensopava os dedos em mólho para que a czarina os lambesse, quando sabemos que essa czarina fazia esquecer como por descuido, nalgum desvio de estação ferroviária em suas imensas estepes, vagões abarrotados de soldados presos, os quais se trasnformavam aos poucos em mil esqueletos rodeados de moscas enormes, quando vemos e sabemos isso, apenas isso, não podemos, trabalhadores que somos, deixar de ser bolchevistas:

Eu o sou. E desejo muito, custe me a vida contribuir para destruir as civilizações czaristas - seus Rasputines, suas cacernas, seus bordeis decorados por primeiros prêmios de Roma, seus monumentos enganadores e suas bibliotecas hipócritas - muito desejo contribuir para destrui-los por todos os meios, mas esperem um pouco!

Pois eis aqui:

Após milhares de anos de miséria e de martirios, penso que minha classe... Mas, antes de tudo, sabem que classer A da usina? A do campo? - Sim e não. Eu tenho visto, como todo o mundo, operários e camponeses mudarem de classe como de sapatos, pela capacidade ou por velhacaria, o que importa pouco, uma vez que para mim uma classe não é um operário, não é um camponés...

Desde que se trata de separar o mundo em classes, quer isso dizer, sem dúvida alguma, que separamos entes que diferem entre si - mas que diferem em que? Em que uns exploram e outros são explorados? Em que uns comem e outros não comem? E se fosse assim? Que fareis de vossas classes, quando uma tomar o lugar da outra, como se vé acontecer há milhares de anos, com classes inteiras, depois das revoluções, e todos os dias com alguns homensi Julgais, pergunto eu, que adianta alguma coisa a meus pintores de parede o faso de eu comer hoje até fartar-me enquanto éles continuam a morrer de tomes Julgais que adianta alguma coisa à milenar humanidade sofredora, se João Ninguém se esfalfa dentro da mina ou se dita suas ordeas do alto de uma poltrona confortivel?

- Certamente que não. Eis por que o admirável ensinamento socialista diz que as classes devem ser suprimidas, e com elas a exploração do homem pelo homem. Obra imensa, jamais realizada, e que cabe históricamente à classe operária.

Vá lá. Isso é tão nobre, que bendigo meus pais por terem sido indigentes e por me haverem posto indigente no mundo. Bendigo também a existência por causa dos 40 anos de miséria com que ela me cumulon. Pois desde o momento que somos nos, miseráveis, que o destino (ou a história) escolheu para confiar-nos uma missão que classe alguma, no triste passado, soubera levar a bom termo, que recompensa seria maior pata nosso milenar sofrimento, que glória mais ofuscante, na eternidade das eternidades?

Após tantos séculos de abominação, penso pois que minha classe se vê inesperadamente atribuir um papel em que a virtude, a justiça, a dignidade, a honestidade, a fraternidade o desinterêsse, a abnegação se acham no primeiro plano. E necessário tudo isso. E' necessário, sob pena de nos vermos para sempre cobertos de ignomínia, por termos feito passar o mundo pela espada e pelo fogo, sem no mesmo alterar coisa alguma. E necessário ainda, porque nos nos dizemos, como que de justiça, os herdeiros de um martirológio que conta vitimas demais para que possamos olvidar a massa de sofrimento, em nome da qual nos erigimos em justiceiros implacáveis e para que nos permitamos cambater as iniquidades mesmas que acabamos de denunciar à face do universo.

A nós, bolchevistas, a leviandade, o gôzo, o confórto, a

mjustiça, os abusos, os favores, tudo o que temos tachado de crune e punido de morte, não nos é mais permitido. E quando um dos nossos - pelo menos de nossa geração - o permitisse a si mesmo, deveríamos pregá-lo imediatamente ao pelourinho e pendurar-lhe do pescoço um cartaz assim concebido:

"Para, transcunte, e deplora este homem, que haviamos tomado por um camarada! Pois no momento em que, as mãos tintas de sangue, queríamos dar ao mundo o exemplo do que deve ser a Vida Nova, éle cometeu o crime, na qualidade de juiz, de mandar um inocente para a Sibéria para poder apropriar-se de sua ração de manteiga" (1).

Eis de que estoicismo devemos dar prova, se quisermos dar uma razão a nossos crimes e conservar alguma probabili-

dade de corrigir as injustiças.

Mas isso não é possível a toda uma classe. Por que? Simplesmente porque ela alimenta as mesmas invejas e os mesmos apetites que a outra classe. Se ela é a esmagada e não a esmagadora, não é a nenhuma pureza de alma que o deve, porém à sua impossibilidade de apoderar-se da máquina que esmaga. Acusar-me-ão de traição por haver afirmado isso? E' certo que nossas mães são santas, mas só porque não puderam fazer de nós uns marechais. Isso é tão verdadeiro, que não conheço absolutamente "revolucionário", ditador ou simplesmente abastado, que não haja feito de seu filho um "intelectual".

Dito de outra maneira, eu creio que nos todos somos quase os mesmos. Donde vem então que os espaços vibram de impulso generoso, muito mais do que por causa de tolices pelo

E' porque não somos os mesmos senão mais ou menos. Primeiramente. E depois porque a maioria da humanidade è feita de sequiosos de justiça. Assim, sedentos de justiça e genie que tem o direito de se dizer melhor, enchem os ares de clamores que transtornam os espíritos, criam correntes revolucionárias e conseguem frequentemente fazer recuar a hidra militarista e imperialista. Uns e outros parecem marchar

<sup>(1)</sup> Não há exagéro aqui; na Rússia mataram criaturas humanas para poderem roubar suas botas.

de mãos dadas e ganhar terreno sóbre o inimigo atual da hi

manidade: o capitalismo.

Infelizmente, entre esses homens melhores que représentam a boa-le e o progresso, e a massa que reivindica seu direito ao sol, o acordo é apenas aparente. Os primeiros manifestam escrápulos e não querem agir senão no limite do possível, ao passo que a massa sofredora não quer saber de escrupulos e de limites; ela reclama a qualquer preço o que lhe é devido e mostra-se disposta a agir por todos os meios.

Eu tenho a infelicidade de ser o bastardo que une a consciência do homem de boa-fé à sêde de justiça dessa massa a que pertenço e cujo martírio é por demais conhecido. E uma posição que me indispõe com todo o mundo, mas sobretudo com uma espécie humana que, consciente ou inconscientemente, engana a todo o mundo, alarga o lósso que separa homens fáccis de se aproximar e se diz capaz de realizar, ela sozinha, todas as aspirações da classe operária, que ela reivin-

dica e gostaria de monopolizar.

Essa espécie humana é personificada por certo militante revolucionario muito comum, porém dificil de identificar hum grande movimento de massas, porque ocupa todos os degraus que vão do apóstolo ao canalha. E' éle que se vangloria de estoicismo e pretende ser superior à massa e mais decidido que o homem de boa-fé. Torna-se, ou melhor, é o agitador providencial. Numa época em que as consciências que têm escripulos, se isolam voluntariamente da múltidão que reclama justica por qualquer preço, aquele inilitante atende a uma necessidade social, como um coveiro em tempo de peste. Ele não se faz de rogado. Não tem concorrentes. Ninguém se lhe pode opor. Alias éle é temível. Pois onde a grande figura revolucionaria teme falhar, ĉle não teme coisa alguma, Tudo é feito para éle vencer, mesmo a confusão, da qual tira prontamente vantagens para seu proveito pessonl.

Conheço essa espécie e a espreito há 25 anos. Hoje em dia seus truços me são familiares. Mas pretendo ainda passar por cima de muita coisa e não me referir aqui senão a indivíduos cuja ação detestável é realmente inconsciente. São éles de duas espécies: os moderados e os fanáticos, mas igualmente nefastos. Os primeiros levaram a cabo o caso da meinl-democracia. Os segundos levaram a melhor no comunthmo.

A social-democracia de antes da guerra não existe mais e sen militante passou com ela. Os que ainda se podem enconstar, com exceção de alguns bons sujeitos, não passam de um deixado por conta da familia, que ja se acha sentada à mesa. Se éles se pavoneiam, é apenas na esperança de ver

um dia a mesa crescer e multiplicar suas cadeiras.

Não era assim outrora, quando a mesa não existia. Alguns lugares para escribas e importunos, penosamente apertados. Era preciso ser muito prudente se se quisesse fazer notar, losse em sua casa ou na casa defronte, e, de um ou outro modo realizar o anelo de todo o bom social-democrata: entrar no divino parlamento, aquéle Eden da pátria reconhe. cida, para cuja salvação deveria morrer logo o quotista disciplinado.

Os sindicalistas, bolchevistas em embrião que éramos então (abaixo o parlamento, ação direta)! desagradava muitissimo àquela "elite" primeira série, que dava ordens em nome da classe operária, açambarcava a tribuna e a imprensa, excomungava-nos e mortificava-nos, trazendo nas mãos o evangelho pseudo-marxista. O militante ortodoxo, insolente falador e doutor em marxismo, desempenhava então exatamente o mesmo papel tiránico que o de seu comparsa comunista de hoje. Só êle representava a "consciencia revolucionária", as "aspirações", a "ideologia" do proletariado. Nós não passavamos de "traidores" - ou quase,

As massas ouviram e seguiram êsse militante, até à grande carnificina, que féz a desgraça daquelas e a ventura dêste,

Mas isso já não passa de história.

Passemos a atualidade. Ela é muito mais trágica.

Mais do que nunca, a "consciência de classe" daqueles que têm a gamela na mão. Porque hoje em dia o proletariado tem uma gamela imensa, cujo escasso feijão excita fortes apetites. E eis em que me separo do militante "revolucionário" e porque estou pronto a combatê-lo.

Ainda uma vez: não nego sempre a sua sinceridade.

Daqui a pouco, quando entrarmos na Rússia, verão até onde
eu me entregara a éle, que confiança e que fé eu pusera nece.

Mas a história se repete, precipita-se e vai direta ao irrepará
vel. E' o que é preciso impedir, pelos meios mais leais.

Sim: não nos pode interessar senão uma lura leal, embora a partida não seja igual, pois uns têm as mãos vazias e os outros a Siberia. Entretanto, não podemos proceder de outro modo. A despeito de tudo, a U.R.S.S. deve permanecer, para o proletariado mundial, o que ela é na realidade: a fortaleza inexpugnável contra a qual o capitalismo deverá se esmigalhar um dia. Seria criminoso e digno de forca o operário que tocasse nela com armas na mão. O esboroamento dessa muralha entregaria o mundo sofredor à mais negra reação.

Mas, afirmado isso, categòricamente, uma vez por todas, tenho o direito de voltar-me para a turba burocrática e de exclamar; ralé!

Ralé que — ontem moderada, hoje fanática, ontem patinhando no "marxismo", hoje no "leninismo" — nos mostras a mesma cara estripida, te revelas tão intratável, mergulhas tão profundamente tuas garras no cangote das massas amordaçadas e sabotas assum a mais bela obra de justiça social.

Mais ainda — horror que jamais conheceram os anais das lutas socialistas — hoje em dia assassinas. Por meio da tome, da cadeia e às vezes até do porrete, assassinas o operário (o operário!) que se recusa a mostrar-se contente, em face de teu tiránico poder.

Posso entito te poupar, ignóbil ralé! Posso esquecer que vim a ti da mancira mais desinteressada e que por pouco não me metes em teu bolso? Posso — para te agradar e sob o pretexto de não "dar armas à burguesia" — desprezar as massas que tu espesinhas, o seu futuro que tu apunhalas e seus methores combatentes que tu exilas, prendes e esfomeias, em nome de uma elástica doutrina que sómente tu pretendes conhecer? Posso também aquiescer sem reservas à extensão ao mundo de teus métodos de convicção da classe operária? Devo escrever que sómente tu tens razão? Que sómente tu

tens o direito de falar? Que somente tu sabes edificar o socialismo?

Mas como se trata da U.R.S.S., seria necessário saber ainda se se deve distinguir o militante-ralé do burocrata, ou confudi-los no mesmo tipo maléfico. Pois eis o que se passa: na Rússia, não penetrais numa instituição, num bonde, num lugar qualquer, sem topar éste cartaz e êste convite: Cama radas! Participai da luta contra a burocracia!

Isso impressiona. E' comovente. E concluis logo que deve haver ali um mecanismo dirigente que luta contra um mecanismo burocrático. Ora, nos sabemos que esse mecanismo dirigente não é outro senão o Partido Comunista, ao passo que os burocratas sem dávida alguma são indivíduos pescados aqui e ali e colocados a serviço do Estado Proletário. Estes ultimos são pois gente sem fé, sem ideal, sem convicções, já que nos dizem que é preciso combater sua tendência em criar para si situações pessoais, em detrimento da coletividade, e uma subotagem de cancros roedores.

Eis um cartaz perfeitamente indicado para embair um homem como en. E se eu tivesse deixado a Rússia ao fim de seia semanas, como todos os delegados ao décimo aniversário, teria escrito artigos ditirâmbicos a tal respeito. Isso tría com a minha natureza. Bem sei o que é um homem de fé. Sei ainda que a terra não está cheia dêles. Mas o Partido Comunista deve contá-los por legiões, uma vez que é êle, interinho, que nos convida a lutar contra ésse mal social: a burocracia.

Pois bem, não é isso não! Esse convite não passa de um artificio de militante-ralé, que é êle próprio um burocrata, são as dum faces do mesmo homem ignóbil, que forja com uma das mãos "palavras de ordem" e com a outra vota "na linha", isto és pela manutenção do que existe e está bem, já que êle ocupa um bom lugar,

Conheci comunistas sinceros, que tomaram a sério ésse dever de "participar da luta contra a burocracia" e que pretenderam ir até o fim de seu dever, cortar o mal pela raiz. Só conseguiram perder seu ganha-pão. E é uma tristeza ouvi-los. Suas desventuras são dignas de figurar num grande romance de costumes soviéticos.

1.1 importa. A despeito da verdade impiedosa, que responde às tapcações oficiais com revelações pungentes, o militante-burocrata, que lá é chamado "militante responsávei", prossegue reto em seu caminho, cabeça erguida. E' dono da tribuma e da imprensa. Só êle pode falar. Só êle pode escrever. Ele se forja uma maioria e um presidium, como forja para si um comité de redação e uma censura. Assim, ninguém pode contradizê-lo.

Todavia, consciente do descontentamento que crepita sob a cinza e a que é necessário criar válvulas de escapamento, êle monopoliza do mesmo modo a contradição e se forja contraditores. Eis por que nasceram e cresceram esses dois tumores da imprensa soviética: samo-kritika (auto-critica) e control-

-mass (contrôle das massas).

Ignóbil farçal Se ela fósse ao menos ignóbil apenas, mas è hàbilmente enganadora e às vezes sangrenta. Porquanto, de um lado, soube impressionar desmascarando abusos e lancerando abcessos, porém, por outro lado, condenou à morse pobres correspondentes operários, que acreditaram na eficicia daquela "obra de sancamento" a ponto de serem seus missionários, declararam guerra sem tréguas aos grandes e pequenos funcionários suspeitos e nisso se fizeram matar como moscas. E' verdade que com isso os assassinos eram executados o que constituia grande satisfação para as vítimas e maior ainda para a obra saneadora.

Surgiram então os rabcors (correspondentes operários) labricados em série, os quais, compreendendo que o mal não está nos pés mas na cabeça, onde é proibido tocar, arranjarum para si uma profissão lucrativa a farejar o bode expiatório, escolhido para ser atirado como pasto, e a denunciá-io por dever de oficio. Suas inúteis tiradas, que faziam os iniciados sorrirem, expunham-se em todos os jornais, porém por semana lhes consagrava uma página inteira sob o título

muito mais pomposamente no oficial Pravda, que uma vez arrogante de control-mass. Havia ali "contrôle" das "massas" como mosquitos no polo norte e vontade de desarmamento na Liga das Nações.

Em minhas incessantes viagens de um extremo ao outro da U.R.S.S. encontrei frequentemente rabcors. Entre êles, encontrei ainda alguns raros individuos que me falaram com ardor, mas a quem tornam a vida áspera porque cometem tolice sôbre tolice. Outros, dificeis de descobrir, são uns pobres tipos que não ousam afrontar nosso ofhar. O resto não passa de uma canalha a formigar a nossos pés. De um déstes últimos eu soube uma história bem interessante, por ocasião de minha chegada a Sukhum, no Cáucaso, em novembro de 1928.

Candidato à celebridade e sabendo com que prestera a alcançaram colegas seus que padeceram o martírio da profissão, o rabcor subornou um ébrio e lhe mostron como lhe podia praticar um leve ferimento nas costas com um punhal. lsso se passou numa noite escura e sem testemunhas, mas o golpe falhou, ou melhor, foi além do esperado. No dia seguinte acharam o rabcor meio morto numa poça de sangue, A Guepeú se comeveu, procurou o kulak criminoso ou o vingativo diretor da empresa; mas foi o vagabundo que lhe cant nas mãos, o que o aborreceu bastante, pois o "camarada" denunciou o trato.

- Mas quase o mataste!

- Eu me enganei. Estava bêbedo.

Abafaram o processo.

Isso não passa de um caso infimo no meio da enorme quantidade de dramas quotidianos, horriveis de outra maneira, mas como é edificante! Onde é que ja se ouviu falar em tal carreira a ser feita por tais meiosi Um Albert Londres, que não passa de um burgués, estremeceria de vergonha por causa disso. E não se acharia um só jornalista em qualquer outro país que pensasse nisso. Achou-se no entanto um comunista, no país que aspira ao máximo de moralidade cívica. Mas o homem só é culpado em parte. A maior parte da vergonha

recai sóbre o regime que cria as condições em que podem surgir e desenvolver-se semelhantes carreiras .

Aqui, atingimos a raiz do mal.

\* \* \*

A U.R.S.S. é o país menos burguês do mundo, porém que mais aspira à burguesia, a exemplo de todas as nações que saem lentamente da vida patriarcal, como os nossos Bálcas. Eis porque penso ter sido uma desgraça o fato de a mais grandiosa tentativa de edificação do socialismo ser feita justamente na Rússia.

O russo e também o ucraniano, o georgiano, o tártaro, o arménio, que não se atrapalham com doutrinas, são homens generosos, cheios de ternura, ricos de amor e de melancolia. Amam perdidamente sua lingua, sua terra, seus céus. (Todos os cânticos populares e todas as literaturas dêsses países são testemunho disso). E éles próprios o testemunham a ponto de fazer explodir sua rapsódia em pleno banquete comunista ao lado da Internacional.

Como então, por arte de que diabos, fazer sairem esses povos de suas isbás, e mergulhá-los, da noite para o dia, dentro de arranha-céus americanos, em cima dos quais não canta rouxinol e onde o homem é um irracional mecânico e a exotência não passa de um modo de matar a vida?

Digamos que tem havido dois milhões de comunistas empanturrados de doutrinas, vazios de coração e de massa encelálica, autômatos do fordismo e de americanização, para os quais os sentimentos não passam de uma enfermidade burguesa e o amor de união ocasional de dois corpos; restam ainda cento e ciquenta milhões, toda uma humanidade, que vive e quer viver cultivando sempre melhor aquilo que temos de mais eterno em pós, de mais comovente também.

Deve-se impedi-la de viver?

 Ao contrário! — dirão — lembrando-me a Constituição soviética. Aqueles povos dispõem agora de si próprios!

En respondo: sim, dispõem de si mesmos, à maneira daquelas raparigas medievais, que tinham a liberdade de tossir à vontade, mas que eram trancadas num convento se não queriam casar com o homem escolhido por seus país.

. . .

Uma noite cu tive uma longa palestra com uma camponesa (bessárabe ou grega, não quero precisar demais, porque poderia fazer que a mandassem para a Sibéria). Essa mulher me transmítiu a mais pungente versão do modo pelo qual a mãe soviética pode dispor de seus filhos, o que perdura durante toda a sua vida:

"- Nós não somos comunistas - dizia me ela - porque não sabemos exatamente o que é que isso significa. Em nossa aldeia os comunistas são uns intrigantes. A "política", e eis

(udo. Desgraçado de quem não pensa como éles.

"Mas nos fomos boschevistas desde o principio. Meu marido se bateu na guerra civil, sez parte do primeiro soviet e morreu em consequência de seus serimentos. Quanto a mim, não passo de uma pobre mãe que quer criar seus filhos — o menino e a menina que ali estão — o mais honestamente postivel. Ninguém aqui é adversário do regime nem praticante. Ninguém nos pode querer mal por isto. E no entanto privam-nos de qualquer possibilidade de ganhar nossa vida. Por que? Porque digo a meus filhos que não devem increver-se na Juventude Comunista, e êles concordam comigo. Pois esses Comsomola passam cantando e cospem nas vidraças da casa paterna, insultam os velhos e intrigam entre si, mais do que os adultos. Isso é que é ser comunista?"

单 排 市

Saiba o leitor que testemitahos como este que acabo de referir, assim como outros que eu podería trazer, a favor ou contra o regime, não intervirão neste livro senão muito raramente, por simples acaso, e nada significarão, a não ser que pretendi me exprimir de um modo de preferência a outro qualquer. Contrariamente a meus predecessores simpáticos aos soviets, não trago uma coleção de testemunhos pro e contra, copiosamente recheados de imparcialidade. O testemu-

nho, sou cu. A imparcialidade, ignoro-a. E não pratico a

simparia ou a antipatia, porém o amor e o ódio.

O que refiro aqui, são convicções que me custam caro e que um dia me poderiam custar a vida. (Seria justiça: não adorci, em minha vida, senão o que me custou muito caro). Hoje em dia, quando a vida me assesta golpes capazes de derribar um hipopótamo humano, mais do que nunca me agarro a meu amor e a meu ódio. Daí as minhas convicções, filhas de minha tê nos homens, que eu amo, que odeio e que tanto gostaria de servir.

Lembrem-se que, ao chegar à Rússia, andei dando umas palmadas na canalha egoista e prudente dêste ignóbil Ocidente. Indo seis meses depois pedir ao Embaixador de França que visasse meu passaporte, primeiramente êle me colocoa aquelas palmadas sob o nariz e depois, muito dignamente, sem exigir de mim coisa alguma, permitiu meu regresso. E sempre a mesma linguagem que mantenho para com aquela canalha, que não sacrificaria um cabélo da cabeça para salvar uma humanidade louca, mas... Mas agora sou um vencido. Aqueles que cu julgava, duro como pedra, poderem apoioar-me, são também canalhas, uma espécie de canalha que sacrificaria tudo pela salvação de sua cara doutrina, esmagando inocentes.

Como poderia eu então medir os térmos, consultar meu incompreensível caderno de notas e contentar a Deus e ao Diaho? Só sei de uma coisa: sei que uma esmagadora maioria de homens de minha classe alcançou o poder; que ao chegar ao mesmo, começou logo a empanturrar-se e que, com a bóca cheia, afasta de sua mesa e deixa morrer de fome a todos os irmãozinhos que não são de seu aviso. Quando se dá isso — e veremos até que ponto — que desejais que me façam os testemunhos, os documentos, a imparcialidade, a simpatia e toda essa barafunda?

Que quereis que me importe até mesmo o fato de, sóbre o assunto, escrever ou não escrever um livro? Uma página, uma linha, um forte grito sólto a todos os ventos, seria suficiente. Porque a dor, como a alegria, surge espontânea da terra, para viver na eternidade.

Quando eu tinha meus dezoito anos, passava minhas noites sórinho, em companhia de um amigo ou de dez — a procurar o sublime nos livros e no coração dos homens. Ainda me encontro assim, com a diferença que naquela ocasião as livros eram escritos por um Balzac e os de Mme. de Stael ainda eram sagrados, ao passo que hoje em dia os Balzac desprezam o sublime na literatura e as Mmes. de Stael anunciam o aparecimento de seus livros mais ou menos assim:

"O' homem! Se tu soubesses... Tu és irresistivel."

Mas, minha senhora: somos mesmo irresistiveis, sabemôlo perfeitamente. E depois? Depois, somos todos do mesmo sacerdócio, não é?

Ignóbil Ocidente, meu pobre Massis, fósse éle católico desde a cúpula de suas academias até ao Palácio da Rue de Provence!

\* \* \*

Sim, o mundo perece por todos os lados, por cima e por baixo. Entretanto, se éle tem razão de morrer por cima, onde já den tudo o que podia dar, protesto em face dos céus contra a imoralidade de baixo, que chega antes da hora! Não protesto contra as massas. Estas, as miseráveis, têm sempre tido fome e nunca pensaram no sublinae senão atravês de sua barriga. São dignos de absolvição. Mas como absolver os que saem de seu seio, se proclamam sua elite, se impõem salários limitados pela galeria, mas, no silêncio, açambarcam, sufocam, esmagam, furtam, violam, matam?

Não está ai, para todo o sempre, a falência moral de

uma Revolução?

E'me absolutamente impossivel fazer o balanço dessa imoralidade. Ele encheria volumes e compreenderia toda a hierarquia, do cume à base, na U.R.S.S. e na Internacional, alguns por estarem envolvidos na imoralidade, outros por terem visto fazer e nada haverem dito, todos por tudo saberem e tudo ocultarem aos olhos do mundo, que pelo menos rem direito à esperança.

Dentre éstes últimos, culpados de cumplicidade, o mais culpado porque é o mais alto colocado na estima mundial, é

Maximo Gorki.

Máximo Gorki saiu mais de baixo que muitos e tinha o dever de ficar o mais perto possível desse baixo. Não o fêz. Eis a prova:

Na Rússia (e pode-se dizer a mesma coisa do resto do mundo) não se precisa absolutamente de conhecer a língua do país, se se quer saber o que se passa. Não se precisa nem mesmo de conhecer, como eu, dois dialetos falados por dois povos que têm suas Repúblicas: o moldávio e o grego. E posso dizer que a Verdade é acessível até a um surdo-mudo, quando procurada.

O que é muito dificil de obter na Rússia, quando se é estrangeiro e semi-oficial, como eu o fui, é a confiança do povo. Mas uma vez de posse dessa maravilhosa chave, todas as portas da Verdade se abrem diante de nós como por encanto. Então, em russo, em turco, em chinês ou por meio de sinais, mesmo os oficiais nos dizem o que há, sem esperar que aprendamos sua língua, pois nesse caso seria necessário aprender duzentas delas.

Ora, Gorki não precisava de aprender coisa alguma, porque sabia tudo. E toda a humanidade que lê sabe que êle sabia pois êle próprio o disse, e de maneira a arrepiar os cabelos. Mas naquela época os oficiais tinham o direito de cometer faltas. Depois, não as cometeram mais. Instalaram conscientemente a injustiça em sua terra. Corromperam vastas camadas sociais e mais particularmente os miseráveis, afim de conseguirem maiorias e para governarem. Sua corrupção é das mais desumanas: se quereis comer, mesmo migalhas, deveis estar na "linha"; deveis também denunciar o camarada irmão que se recuse a isso.

Foi assim que a Rússia chegou a essa ignominia que o mundo jamais conheceu: atirar a metade da mesma classe contra a outra metade, comprometer a que come e late, desmoralizar a que jejua e cerra os dentes. Mais ainda, ela matou o futuro, pois os quadros dos Comsomols, os quadros da juventude estão inteiramente podres.

Quando julgaram todo o Comitê das Juventudes de Leningrado – convencido de fraude, de delapidação, de estupro, de orgia e até de crime de direito comum - um juiz inquiriu de uma testemunha:

Como é que procedícis para só recrutardes semelhante escória social?

 Dos aderentes exigia-se apenas que estivessem na "linha", foi a resposta.

Com tais aderentes é que se compuseram as maiorias "disciplinadas": as que andam pra frente. Foi com sua ajuda e em nome do proletariado, que condenaram à fome e enchetam as prisões da Sibéria de trabalhadores denominados "traidores" e que são apenas revolucionários, nessa União Soviética que, hoje em dia, recebe no seio de seu parlamento supremo, o Tsik, Máximo Gorki.

Depois de minha partida da Rússia e até a publicação destas linhas, serão passados nove meses. Ter-me-ia sido fácil publicar êste livro; seis semanas após men regresso a Paris. Não o fiz. Conservava algumas esperanças, mormente a de ouvir troar a grande voz de Máximo Gorki.

Em Moscou, em sua casa, durante as três horas passadas em sua intimidade, éle não quis falar. Sua fisionomia sincera, dominada por dois olhos que podem ser tudo o que querem, permaneceu firme. E patinhamos na banalidade, Mas o que Gorki não devia a mim, éle o deve ao mundo que o estima. Deve-o sobretudo aos que se fazem esmagar por todas as maiorias: a seus vagabundos que são sempre uns vencidos — senão à classe operária, que fornece e mantém seus propries tiranos.

Porque virá o dia em que os vencidos terão voz no capitulo, acima de todas as classes; e, em tal dia, vozes terriveis interrogação Máximo Gorki, que não mais poderá responder, para desgraça de sua memória.

Eis al minha confissão.

16 MESES NA U. R. S. S.

#### SÖBRE A VIAGEM

Não devem esperar que eu narre pormenorizadamente e de modo pitoresco, como sem dúvida valeria a pena, tudo o que percorri, vi, senti e pensei, entre 15 de outubro de 1927, data de minha partida de Paris, e 15 de fevereiro de 1929, data de minha volta. Isso não é possível por vários motivos, dos quais o mais forte é que já não tenho coragem de fazê-lo. Eu fui até lá com idéias e entusiasmos que sossobraram no caminho.

Ademais, tivesse eu ainda vontade disso, um temor reterme-ia: com efeito, eu seria obrigado a citar nomes, fatos, dramas intimos e várias localidades e entregaria assim a uma perseguição impiedosa milhares de inocentes. E mesmo que se tratasse de verdadeiros culpados, eu não gostaria de os denunciar, porque não é aos pequenos roedores que detesto, mas aos grandes e sobretudo a seus métodos de "revolucionar" o mundo.

Afinal, sou ainda retido pelo espaço que essas denúncias ocupariam, o que me impediria de fazer obra mais útil, como o tento nestes três volumes.

Pensem nessa viagem, de mais de vinte mil quilómetros — em estrada de ferro, em navio, em automóvel, a cavalo e em carroça — que começou em Alexandrovsk (pequena localidade de pescadores lapões situada à entrada do Oceano Glacial Artico no golfo de Kola, acima de Murmansk) e que me levou aos pés da Acrópole. Entre essas duas extremidades eu milei duas vezes de Moscou ao Gâucaso, três vezes pela Ucrâma, quatro vezes de Moscou a Leningrado, e depois pela República da Moldávia, pela Griméia, pelo Volga.

Ser-me-ia necessário encher quatro volumes de dimensões médias: 1.º — Moscou-Leningrado, Carélia, Norte da Rúsña; 2.º — Ucrânia, Moldávia, Criméia; 3.º — Volga, suas cidades, seu delta, o mar Cáspio; e 4.º — a Transcaucásia.

Em todos êstes volumes, para eu alcançar o fim, preciso absolutamente não fazer "literatura". Os acontecimentos, os homens, suas narrativas, suas tragédias e um pouco de mim, são suficientes, porquanto por toda a parte eu vivi. Não deslizei como turista. Fosse um mês, uma semana, um dia ou nada mais de uma hora, eu vivi, quer dizer: entreguei-me aos homens; e quase sempre êles se entregaram a mim tais como eram, bons ou maus, herois ou canalhas. Comemos, bebemos, cantamos, dansamos e às vezes dormimos juntos. Quase sempre nos inebriamos com essa comunhão. Ao mais ignóbil dentre êles raramente recusei meu tempo, minha intimidade, meu ardor, porque o mais ignóbil encerra às vezes um grão de sublime e, por conseguinte, merece que lhe dispensemos boa vontade.

Vi recantos em que homens que viviam juntos havía muito, sem que um conhecesse o coração do outro, exclamavam inesperadamente em meio à alegria geral:

- Nunca nos amamos tanto quanto depois que estais entre nos! Voltai! Ficai!

E éi-los a se atirarem uns aos braços dos outros. Nem sempre se inebriando. Estava-se ébrio de vida, de sofrimento, de esperança.

Oh, vós, vós todos que arrancastes de mim a promessa ou a quem a fiz, espontâneamente, de voltar e de construir uma isbă entre vós: talvez eu nunca mais vos vejal

Tudo não passa de ilusão. Mas não consiste nisso toda a vida?

#### UMA PERGUNTA

Admitindo-se que denominassem impropriamente a minha Reviravolta, ou, como já escreveram em Moscou na Litteraturnaia Gazeta: "Panait Istrati duas-caras" (1) — poderiam, ogora que penetramos na Rússia, fazer-me a seguinte per-

 Será que você não se achava mesmo a par de tais processos, antes de ir à Rússia ou logo depois disso? Pois v. era conhecido antes como bolchevizante.

Eu respondo:

Bolchevizante — quer dizer: pela tomada do poder pela classe operária e pela destruição do capitalismo — eu sempre o fui e serei, dentro das condições que se verão quando houverem lido éste livro. São todas elas elogiosas a um bolchevismo à Lenine, à Trotsky, à Djerzinski e todos os heróis da Revolução de Outubro que não se tornaram os próprios assassinos de sua obra.

Acrescentarei que não há nem reviravolta, nem "duascaras", pela simples razão de que — após ter vivido 16 meses na U.R.S.S., ocasião em que eu poderia escrever e publicar facilmente pelo menos 16 artigos bolchevizantes, senão cinquenta, e pinguemente pagos — não me poderão mostrar três que sejam tais, nem uma entrevista, nem um discurso que tenham sido vistos ou corrigidos por mim. Tal reserva é desconhecida dos Amigos da U.R.S.S., dos quais eu sou, em França, um dos dois vice-presidentes de honra.

"Duas caras"... Pobre ralé. Caras, cu tenho trinta e seja

mil, mas não para as Litteraturnaia Gazeta.

Quanto à questão em si: Achava-me eu a par? Respondo: não. Não há um décimo do profetariado comunista internacional que saíba justamente o que se passa na Rússia, do contrário o Partido inteirinho desertaria e outro partido bolche vista se formaria, sôbre bases novas, honestas, e que não atribuiriam mais aos chefes um poder ilimitado.

Como pretender que o soubesse o operário da usina — pobre quotista disciplinado e cabeça cheia de leitura não digerida — quando êste seu servidor, que desfruta da amizade de um Rakowsky e lê quase tudo, por um lado não sabia de nada e por outro não queria saber de coisa alguma.

<sup>(1)</sup> Após minhas entrevistas de fevereiro e março de 1929 Nouvelles Littéraires e a Monde

Nós ambos tínhamos razão, tanto eu como o operário da usina: a Revolução está colocada tão alto nos céus, que não é com esses ovos podres da oposição que se consegue fazê-la descer entre os homens e provar que ela não é hoje em dia senão um mito, mas um mito que possui as virtudes da Fênix. É quanto às informações fornecidas por intermédio de inimigos do proletariado, assim como por livros de escritores burgueses honestos, os primeiros não entram em linha de conta e nenhum de nós pode aceitar as suas sujeiras, e os segundos não sabem como vão as coisas e fazem poesia ou então, deixando de lado o essencial, se desatinam.

水 准 法

Sòmente a Oposição e seu chefe Trotsky estariam em condições de esclarecer a opinião das massas, mas até hoje ainda não dispõem de meios à altura do desastre. Além disso, os membros da oposição se entendem mal, muito mal, formam capelinhas de que mal chega até nós o rumor. Finalmente, inúmeros membros da oposição são tão nulos e comprometidos quanto os do partido oficial. Trotsky — o bolchevista de consciência inalterada, de crédito intacto, o mais capaz de todos e o mais dotado — deverá prestar muita atenção aos enfermeiros de que, um dia, se vai envolver, quando for preciso pensar as chagas de uma Revolução que não passa de chagas. Aprecio o destino dêsse homem e tenho confiança neie. Não é possível que êle não saíba aproveitar-se da horrivel experiência que tem sob os olhos e que conhece melhor que ninguém.

Também de sua Oposição, eu não sabia coisa alguma e nada queria saber, antes de ir à Rússia. Eu pensava: "Ora essa! onde há pântano, há rãs; tudo não deve passar de uma questão de poder, simples cisão produzida pela morte de Lenine". Pensei isso ainda durante meses, na Rússia, verão como.

Quanto ao próprio Trotsky, en via perfeitamente que havia anos uma nuvem de silêncio cada vez mais opaca o envolvia, mas como poderia en desconfiar que lhe preparavam o caminho de Alma-Ata, o de Estambul e o epiteto de "contra-revolucionário"?

Pessoalmente, pode-se dizer que não nos conhecemos; e até o momento — quando digo dêle o bem que penso, da maneira mais desinteressada — ainda não lhe escrevi uma só carta, nem daqui, nem enquanto me achava às margens do Cás-

pio, a uns dois mil quilômetros de sua Bastilha.

Mas nos apertamos as mãos uma vez, e éle ficará espantado ao sabê-lo. Foi, se me não engano, em 1911 ou 1912, em Bucareste. Nina Arbore — irmã da doutora Ecaterina Arbore, que eu devia encontrar mais tarde Comissária do Povo para a Saúde Pública da Moldávia soviética — veio um dia me perguntar a queima-roupa:

- Queres ver uma grande ave migratória?

- Quem é?

 Um exilado notável: Léon Trotsky, antigo presidente do soviet resultante da Revolução de 1905 e o mais brilhante orador e publicista da Rússia revolucionária de nossos dias.

- Se quero vê-lo! Vamos depressa.

Ela me levou ao Hotel High-Life, na praça Episcopie. Num quarto exiguo, Léon Davydovitch, com sua cabeça clássica, seus olhos ferozes e vestido de blusa preta, permanecia de pé junto ao leito. Não conhecendo nenhuma lingua curopéia, não fiz mais do que olhá-lo como um burro para um palácio. Todavia, perguntei por que razão éle trazia uma titusa preta:

- Porque sou pessimista, respondeu éle gracejando.

#### A PARTIDA

#### CHRISTIAN RAKOWSKY

#### SIEBEJE

Já falei aliás dessa partida precipitada e do embaixador decaído, em cuja companhia fui até Moscou. Mas agora estou em casa, posso me completar, acrescentar pormenores, o que não poderia fazer em nenhum Monde do mundo, que nos chama de braços abertos, para nos fechar a porta no carriz, desde que pretendemos permanecer um homem.

Ab, a liberdade, a liberdade! Daria todo o meu sangue

por ela.

De Rakowsky, a pedido da revista Ogoniok, de Moscou, en escrevi em 1927 um "perfil" que acharam excelente, o qual por pouco não apareceu mas acabou não aparecendo mesmo, numa hora em que Rakowsky ainda era embaixador, porém em que sua desgraça já estava decidida havia muito. Ora, meu artigo não continha absolutamente qualquer tom de polémica, pois então eu me achava muito longe de pensar o menor mal dos membros dirigentes do partido oficial. Que dizeis dessa beleza? Dirijo-me ao operário, a quem pergunto se tal tirania lhe agrada.

Quanto a mim, saíbam os membros da oposição que, se pretendem preparar uma segunda edição daquele bolchevismo, encontrarão em mim um inimigo implacável, um inimigo solitário que morrerá pelo que considera o primeiro bem do homem: o de poder se exprimir à face dos céus, como camarada ou como adversário. Lenine permitu a seus adversários que se exprimissem: e, dentre todos, Gorki lhe disse as coi-

sas mais cruéis, frequentemente as mais abominávelmente in-

justas e vergonhosas.

Replicar-me-ão que aquela liberdade, em dado momento, quase custon a vida à Revolução. Respondo: vossa tirania matou-a com muito mais certeza. E não é a entrada de outro Gorki na confraria de hoje que a ressuscitará, em que Vos peser

È triste que en deva falar com tal dureza a homens que são, afinal de contas, as vitimas de um sistema cujo advento não se lhes pode censurar, porém isso é mais forte do que eu. Conheciam-me. Não me deviam convidar para as festas do aniversário. E o mais faltoso é Rakowsky, a quem mterroquei antes da partida sobre "o que é a Rússia soviética" e que me deu esta resposta de diplomata:

Se olhares a superficie, não ficarás contente. Mas se

souberes ver, gostarás de nossa Revolução.

Eu era capaz disso. Como se a Revolução pudesse ser confundida com a feitura humana. Eu teria preferido que me dissessem sinceramente o que è que havia por lá e o que è que eu não podia ver com meus olhos sem clamar aos cens Mas esses bolchevistas são mudos como túmulos, mesmo quan-

do são nossos amigos e velhos camaradas.

Rakowsky não constitui exceção. Jamais pude obter dêle a menor confissão, uma daquelas confissões de que até hoje cu tenho sido confessor cem vezes. Em França, eu lhe perdoava o silêncio. Ele era embaixador. E eu era o que fala. Porém êle guardou o mesmo silêncio durante tôda a longa viogeni. Em dado momento, ao entrarmos na Alemanha, fizlhe esta pergunta a que uma resposta franca teria bastado para revelar-me a atitude verdadeira da Oposição e a sorte que ela devia suportar a breve trecho; perguntei-lhe;

- É mesmo a França que te expulsa ou são os teas que

te destituem?

Como resposta, éle tirou o relógio e disse:

- Estaremos em Francfort lá pelas onze horas da noite. Estas com muita fome?

Dito de outra maneira: "Guarda tua lingua para comeres chuccute em Francfort".

E no entanto, mais de uma vez êle me havia dado provas de uma afeição sólida, ora vindo em meu auxílio, em minha miséria envernizada de "contista oriental", ora recebendo-me na maior intimidade.

Em nosso compartimento diplomático, percebendo en um dia a manga de sua camisa esfarrapada de velhice, um estupor misturado de admiração levou-me a fazê-lo notar isso:

- Realmente, Christian: eu sei que bolchevistas como tu não conhecem o emprégo pessoal de fundos secretos, mas teu salário é assim tão insuficiente que devas trazer uma camisa como esta?

Ele defendeuse ainda:

- Só dizes besteiras! Deixa minha camisa tranquila.

Mas uma vez êle me disse na embaixada:

- Quando eu não fór mais nada e tiver de ganhar meu pão como um médico que esqueceu a medicina, se fores rico me ajudarás, a teu turno, não é?

Ele acabava justamente de me conceder um adiantamento, devidamente justificado pelos meus livros editados na Rússia e cujos direitos autorais, na falta de convenção, não me eram devidos. Ele o fizera por sua conta e risco. E en tomara sua reflexão por um gracejo. Como é que a Rússia soviética poderia passar sem um diplomata como Rakowsky?

Pobre de mim! Eu o compreendi melhor um ano depois, quando soube que o embaixador da véspera fazia sua mulher vender objetos de sua casa modesta em Moscou, para comprar pão.

Mas tornaremos a encontrá-lo em seu exílio de Astrakhan, onde passei oito dias em sua companhia e apanhei, com

ele, a malária.

Dessa viagem memorável, conservo a bela recordação de nossa chegada a Sibiege, pôsto da fronteira soviética no caminho de Riga, volta que demos para evitar passar por Var-Movin.

Bela recordação... E maldita seja a vida que deturpa

todas as belezas de que é tão ávida a nossa alma. Quantas vêzes não terci eu de soltar esta exclamação, nessa viagem que ora refaço no papel! (Felizmente, já não quero tornar a passar por tôda a parte, nem tudo reviver, pois eu quebraria minha pena.)

Já se escreveu muito, e às vezes com alguma emoção, sôbre a entrada do trem na Rússia, assim que êle passa sob o famoso arco vermelho com o mandamento terrivel, semelhante a uma predição do futuro, em parte realizada: PROLETA-RIOS DE TODOS OS PAISES! UNI-VOS!

Oh, irmãos meus de desventura! Uni-vos uma vez por todas e ide em massas compactas, aos milhares, ver aquilo! Uni-vos e ide sentir vossos corações rebentar no momento da entrada majestosa do trem vermelho, em terra vermelha, por baixo do arco vermelho com letras de fogo!

Se algum dia vos foi dada ordem, partida das entranhas de um amigo, ci-la aqui:

#### PROLETARIOS DE TODOS OS PAÍSES! UNI-VOS!

Uni-vos e não envicis mais delegações de imbecis, para não verem nada e não contarem nada. Mas ide sòzinhos, sem guia, sem chefe, e sentireis mais do que todos os chefes do mundo, mesmo que fósseis irracionais como vossos pés.

Pois não é a inteligência sem coração que faz daqueles milagres, mas só os dois juntos, ou melhor, o coração sòzinho - e coração vós tendes. Senhor, para deixar toneladas déle em todas as trincheiras, em todas as barragens de arame farpado e em todas as engrenagens de vossos suplícios mecanicos.

É com o sangue generoso de vossos milhões de corações, que aqueles arcos de triunfo e aquelas letras de fogo das fronteiras soviéticas, foram pintados e abrasados. E se um dia tiver de esboroar-se tudo o que construistes e sonhastes constuir lá - pois bem: do primeiro ao último dos mercenários que se lançassem ao assalto da União Vermelha para devorála, um único não passaria sob aquela anunciação de vosso destino sem cair fulminado de terror!

Lá está tudo o que continua a viver, lá, atrás das Revoluções que os homens assassinam.

## EM SOFIJSKAIA NABIEREJNAIA

Chegamos a Moscou numa linda manhã. Na estação, nada que provasse, por parte do govêrno, a menor das atenções devidas a um grande embaixador, mesmo decaído. Assim, nem um simples carro, nem uma dessas luxuosas limousines que carregam rebutalho burocrático e nas quais eu mesmo devia rodar tanto, é verdade que nuns mais ou menos calhambeques. Nada. E a mão do antigo Presidente do Conselho dos Comissários do Povo da Ucrânia, que assinara rantos documentos em Genebra, em Londres e em Paris, não foi ali apertada por ninguém.

A guarda pessoal de Rakowsky, um letão de proporções atléticas e inteligentissimo, foi procurar um taxi, enquanto os tovarichtchi fotógrafos repórteres assestavam sóbre nós as suas objetivas.

Christian não se prestou a isso absolutamente.

- Por que te esquivas tão maldosamente? disse-lhe eu. files fazem isso para ganhar seu pão.

- Neste momento, eles não sabem o que fazem, retrucou-me êle. Poupo-ihes uma gafe e algumas chapas perdidas.

Enquanto esperava que a instituição de que eu era convidado, a Voks, cuidasse de me arranjar um abrigo, acompanhei Rakowsky a Sofijskaja Nabierejnaja, onde se acha a residência dos diplomatas, palácio imponente, outrora domicilio de um um rei do açúcar.

- Não ficarás mal acomodado aqui exclamei ao entrar. Meu amigo contentou-se com sorrir. Via éle já chegarem os pántanos de Astrakhan, que dentro em pouco lhe deviam abalar a saúde para o resto da vida?

Levaram-nos diretamente à sala de jantar, onde o bom chá de que tanto gosto, acompanhado do copioso almôço russo, não tardou a nos ser servido. Depois, Rakowsky me introduziu num suntuoso salão. Foi ali que vi surgir de um quarto contíguo, um homem baixo e gordo, de andar cambaleante, de rosto plácido, mas cujos olhos incolores me fixavam de modo penetrante. Estava de chinelos, sem colarinho e trazia um jaleco e uma calça de meia pataca. Tomei-o por um criado.

- £ Litvinov, cochichou-me Christian. A mulher déle

dá aulas para viver.

Senti crescer em mim uma profunda admiração, aquela mesma para a qual meu coração já estava preparado por tudo o que eu ouvira dizer da austeridade de costumes dos chefes bolchevistas, a qual - não me levem a mal! - foi real até um grau desconhecido dos homens de estado burgueses e, até certo ponto, ainda o é.

Fui-lhe apresentado. Apertamo-nos as mãos. E foi tudo. É verdade que não podia ser de outro modo, mas esses diplomatas, que sabem quantas vezes por dia bebem esse e aquele de seus colegas dos antipodas, não subem suficientemente quantos ciclones de amor desencadeiam na alma de um homem da rua quando respondem a um Chamberlain justamente aquilo que Litvinov devia um dia responder-lhe em Genebra:

- Vós, bolchevistas, não pensais senão nos patifes que

vos ouvem.

- Perfeitamente. São os interêsses de tais patifes que

pretendemos servir!

Foi mais ou menos isso. E tratava-se de bolchevismo do mais autêntico. Por que então não dar à palestra um pouco de calor, quando se é homem tão grande e tão simples? O patife não tem senão ventre. Já foi escrito que só Lenine devia ser psicologo para isso.

Durante mais de uma hora, assisti, como um estranho, a seu colóquio frio e ali me aborreci horrivelmente. Nenhum sinal em suas fisionomias que pudesse trair a mínima fraternidade. Duas máquinas idealistas, apaixonadas por precisão.

Que trarão clas so mundo?

Pão?

A impiedosa tenaz da vida a todo vapor agarra cada vez mais o pobre coração humano. Entre o grito rouco do homem de além-Atlântico, que quer viver só e o vagido metá-

lies do behê feroz, que quer vencer sòzinho, não há mais higar para o sonho. Nem para o amor. Nem para a pie-

Estás comigo ou contra mim, mas não te metas entre minhas pernas? É a luta final que devora tudo, os meios e os

È preciso caminhar; sim, è preciso,

Eu caminho. Com o bebê feroz. Mas não deixarel uni só instante de lhe berrar ao ouvido que o mundo espera dele. luuiça, e não Vitória.

### PRELODIOS DE FESTAS E DIVAGAÇÕES DE HOMEM SOLITARIO

Moscou em ebulição não tinha mais lugar para alojar um ramondongo. E camondongos, assim como ratos, havia lá uns mil chegados de todos os recantos da terra. Todas as raças. Todos os apetites.

O Maior Estado do mundo é o mais pobre, arruinava seu resouro para fazer face ao acontecimento. Podia ser de outro modo, e será útil, a ésse respeito, fazer acrobacias em dra-16002 Estou aqui inframente para dizer a verdade, neste tom de confissão do início, e crer-me-ão muito mais fácilmente porquanto, (di-lo-ci agora ou nunca mais), cu mesmo participei

É verdade que nos encontrávamos diante de uma colossal tentaciva de bolchevisação sentimental, desta vez baseada na generosidade de "espíriros independentes" que haviam sido convidados para que vissem o proletariado em ação. Não oprovo absolutamente essas tentativas, direi porque, mas devem ser aceitas como um fato, desde que se admita que não se pode edificar o socialismo num único país, sendo pois necessirio cuidar de o propagar a tôda a parte e aproveitar tôdas as circunstâncias. O décimo aniversário era uma delas.

Os hóspedes, que Isaviam sido convidados um pouco apressadamente e eram o que o mundo dos "espíritos independentes" de hoje oferecia de mais cômodo ao alcance do governo bolchevista, não podiam, por sua vez, senão olhar n que lhes mostravam, e dizer o que era conveniente.

Eis todo o malentendido. De um lado, como de outro, haviam invertido a moral do ditado romano, segundo o qual aquele que faz o que pode, diz o que sabe. Os comunistas baviam feito o contrário do que podiam. Isso não devia dar cerso. Mas os convidados diziam o que não sabiam. Isso lhes devia ir a calhar: porque para ladrão, ladrão e meio.

Quando um Estado proletário — que deve antes de tudo ser moral e não é o mais pobre senão porque o quer — coloca tóda a sua sorte na trapaçaria, não pode encontrar em seu caminho senão trapaceiros. E aqui não estão em jôgo apenas as festas, mas tóda a tática comunista.

Os espectos idealistas de todos os Politbureau e de todos os Comintern, orgulhosos de seu grande saber político e doutrinal e de sua ciência da rebelião das massas, acham-se a teimar em vão: quando se quer construir, é preciso saber fazer antes o tijolo, e, tijolo, a classe operária só sabe fazer na olaria, sob a direção competente e responsável de engenheiros. E isso e não outra coisa qualquer. Podem me mandar consultar Marx e Lenine o quanto quiscrem: é isso mesmo no entanto, sei eu por uma experiência e uma compreensão da vida de que não podem dar testemunho uns homens que, em tôda a sua existência, nada mais fizeram do que rebuscar textos e falsear-lhes o sentido.

A classe operaria faz tudo e lhe devem tudo. Está bem. As ovelhas também se devem tudo entre si. Com a diferença que, para tornar felizes as ovelhas, basta exterminar todos os carnívoros da terra, inclusive o homem — ao passo que o exterminio de todos os devoradores de ovelhas humanas não bastaria para fazer felizes a estas últimas. Por outro lado, é necessario ensinar-lhes como se fabrica essa erva complicada que e o seu meio de subsistência e, por outro lado, preservi-las contra a iminente metamorfose da ovelha humana em lóbo humano, ou meihor, desumano, o que não se dá com os carnéiros.

Consiste nisso todo o problema. Ora, não o resolvemos excitando os apetites com o apelo sedutor;

- Quem quer estar conosco? Eis aqui o inicio da felicidadel  Eu, enf responderá um negro, chegado lá dos confins da África ao Congresso Mundial dos povos e raças oprimidos.

- Tu? Como és gentil! Pojaluista!

E tomais ésse negro, empanturrando-o de comida, exibindo-o em cima de tudo quanto é tablado, fazendo-o dizer uma parção de besteiras e em seguida, para embasbacar o canibalismo universal, vós o instalais sóbre o trono ensanguentado dos Romanov e o fotografais.

\* \* \*

Fizeram isto em Moscou e cu somente o soube tarde demais. Do contrário teria voltado imediaramente. Como todo mundo, en via um negro de uma impertinência digna de sopapos. Ele se precipitava em tódas as tribunas, sóbre tódas as bancadas, deleitava-se ante todos os palavrões do comunismo de parada, soltava grambidos de fera aos sons da Internacional e nos impelia, em qualquer circumstância, a tomar a palavra a seu exemplo e a berrar bravos à U.R.S.S.

Era um espetáculo de dar nojo.

Um més antes de meu regresso, ao entrar na loja de um fotógrafo de Tverskaia afim de obter um retrato para meu passaporte, notei ali um quadro enorme. Era o negro. Escancarando as mandibulas num riso de escárnio, braços e pernas arreganhados, com todo o corpo empinado numa posição indecente, lá estava éle sentado numa poltrona suntuosa. Olhei mais de perto e vi, em cima de sua cabeça e destacando-se em relêvo, a coroa e as águias imperiais.

- Não é o trono do czar? perguntei ao fotógrafo.
- E sim.

— Queira me arranjar três fotografias dêle, de 13 X 18. Custava-me voltar aos meus sentidos. É isso não era tudo, pois, procurando informar-me, soube que o nosso negro, memno do "Partido de Lenine" e tesoureiro duma organização comunista de negros, limpara a sua tesouraria e se fizera expulsar apesar de não ser da "oposição".

Depois disso, antes mesmo, certa princesa russa, não muito mal instalada com um "sábio" comunista "na linha", podia

escrever a uma grande consciencia amiga (para me espionar, e em seguida a mim próprio para mo confessar e me pedirdesculpas), que circulava em Moscou toda a sorte de boatos sobre mim - mas nem por isso ficarei menos convencido de que o trono do czar, dez anos após o assassínio do tirano, pode ser queimado em praça pública se necessário, mas não transformado em objeto de palhaçada mundial. Além do mais, continuo convencido de que, quase sempre, ser princesa, até mesmo poetisa, não quer dizer coisa alguma, a despeito de acrescentar a esses atributos a adesão ao comunismo, tal

E para dizer tudo, não creio que a classe operária tenha qualquer coisa a lucrar, suportando que em Moscou se ofereca, hoje, o trono do czar as nádegas de um negro escroque. amanhã a coroa do mesmo czar às mãos de um grande escritor francês, ambos igualmente "na linha", e que se fotografem aquele negro escroque e ésse grande escritor, cada qual munido de seu despojo real, o negro sob seu traseiro, o escritor em suas mãos e a mostrá-lo bem alto, nas capas das revistas, como se se dissesse ao proletariado que não se podendo fazer trigo, pelo menos se faz aquilo, o que já é alguma coisa enquanto se espera por melhor.

Não. Não é assim que eu compreendo que se seja revolucionário.

# EM TORNO DAS FESTAS DO 10,0 ANIVERSARIO

Ao chegar eu soube que amontoavam os hóspedes menos notaveis e mercedores de menos consideração, aos dois, três e quatro, num quarto só, mas que em compensação alojavamnos em grandes hoteis. Isso me contrariou. Não gosto de camaradagens impostas. Já suportei isso demais antigamente. Por isso mandei dizer a Voks que me contentaria com uma mansarda, no menor dos hoteis, desde que en ficasse só. Se possivel. Se não, tanto melhor,

Satisfizeram-me. Para começar tive um bom quarto no Hotel Internacional, na Tverskaia. Vizinhos, à minha direita, Francis Jourdain e Léon Moussinac, na mesma peça. Moussinac estava doente, de cama. Jourdain, com a cara

cômicamente assustada, deambulava, atordoado pelas visitas que lhe haviam obrigado a fazer e pelos discursos em russo, alemão e outras linguas, que teve de aguentar pacientemente. Na Rússia fomos muito hons amigos, sempre de acórdo; mas que é que nos sabiamos?!

Pois é preciso ser justo - um pais, e sobretudo que pais, não nos convida para mostrar-nos suas cloacas. É uma estupidez querer mai aos comunistas russos por causa de sua mania de exibir o bem que têm realizado e só o bem. Por que éramos nos la alimentados, hospedados e conduzidos, como paxás, entre Leningrado e Tiflis, à custa da princesa em mulambos? Certamente, não para que expusessem a nossos olhos suas calças remendadas, à guisa de lembrança a carregar.

A questão é muito diferente se, declarando-nos prontos a defende-los com o risco de nossa vida, pedimos-lhes contas e lhes rogamos que nos informem quanto custa aos trabalhadores soviéticos essa edificação de parada, inclusive a manutenção da formidavel malta de ladradores da Internacional. Entretanto, para defendê-los mesmo com o risco da vida, não se encontrariam vinte entre os dois mil convidados às festas de outubro, que estivessem realmente dispostos a fazê-lo. Isso cra de furar os olhos. Salvo alguns homens fategros e realmente devotados à Rússia, dos quais o modelo, a meu ver, era o excelente escritor alemão Arthur Holitscher, em cuja companhia percorri o Cáucaso; o resto não passava de un. amontoado de aproveitadores de ocasião.

Eis por que, desde o inicio, seu Congresso Mundial não me disse coisa que prestasse e en o declarei logo, escrevendo o artigo Em torno de um congresso. Entregue ao representante de Humanité, onde justamente haviam cometido a gafe de publicar em editorial algumas entusiásticas impressões sóbre minha chegada, aquele timido artigo embaraçou terrivelmente o pobre redator. Pierre Naville se apoderou déle e publicou-o em Clarté, não sem acompanha-lo de uma introdução em que, tomando-me pelas permas, atirava-me à cabeça do órgão oficial do Partido francês. Dai, uma frieza repentina em nossos amores de namorados recentes,

E no entanto, o artigo era inteiramente encomioso à U.R.S.S. Mas en não podia deixar de constatar que seus hóspedes lhe escamoteavam qualquer coisa. A multidão de raças que se esprimia no vasto palácio de colunatas, sob os raios ofuscantes dos projetores e na algazarra dos alto-falantes, formava um caos igual ao de uma reunião eleitoral de grande estilo, com a diferença que aqui podíamos pelo menos contemplar, no meio do presidium, a dolorosa figura da demasiado resignada Krupskaia, a companheira de Lenine, única criatura, em todo aquele Congresso Mundial, que não merecia tal companhia.

Sociedade dos Amigos da U.R.S.S.? Meu Deus, por que não? Como dizia o outro: apertaricis um botão colocado em vosso apartamento em Paris, para matar um mandarim na China e enriquecer vos durante a noite? Em verdade, tornarse presidente de uma seção mundial dos "Amigos da U.R.S.S." não enriquere ninguém, nem lhe dá o que comer, mas, por acaso, sempre vale uma grande viagem para "os olhos" ou alguns direitos de autor. Representais um dentre aquela centena de alfinetes com bandeirinhas vermelhas, com que a Snra, Presidente Kameneva marcava, num mapa estendido em seu gabinete, as cidades do mundo que possuiam uma seção daqueles "amigos". E' verdade que a maior parte das ditas seções não existe mais, como se dá com Atenas, onde, a sociedade se fundou e sossobrou, diante de meus olhos, na mesma semana. O que não impede de a bandeirinha vermelha flutuar sempre sóbre o mapa. E quando é realmente uma seção o que a cidade indicada representa, digamos que a coisa e bem pior, pois custa caro e não produz senão a papelada que os "Amigos" trocam entre si, de um polo ao outro do mundo, e à custa do camarada operário.

Um periódico parisiense escrevera que eu teria sido eleito para o presidium désse Congresso Mundial. Teria sido uma grande "honra" para mim, mas creio que o referido órgão está enganado. Seja lá como fór, eu jamais tive assento ali, e muito menos no Congresso, onde alias sómente o presidium e os maçantes oradores tinham assento rigorosamente, passando os congressistas todo o seu tempo no bufete.

\* \* \*

No Hotel Internacional, mandei dizer ao porteiro que minha porta estava aberta para quem me procurasse. Com efeito, tomava precauções a fim de me defenderem contra os "importunos". Os importunos jamais nos fazem pagar demastado caro a descoberta de um homem ou de um fato, ao passo que um isolamento quase completo pode fazer nos perder o fim de nossa vida. E verdade que tudo depende do valor que se de a tal fim.

Na U.R.S.S., a prática da porta aberta confirmou, para mim, mais do que em qualquer outra parte, a utilidade daquele raciocinio. E se a mesma prática por vezes me proporcionou minutos aborrecidos, nem por isso deixei de colher o grão que semeei. E a essa prática, assim como ao meu modo de receber os homens, que devo o conhecer hoje em dia as pulsações da vida além das paredes de meu quarto, dado que eu tenha um quarto.

O que en ocupava no Hotel Internacional só me proporcionou uma enfiada de gente amável, na maioria jornalistas que iam pedir artigos a todas as notoriedades européias presentes. Mas eram apenas amáveis. Quanto a mim, que não duvidadava de que as coisas pudessem ser diferentes, esperava no entanto ouvir uns sons de sino, contrários ao tanta oficial, e ver surgirem caras menos sorridentes,

Não se deu isso, naquele quarto. E alguns dias após miha chegada, deixei-o para me fazer expedir a Leningrado com outros convidados. Uma semana mais tarde, voltando a Moscou, encontrei minha bagagem toda esparramada num sótão. Mudaram-me então para o Hotel Passage, que se tornou meu hotel preferido durante toda a minha permanência na Rússia, toda vez que ia a Moscou. Mas tem cabimento que eu diga aqui como foi que o mundo soviético se me apresentou aos olhos, desde aqueles primeiros dias, no Hotel Internacional.

Aqui, meu testemunho será apaixonadamente honroso para os Soviets e fará justiça a muitas lendas. Deus, como é pungente conceder às goticulas o que eu cria não ser senão um hino à Vida Noval Porque, se não estivermos cegos pela

mesquinha parcialidade politica, devemos reconhecer que os Soviets - embora buscando um fim determinado - nessa circunstância foram nobres, generosos e sinceros, como só o pode ser a infância de uma furiosa vida nova. Poucos o compreenderam, e dentre todos aqueles com quem en conversava então, Francis Jourdain era quem mais se comovia, sem se mostrar beatamente seduzido. Ao contrário, a nuvem de gafanhotos democráticos vindos para roer, só se deu pressa em satisfazer sua fome negra, sua insensibilidade, seu falso entusiasmo e sua ingratidão.

Conheci casos em que as exigências e a perfidia de tais hôspedes iam tão longe, que um rápido ponta-pe no fim da espinha teria sido a melhor resposta a lhes dar. Mas os russos - pacientes, bonachões, por vezes simplesmente desejosos de evitar escándalos - fechavam os olhos, satisfaziam a cana-Iha, cumpriam o seu dever - não é mesmo, bravo camarada

Guenkine, que jamais tornarei a ver?

Não os vimos pagar malas, bagagens e até máquinas de escrever, que uns imbecis tinham deixado que lhes surripiassem durante a viagem, a despeito de todos os conselhos, de todos os avisos prodigalizados além de qualquer medida? E no Hotel Krasmaia de Karkov, onde os imbecis de toda uma delegação anglo-americana entileiraram seus sapatos no corredor, tarde da noite, para na manha seguinte não encontrar mais um só par, não tiveram de calçar uns vinte cretinos, que se divertiam com a aventura a ponto de dançarem "charleston" de meias, enquanto aguardavam o sapateiro?

E' verdade que semeihante furto, no mais luxuoso hotel da capital da Ucrânia, era rocambolesco e tanto mais incompreensivel porquanto jamais se descobriu o Rocambole. Mas nem por isso ficou menos desorientada a pobre guia responsavel por aquela delegação, a qual teve de carregar para o hotel uma loja inteira de sapatos, para que cada qual pudesse escolher o que lhe convinha, e se mexer para arranjar a respeitável sona exigida por aquela despesa imprevista e seu organicato.

Já disse que os Soviets foram generosos. Não o eram entretanto, como se afirmou, a ponto de pretenderem comprar consciencias. Isso é ao mesmo tempo falso e injusto. Ninguém, fósse durante as festas, fósse durante minha permanência ali, me veio propor o mais aceitavel dos cambalachos, e se me cito a mim como exemplo, é porque verão até que ponto me consideravam da família, até onde eu próprio declarara dela fazer parte e como lhes era agradável a minha

Pagavam-se direitos autorais a quem tinha obras traduzidas para o russo? Sim. nas condições mais normais. E parece-me que isso representava a menor das delicadezas, para não dizer a menor reparação de uma injustiça. Teriam procedido do mesono modo para com Vladimir Dekobra se éle estivesse lá, e, nessa questão, o próprio Romain Rolland não se teria visto com tantos rublos no bolso quanto os que representariam os direitos daquele escritor que leva a dianteira na imbecilidade literária soviética, em matéria de tradução. Em que pese a Lunatcharski e ao interessado.

Quanto aos artigos que pediam insistentemente, procediam ainda da maneira mais correta, retribuindo os seus autores também normalmente. Não era uma palavra de ordem excepcional, mas a simples aplicação da regra usual em todos os países do mundo, quando em qualquer dêles se verifica um acontecimento de que participam publicistas estrangeiros, Posso até dizer que era preciso trotar e piruetar sofrivelmente em tórno das caixas, para ver a cor daquele dinheiro.

Jovens entusiastas - ontem ainda operários de fábricas, boje jornalistas à cata do furo que faz o grande repórter vinham reclamar imperiosamente o artigo que lhes era devido.

 Que desejais que vos diga? Acabo de chegar. Ignoro tudo.

 Dizei o bem que pensais de nossa Revolução e o mal que deixastes nos sujos paises capitalistas de onde vindes! -Além do mais, vés - tovarichteh X - sois dos nossos, conhecemos vossa revolta e deveis sentir-vos aqui como em vossa casa.

- Sim. Isto eu posso dizer, mas em poucas palavras.

 Isso mesmo: um simples autógrafo! Vossa saudação a nossos Soviets.

E toma autógrafos pra diante: "Não vos conheço ainda, não vi nada por enquanto, mas percebo que sois grandes, magnificos, senão pelo que já fizestes, ao menos pelo que pen sais fazer, se vos ajudarem. Viva a União Soviética! Viva a Revolução Mundial!"

Documentos como êste, e às vezes até mais categóricos, en os fiz às dezenas. Fiz também dois ou três artiguetes e transcrevi outros tantos trechos literários neutros, durante os dezesseis meses de minha permanência ali, pois era impossível proceder de outro modo e o que então escrevia era justamente o que eû pensava.

#### OUTUBRO VERMELHO

Quando os vermes tiverem dado cabo de minha carcaça — destes olhos que já viram tanta coisa, deste coração que tantou amou, de toda esta carne freneticamente devastada pelas paixões — saibam os homens de então que me foi dado viver por antecipação a sua própria existência, em meu Outubro Vermelho.

Pobre vermezinho humano! dividas dos tesouros de generosidade que ocultas nas dobras de ten mesquinho arcabouço?
Se te fóssemos julgar pelo ten egoismo, merecerias ser queimado vivo. En porém — que resfoleguei em tua lama, purifiquei-me em tuas cascatas, nutri-me de tua turra e me saciei
em todas as tuas fontes, das mais refrescantes às mais amargas
— en, conheço perfeitamente tua devoradora generosidade e
te absolvo. Aceito-te e tenho confiança em ti.

Porque digo a mim mesmo, em minhas horas povoadas de denodada solidão — quando penso nos amigos que amo e nos de que me separei; nas mulheres que acariciei e nas que jamais acariciarei; nas dores físicas que suportei e nas que me esperam — eu digo a mim mesmo:

"Pobre ralé... Qual foi o tirano que algum dia se obstinou em tornar-te melhor, nem que fôsse apenas durante uma boa existência, e que pode dizer que perden totalmente o seu tempo? E' verdade que te obrigaram a fazer as Pirâmides. Por que vaidade? Não sei. Mas depois de rodar por muito tempo em tôrno daqueles horriveis montes de pedras, comecei a pensar se as mesmas não teriam sido erguidas afim de reservar aos Faraós o prazer de ver um dia uns magros ingleses lá subirem estóicamente, puxados pelos braços por um felá, enquanto outro os empurra por seus pretensos traseiros. Quanto à finalidade referida pelo poeta, que escreveu das Pirâmides que com sua massa indestrutivel elas cansaram o tempo, ora bolas! o tempo podia bem dispensar esse cansaço, poupando ao mesmo tempo os vinte mil escravos que ali trabaharam para os ingleses.

"Miseráveis escravos... Há quatro mil anos de distância, já não vos fazem mais erigir Pirâmides. Mas cavais túneis e metrês onde vos obrigim a viajar, como se vossa existência devesse ser negra e privada de ar e de sol, cada vez que percorreis o caminho, na ida ou na volta, entre vossas mansardas católicas e vossos trabalhos forçados fordistas, única coisa aliás que fazeis do principio ao fim de vossa vida sinistra. E se fazeis alguma coisa mais, será a folgança de vossos domingos de escravos ou então a folia de vossos dias de festas escravagistas, quando em vossa intenção se organizam todos esses divertimentos: velhacarias oficiais denominadas conridas e em que deixais o pão de vossos filhos; esportes modernos, que não passam de desonestos empreendimentos nacionais, em que deixais o resto de vossa pálida inteligência; macabras desfiladas perante a "Hâmula eterna" de vossos senhores, perante seu assasinado "Desconhecido", perante o cadáver de um de vossos ilustres algozes, quando vos precipitais em massas compactas, para aclamar o próximo e bem-aventurado instante em que vos permitirão cair gloriosamente de focinho no chão.

"Tristes párias . . Só vos obrigam a fazer isto. Mas qual foi o tirano que algum dia se inclinou sóbre vossos berços e, mais tarde, sóbre vossos rostos ardentes, para dizer-vos: o homem não é um irracional; seu primeiro dever é ser bom, justo, humano: desgraçado de quem não o fôr! porque viver para a Comunidade é viver, e viver para si é morrer. Quem algum dia tentou provar que o trabalho leva a outra coisa que não à fome, que a exploração do homem a outra coisa que não à fortuna, e o crime organizado a outra coisa que não à glória? Qual o sátrapa que ao menos tivesse construido para vós habitações risonhas na encosta das montanhas, edificando embora em suas proximidades a inevitável calceia moderna em que Taylor vos dita o melhor modo de traba-

Ilhar como idiotas, de viver como imbecis e de procriar como degenerados?

"Qual a ditadura que algum dia tenha tentado convencervos, dando vos o exemplo, que o Poder não passa de um facdo honroso para quem o detém e um título ao reconhecimento
dos que lhe obedecem? Que as dignidades públicas não encertam senão pesadas respoasabilidades e que, exercendo-as
desonestamente, tem-se a certeza de se ver lapidar? Que mes
mo as Artes e as Letras, vocações sagradas, não são timas mere,
trizes de carro-dormitório ou gôndolas de quimeras, para embrutecimento da Comunidade e glorificação do artista, porém
a mais alta função moral do homem, da qual depende a saúdeda Humanidade?

Assim, antes de se dar o direito de condenar a escória humana a ser queimada viva, qual foi a tirania que algum dia lhe deu todos ésses exemplos?

Nenhuma, salvo Outubro Vermelbo.

# \* \*

Ele soprou em 1917 como um tulão oriundo dos abismos sangrentos da generosidade popular unida à elite dos homens.

Um dia eu perguntei a Rakowsky:

— Como é que conseguistes, vós, um punhado de bolchevistas, estar por toda a parte, bater-vos contra tantos inimigos e vencer nesta sexta parte da terra?

Não fomos nós que nos achamos por toda a parte, mas a revolta. Ela é que se bateu e venecu. Nós não fizemos mais do que lhe dar expressão, fisionomia, e entregar-nos a isso de corpo e alua. Vai ver nos museus da Revolução os canhões primitivos que os mujiques construiam sozinhos, durante a guerra civil, os quais disparavam por duas bôcas e atemorizavam o inimigo, como nenhum "dicke Bertha" o tem feito.

Naquela época o bolchevique era um herói, um tită, um deus. O primeiro de todos era o último a se alimentar e ignorava o repouso. O ardor de uma fecundação que devia enobrecer a vida, devorava-lhe o peito. Nada para si. Tudo para a Comunidade. E nada de crimes, nada de injustiças,

nada de barreiras ignóbeis entre os momens. Estes, embora tivessem de morrer aos três quartos no cataclisma daquele Impeto generoso, tinham o dever de arrancar de suas próprias entranhas o filho que nunca mais se deveria tornar um monstro humano.

Ontubro Vermelho é isto.

雅 推 海

Eu vi l'estejar-lhe o décimo aniversario e chorei de alegria. Chorei muito simplesmente.

Misturado à turba, sem convite especial e sem lugar reservado, debati-me como todo mundo para conseguir um degrau cuja colocação permitisse apreciar o conjunto da Praça Vermelha, onde tudo se achava reunido, onde todos os gostos

estavara acumulados, sem exetuar a eterna imbecilidade.

Esta era encontrada na exibição, organizada oficialmente, de máscaras ridiculas de Chamberlain, de Briand e de Musso-lini, nas barbas do corpo diplomático. Eu chorava, entretanto essa palhaçada só me podia fazer chorar de desgôsto, como o desfilar das fórças militares vermelhas, cuja verdadeira fórça era justamente o contrário daquilo que nos era mostrado. Pois o bolchevismo não triunfou na U.R.S.S. graças a furiosos cossacos armados de lanças irresistiveis; e no dia em não houver lanças para furar os corações dos homens, serão contados os seus minutos.

Felizmente havia lá a idéia, o sentimento, o arrôjo do futuro. Havia a imagem daquilo que o mundo seria no dia de sua libertação total, porque um milhão e meio de seres humanos desfilaram na Praça Vermelha, mostrando umas fisionomias que o entusiasmo da generosidade transformava como nenhuma exaltação religiosa o poderia fazer. Aqueles entes teriam morrido até o último, a fim de que a chama de que eram devorados alcançasse a terra inteira. E a humanidade não lhes teria podido resistir.

Marchando aos milhões, às dezenas de milhões, tais como podiam ser contados naquele dia em toda a União Soviética, marchando com as mãos vazias e os rostos inflamados, exército algum seria capaz de contê-los e todos os egoismos se liquifariam ante o flamejar de sua generosa investida, se é verdade que coisa alguma resiste àquele que realiza o dom de sua vida.

Já noite alta, cu me pus a deambular por toda Moscon em festa. Nada mais de exércitos e de gente oficial em parte alguma, e no entanto continuavam a afluir torrentes humanas para a Praça Vermelha. Num grupo precedido de um carro simbólico, que representava o globo terrestre preso a correntes de verdade, nas quais um garoto batia com toda a fórça com um martelo para quebrá-las, reconheci um operário rumeno que fizera a guerra civil na Ucrània:

- Então! disse-lhe eu. Não dormireis mais esta-noite?

Ele atirou-se-me ao pescoço e me beijou:

 Não, meu irmão, nem esta noite nem jamais. De tal modo é grande o que fizemos naquele dia de Outubro Vermelho de 171

#### DEPOIS DE OUTUBRO VERMELHO

Cos diabos, não resta coisa alguma que não fique emporcalhada, de tudo o que sai das mãos do homem! Pobre, pobre mundo... Se ao menos o diabo te levasse de uma vez, e nunca mais se cuidasse de ti...

Não mais tarde senão um dia depois dessas jornadas aniversárias, rebentou diante de nossos olhos um dos abcessos da Revolução: Ioffé dava um tiro na cabeça, como sinal de protesto contra os trotes de que haviam sido vitimas os seus amigos da oposição durante as festas. Esse lamentável suicídio de um bolchevista que nos era conhecido desde os dias de Brest-Litovsk, foi uma punhalada glacial em nossos corações comovidos. Só havia festeiros, ou havia também trágicos estraga-festas? Apercebéramo-nos disso no dia mesmo da grande parada, quando a oposição fêz ouvir a sua voz e quase foi desancada. Eu em pessoa me vi preso no meio do tumulto, que se verificou em baixo da sacada onde eu estava e de onde os chefes da oposição tentaram falar à multidão. Salveime no momento oportuno, quando os guardas a cavalo abritam caminho entre o povo, com uma dureza jactanciosa para

guardas vermelhos, atropelando manifestantes tão vermelhos quanto éles próprios. Nós soubemos que em Leningrado a coisa tinha ido mais longe: haviam-se batido sofrivelmente, entre irmãos, durante várias horas.

Aí uma dúvida séria se me apoderou do espírito: que podia ser, afinal de contas, essa Oposição? Que pretendia ela? E por que não lhe permitiam exprimir-se nem da tribuna

nem da imprensa?

Outro fato, mais revoltante ainda, veio logo escandalizar a todos os delegados ou convidados honestos. O poder fazia publicar em nossa intenção, um boletim ocasional, impresso em três linguas, francês, inglês e alemão, o qual, de maneira breve, nos punha ao corrente do que se passava no mundo. Falava-nos mais extensamente da Oposição "trotskista" e de Trotsky, mas com um ódio tal, que ficamos estupefatos. Pela primeira vez liamos os qualificativos "traidores", "brancos", "contra-revolucionários", "mencheviques", esc. Contavam-nos uma história para a gente dormir em pé, segundo a qual fôra fundada por Trotsky uma "tipografia clandestina", com um antigo oficial wrangeliano para dirigi-la.

Isto me pos fora de mim. Com o jornal na mão, fui procurar o "comandante" do grupo de que eu fazia parte e

lhe disse:

 E uma vergonha expor semelhantes mentiras aos olhos de estrangeiros. Se sois inocentes e se o caso da tipografia e do oficial branco é verdadeiro, que se fuzile Trotsky imediatamentel. Ora, vós nem mesmo o detivestes!

E com razão. Pois toda a "ripografia" se reduzia a uma máquina manual Roneo e o oficial wrangeliano a um agente

do Guepeú. Que fraternal sujeiral

Mas naquele momento, não entreviamos tal sujeira senão nesses incidentes, que aos nossos olhos não passavam de questões políticas e costumes revolucionários russos: divergências de vista sobre os problemas kulak, sobre a indústria pesada ou leve, o regime político interior, a opressão cordial. Os poucos membros da oposição, que então me procuravam, não me tocavam no assunto a não ser com muita prodência, pois me viam "marchar" com uma confiança absoluta. Eles des-

lisavam até nos silenciosamente, melancólicos, ouvindo muito, falando o suficiente para evitar uma resposta categórica e abstendo-se de qualquer dilamação. Dir se-iam alguns estranhos ou umas sombras de lábios costurados. Hoje em dia compreendo-os melhor, mormente aquele olhar aflito que os melhores dentre êles fixavam em mim, quando me ouviam exclamar:

 Enfim! Creio que aqui poderei trabalhar muito mais titilmente que em França. Estamos em nossa casa. Aqui se vai direito ao fim: à revolução mundial. E' aqui que terminarei mens dias.

Essa linguagem não era adequada a conquistar a confiança daqueles que sabiam da coisa melhor do que nós. Porém eu tinha meus momentos de repulsa, quando as visitas aos galopes, as insuportáveis arengas quilométricas e as incensações da Internacional me angustiavam literalmente.

Sempre tive profunda aversão pela ostentação, seja ela qual for. Ora, tudo era ostentação durante aqueles dias de festa. E, se em alguns dias ela me impressionou, ao fim de uma semana eu já estava farto. Usina atrás de usina; museu após museu; hospitais sóbre hospitais; escola por escola; banquetes uns era cima dos outros. E em toda a parte, toda, os mesmos discursos horríveis. Em muitas circunstâncias — reunião, congresso, coalerência — cada orador era inelectivelmente saudado, ao terminar, pelos mesmissimos sons de charanga, que o auditório inteiro devia ouvir de pé. Na primeira vez a comoção me sufocou. Era grandioso. Na segunda não senti nada. Na véspera havia sentido muito. Na terceira eu já não podia mais, sentia-me "chateado".

Os homens têm sóbre os animais uma superioridade, banalizam rápidamente tudo o que constitui a grandeza da vida.

Outro aspecto da ostentação contribuiu outro tanto para me afastar de tudo. Eu verificara em toda a parte aonde nos levavam, que as comissões de recepção eram compostas, em sua maioria, de gente que nos irritava os nervos. Enquanto alguns déles nos conquistavam com sua franqueza, sua simplicidade, sua pureza, outros traiam sua fabidade, seu arrivismo. Mais de uma vez me encontrei diante de verdadeiras assembléias, onde a triagem oficial não deixava entrar senão aquela canalha, de itenções sujas e entusiasmo de encomenda. Suas declarações de amor deixavam-me doente. E era necessário, de bom ou mau grado, que lhes respondesse no mesmo tom.

Foi então que comecei a deixar de lado minha coorte e seu "comandante". Fui vagabundar sòzinho ou com algum conhecido simpático. A rua — com sua turba de volta pra casa, pão debaixo do braço, semblante natural, olhar franco, conversação sincera — reconfortava-me. Em seguida me pus a praticar a cláusura em meu quarto, quando uma porção de gente me veio procurar e entreter-me de um montão de coisas, sem soltar demasiado suas linguas. Estava dado o primeiro passo.

Essa atitude foi notada. Fizeram que eu o soubesse:

 Não fostes convidado para ficar em vosso quarto, nem para isolar-vos de vosso grupo. E' preciso ver tudo, como todo o mundo.

Respondi:

– Não tenho pressa. Vosso "todo o mundo" se vai embora, e eu fico. Considerai-me um cidadão soviético. E se desejais, deixo já já de ser um "convidado". Tenho de que viver.

Com efeito, as Edições do Estado pediam-me que assinasse um contrato de exclusividade, oferecendo-me um adiantamento de mil rublos. Eu possuia outros tantos em meu bolso. Além disso, meus oito livros se vendiam às dezenas de milhares de exemplares. O filme tirado de Kyra Kyralina, e montado pela Vufku à minha revelia, constituia com aqueles rublos uma pequena riqueza que me era devida ainda. Eu podia pois desprezar a gamela oficial e ocasional.

Mas até então continues como vinha fazendo, durante três semanas aínda. Organizavam-se magnificas excursões ao Cáucaso: Moscou-Ucrânia, Geórgia, Mar Negro e volta. Convidaram-me para participar de uma delas, em companhia de mais dezenove delegados, sempre inteiramente à custa da princesa mulambenta.

Um vagão miakhki, do qual não nos deviamos separar mais a não ser no fim do "sonho", esperava-nos na estação. Dois guias, nossos "comandantes", percorreram toda Moscou a fim de reunir na mesma hora, para a partida, o rebutalho escrevinhador que constituiamos.

E julgais que não havia ali razão para gritar viva o comunismo? E' pena no entanto que todos aqueles gritos não fossem na mesma língua: ter-nos-iamos entendido como gatunos em feira.

## UM COMPANHEIRO DE VIAGEM

Nada direi dessa primeira viagem à Transcaucásta porque, devendo fazé la de novo um ano mais tarde e, desta vez, de maneira não oficial, só então falarei a respeito. Mas devo-lhe uma das mais belas descobertas de minha vida; e ao dizer-te, leitor, o que foi essa descoberta, farei de novo uma digressão, mas te provarei, se és misantropo, que a vida é digna de ser vivida, embora ela própria te faça uivar como se tivesses sido picado por uma vibora.

Em verdade, minha história não tem lá grande coisa de comum com a Rússia, mas, de qualquer modo, não me acusarão de não haver feito aqui mais do que devanear. E' isso mesmo — simplórios armados de um lápis vermelho e de cétebro de coalhada — sim: eu gosto de devanear! Tentai fazêlo, vós também, com vossa coragem frouxa como esterco mole; ao primeiro contato com a erva em chamas daquela terra, queimareis o traseiro. Porque os campos de que a minha fantasia gosta, o diabo os lavrou com seu áspero rabo e Deusos fecundou com sua ardente semente. Tudo ali nasce em profusão, salvo a flor murcha de vossos pensamentos de desfibrados.

Mas acima de tudo, é o amor pelo homem, a paixão pelo amigo, o que ali cresce como um carvalho cuja fronde roçasse pelos astros, cujas raízes mergulhassem no fogo da terra.

Homem de fisionomia radiante de desejos... sulcada de angustias... argamassado de generosidade. Homem que surgiste em meu caminho com tua milesar existência: eu não

passo de um infiel, mas quando tomo de teu rosto entre miuhas mãos e o encaro, sacio-me tanto de tua fôrça, que em seguida podes tornar à tua denodada solidão e pensar em nosso encontro o resto da vida. Porque, naquele minuto, en te esvaziei como in também me esvaziaste. Tu me deste o paroxismo de teu amor, de que não sabias o que fazer, e en te dei o do meu, que me fazia sucumbir.

Há alguma coisa mais na vida? Para mim, isso é tudo. A menos que se trate da amargura da separação, absurda

como uma máscara num rosto humano. Mas eis aqui a bela descoberta:

Em meio a um formigueiro de convidados, dentre os quais procure em vão o olhar em que brilhem vastas paixões, surgiu certo dia um homem em meu quarto. Ele é alto. Seu corpo de asceta carnal parece empolgado numa justa, ora folgază, ora sangrenta, com as garras de todos os desejos. A luz que flutua em seu semblante desfigurado é a do homem cuja fé devasta as entranhas. Os olhos, demasiado abertos, são inquietos como azougue. Seu olhar fura, atrai e afasta mil coisas num minuto. A bôca mordera por toda a parte, cuspira tudo o que mordera e continua a morder. As narinas abrem-se e fecham-se, constantemente, ante todos os odores.

O homem fals. Quer ser vulgar, como o aconselharia a circunstância que nos une, porém éle mergulha em meu semblante as lanças de seu olhar e no mesmo instante suas palavras abordam a universalidade, no passo que os braços descarnados se alongam para apanhar quimeras.

Compreendo imediatamente que estou às voltas com um mais forte do que em muitos dominios, mórmente no das visões do passado e das conjecturas sôbre o futuro.

Eu estava de cama, seriamente enfermo havia três dias. Estendi-lhe a mão. Ele agarra-a. E eis que não me acho mais doente.

- Espera, digo lhe eu, quero acompanhar-te. Quem és tur
  - Eu sou o cretense. - Entito me conheces?
  - Sim, tu és cefalonita: depois dos cretenses, são os ce-

falonitas os homens da Grécia a quem mais amo. Eles são de raça mais acentuada que os demais.

Descreveu-me êle, sempre a caminhar, êsses homens de raça, os da Grécia e os da terra inteira. Ele soltava isso, como se risca um fósforo quando se tem os bolsos cheio dêles.

- Que pena! disse eu. Devemos separar-nos dentro de dois dias.

Ele estremeceu, e isso me agradou;

- Aonde vais?
- A Transcaucásia.
- Mas pra lá também vou cu, como tul

La fomos nos. No vagão-sonho, ambos deitados sóbre bancos do mesmo compartimento, as intensas estepes nos enguliram em seu nada povoado de contos inverossímeis. Longas horas de um rodar voluptuoso. Algumas paradas em estações para alimentar o animal. Uns desembarques, aqui e ali, para fartá-lo de ostentação e para cuidar de iludi-lo.

O cretense era ordenadissimo: leitura, garatujas, devaneio, sono. Nada de verbosidade. Com pessoa alguma. Jamais uma alocução, a despeito de todas as insistências. Difícil de levar a visitas a fábricas e hospitais. Faltando à nossa companhia a cada passo, para correr museus, velhas igrejas, a rua. Mas e o documento humano, o heroi, o que ele procurava com maior ardor. Ah, com que força se atirava sóbre todas as ilusões, para descobrir às vezes uma realidade radiante! Não conheço homem que tenha tido maior sede de pureza e de heroismo do que ele.

Rebento de um campônio cretense de pulsos de ferro e de burra empanturrada de libras esterlinas, ele se saturara de toda a sabedoria antiga, de toda a ciência moderna, e em seguida se separara de seu pai, de sua classe, até mesmo da orbedoria, para aderir a um bolchevismo ainda incipiente e umela heroico.

- E o futuro do mundo, dizia me êle. O bolchevismo não marca o início de uma civilização nova, mas o fim da que vivemos. Eis por que se deve ajudá-lo a precipitar no

abismo essa velha cocote de berloques pretensiosos,

"Hoje em dia tudo é berloque. O que não o é, é pior ainda: um péso morto que impede qualquer geração. En quase soçobrei sob êsse pêso. Cinco décimos do que me fizeram aprender me são nocivos, quatro décimos me são inúteis; apenas um décimo me serve de modo benéfico.

"Vai visitar a todas as grandes consciências de nosso tempo: salvo rarissimas exceções, não passam de uns arlequins de

junto dos quais sairás com as mãos vazias.

"Sim, o bolchevismo é chamado a destruir toda essa mixórdia de falsos valores,

"O que cu temo e muito, é vê-lo não corresponder à sua missão, meter-se a bufar e a empacar antes da hora. Seu desaparecimento prematuro entregaria o mundo à mais nojenta corrupção intelectual.

"Reforcemos pois as pernas dêste chicote, impeçamo lo de amolecer. E que êle faça estourar todas as carcaças, tanto

a do filósofo como a do bandido.

"E depois, veremos".

\* \*

Eu não faço mais do que resunsir, muito desajeitadamente, uma vasta idéia longamente amadurecida. No dia em que o meu cretense falar éle próprio, com provas na mão, ah! pobres homens, tereis vossas contas ajustadas! Porque éle tem no bolso de seu colete tudo o que não pudestes meter em vosso crânio e a pujança cretense a que tereis de ceder.

E uma ignomínia este mundo governado por homensfrios! não exatamente por homens de negócio, que pelo menos seriam ardorosos criadores de emprésas, geniais organizadores da energia humana, por ésses homens que com uma das mãos arrancam à terra sua abundância e com a outra a jogam à goela dessa humanidade esfaimada.

O cretense era daquela espécie de homem. Alimentavase de uma sopa, de uma libra de batatas ou de um arenque séco. Sua bagagem: dez quilos, para fazer a volta ao mundo. Seu domicilio: um grabato. Mas seus desejos: um universo.

Sua companhia: uma felicidade devoradora.

Devo-lhe aquela espécie de culto que éle experimentava em face do lamentável lamaçal humano, forçado a evoluir constantemente à custa de sangrentas sacudidelas. No bolchevismo êle via o drama mais digno de nossa veneração, aquele que repercute até no cérebro bestial das hordas selvagens.

Assim:

— O' cefalonital dizia me. Juremos jâmais erguer o braço contra o bolchevismo, mesmo que um dia êle nos atire na prisão; a êle é que a humanidade será amanhã devedora de sua libertação total. Éle não realizará senão muito pouco do que promete, mas promete tudo, até o impossível, e daí a audácia de que se carece em nosso século timorato. Lembrate da história dos tehuvacos.

"Logo terminada a guerra civil, foi se apresentar perante o comissário do povo, para a instrução, uma bizarra delega-

ção de tchuvacos:

- Muito bem! - falou aquele. - Organizastes o vosso

soviet? Contai-me o que fizestes em vossa terra.

Tovarichtch Lunatcharski! – exclamou o chefe da delegação. – Nós formamos nosso soviet! Depois expulsamos os padres que o tzar nos impusera, e fizemos voltar os nossos chamans (feiticeiros), que viviam nas matas.

 Não é um grande progresso, retrucou o comissário, substituir um padre por um feiticeiro, mas fizestes aquilo que entendestes. É é isto a liberdade. O resto virá em seguida,

malgrado vós mesmos.

### EM ATENAS

Da viagem ao Cáucaso voltamos como fogo em brasa. Povos e mais povos, de pé, delirantes, a acolher delegações sóbre delegações, como o mundo nunca viu. Impossível ver as massas descontentes, porque é por elas que éramos recebidos e festejados. Os mais miseráveis, aqueles mesmos que o regime afastava de sua mesa, por causa do tumulto, vinham

saudar-nos, com a barriga vazia, e gritar-nos a sua alegria e confiança no futuro.

Resolvi, então, de acôrdo com o cretense, deixar por um instante a Rússia e ir com éle proyar imediatamente a nossa dedicação desinteressada ao bolchevismo. Mas aonde ir? Ara

Bálcas, naturalmente. Para começar, a Grécia.

Dinheiro: eu o tinha como nunca em minha vida: três mil rublos. E ainda não havia tocado em meus direitos autorais, salvo com relação a dois livros e uma tradução ucraniana a que se viera juntar a bagatela de mil rublos, que Vufku fez questão de me dar pelo meu filme Kyra Kyralina. Tudo isso me punha longe de preocupações.

Chegamos a Odessa com um frio siberiano, a 25 de dezembro de 1927, e, antes de embarcarmos, redigimos uma carra a Staline, da qual infelizmente não guardei cópia. Mas

The diziamos mais ou menos isto:

"Eis aquí dois homens que cortam todas as amarras atras de si (quanto a mim, nunca as tive). Nos queremos dedicar-nos à causa proletária. Nenhum interesse, a não ser o que nos inspira o nosso ideal. Temos de que viver e nada vos pedimos. Mas desejamos toda a vossa cooperação legal, para que nos sejam abertas todas as portas, e para que possamos ver tudo. Se necessário, estamos dispostos a aceitar um de vossos homens, que viva em nossa mais estricta intimidade. e nos acompanhe por tóda a parte, porque não tememos coisa algunsa, uma vez que só temos um caminho. Para provar-vos nossa franqueza, vamos agora à Grécia, afim de gritar nosso entusiasmo pelo que temos visto na U.R.S.S. Depois voltaremes para ca afim de aqui viver, aprender e lutar".

Embora expedida sob registo, esta carta ainda hoje espera resposta de Staline. E se me disserem que sou um imbecil, replicarei que Staline é mesmo Staline, quer dizer, usa homena que precisa de outra coisa que não o que lhe ofe-

reciamow.

Que éle saiba no entanto que nunca jamais dois homens lhe ofereceram sua vida de modo mais desinteressado.

O meu pobre cretense! Não é de leões que os governantes precisam, mas de cachorros! Só to, ó ideal humano, pre-

cisas de heróis, e te-los-ás, aos milhares e mais milhares, que renascerão de suas próprias cinzas e te servirão. E vencerás! Sim, tu vencerás, a despeito dos governantes e de seus cáes, porque a humanidade pode viver sem pão e sem fogo, mas não pode viver sem ti, bendito Ideal, sal da vida e calor de nossa alma! Beijo aqui teus pés ensanguentados, tuas mãos que tocaram por um segundo as patas de teus algozes e defenderei a parcela que me vem de ti, sacrificando-lhe a minha vidal

Governantes fedorentos!

Mas por enquanto, para trás o veneno! Estou ainda em Odessa, sob o ardor de minha mais bela fiama. Beijo todo o mundo e o vento norte que me flagela a cara. Sem uma roupa quente, apenas com um sobretudo de meia-estação, não obstante meus très mil rublos. O cretense é obrigado a me emprestar sua pele. E andamos de trenó, em ruas transformadas em pista de patinação, correndo num dia instituição por instituição, pois chegamos na vespera do dia de nossa partida e não temos nem passagens reservadas nem dinheiro cambiado. Obtemos passagens, mas quanto a cambiar todo o dinheiro, vai passear! E está certo, não há dúvida, que se mande passear a todos aqueles que pretendam exportar seus rublas, mas talvez valesse mais não mandar passear sómente os que não sabem empregar os meios necessários.

Firemos a nossa tentativa, pelo telégrafo, da própria repartição do comissariado das finanças de Odessa. Não tinhamos, em verdade, intenção de adquirir um castelo com aquele dinheiro. Mas a resposta não vem e nos partimos com o que o banco concede, de acórdo com a lei, a todo o mundo: cento a cinquenta dólares por pessoa. O restante, deixamo-lo no

banco de Odessa.

Que importa... Dinheiro, há em tôda a parte. Dão-no-lo até onde vamos levar nossa flama bolchevista. E a Grécia, que é fascista, dar-me-á vinte mil dracmas: direitos autorais também, pois não treis julgar que eu possa ser ao mesmo tempo bolchevique e fascista, quando berro a minha cólera ao chegar a Atenas, quando visito os comunistas presos, os tuberculosos que se matam a fogo lento e quando faço uma conferência que me custa uma expulsão. Não ireis pensar isso, vós que já me considerais comprado pelos Soviets.

Deus, que destino o meu?

Aqui, ia-se inscrever no ativo de minha vida uma das

páginas mais grotescas.

A Grécia? Um povo valente como todos os povos, mais generoso e mais avaro, também, do que todos os demais, consoante o que se exigir dêle. Eu não vinha lhe pedir nada-Coisa alguma, a não ser tornar a vê-lo depois de quinze anos, conhecer suas chagas novas e dizer-lhe meu pensamento, quanto aos remédios. Em nosso pais já não se pode mais dizer o que se pensa?

Não. Não se pode mais.

Para começar, quasc tôda a imprensa de Atenas se reuniu para me saudar, como jamais havia sido feito, nem mesmo em Moscou. Saudei, por meu turno, a pátria de meu pai, seus prisioneiros, seus exilados, seu sofrimento. Foram esses os meus cartões de boas-festas para o Ano-Novo grego, sos quais responderam aqueles que eu saudei com uma avalanche de telegramas e cartas, em que me convidavam para falar.

Primeiramente fui falar no Elefteron Vima, o maior jornal da Grécia. Seu diretor se declarou meu hóspede, o que me honrou muitissimo, como em Moscou. Eu gosto dos grandes porta-vozes, sob a condição de nos deixarem berrar à vontade. Vima se deixou levar... com uma forte surdina. Consórcio bastardo. Não obstante, o automóvel dêsse órgão, depois dos autos bolchevistas, me fez ver o que os arredores de Atenas tem de mais belo, e em seguida me deixou em men

hotel que, a partir do dia seguinte, se tornou alvo dos mais

lerozes ataques.

Nunca em minha vida Ini injuriado daquele jeito. Nem um só jornal,ou quase, para defender-me. Viu-se o órgão oficial do governo. Estia, trata-me num editorial de pousti. Recusci-me a crer no que meus oihos liam, a despeito de meu conhecimento dos costumes balcánicos, dos costumes gregos sobretudo, segundo os quais, o têrmo pousti, os garotos das melhores famílias se atiram uns no nariz dos outros, à barba de seus pais, como se fósse fistikia (pistache).

Da imprensa, as injúrias passaram para o Parlamento. Ai, para me provar que nem tôda a Grécia se achava ali, o ministro da Agricultura, Papanastasiou, me defendeu da tribuna com o prefácio de Romain Bolland na mão, e em seguida me convidou para um sarau intimo, dado em minha

honra.

Triste idéia teve éle! Com a ajuda de um rancor poli-

tico, o pobre do homem perdeu sua pasta.

Eu continuei com a minha, da qual ninguém queria saber mais. A seguir foi a conferência do teatro Alhambra, que quase degenerou em arruaça de praça pública. Uma visita aos bolchevistas presos, que proclamaram sua fé nas lutas do proletariado, uma outra a Sotiria, casa dos mortos que Dostoiewsky não conheceu, acabaram de atiçar o fogo. Foi aberto inquérito policial contra mim, o cretense e o Prof. Glinos, organizador da conferência. Isso nos deu ensejo a fazer uma bela profissão de fé bolchevista, mas a policia se deu o ensejo, ela também, de dar-nos oito dias para deixar a Grécia.

La deixei sofrimentos que não poderão encontrar lugar digno dos mesmos senão numa grande epopéia de nossos tempos de horrivel terror. Por que falar de civilização, quando ao pé da Acrópole são os homens atirados em rochedos de ilhas desabitadas, a não ser por alguns pastores miseráveis aos quais se impõe a ordem de deixar aqueles exilados morrerem de fome, aqueles comunistas, aqueles homens "que não têm respeito nem às suas próprias irmās" e que afirmam que a Virgem não passou de "uma simples mulher"? Por que falar de ciéncia, de piedade, de assistência aos enfermos, quando perto de Atenas Sotiria não é senão uma fileira de barracas mortuárias, onde centenas de tuberculosos de todos os graus cospem no próprio rosto, lutam contra a chuva e o frio, alimentam-se como porcos, praticam a caça aos piolhos, percevejos e ratos, berram em vão o seu desespêro de fantasmas e aguardam lamentávelmente a hora de sua suprema libertação?

Por que então, meu irmão operário, não pretender pôr fogo neste mundo, e se mostrares capaz de criar um melhor, se pagas o mais pesado tributo ao tormento, à masmorra e à ignóbil morte?

## VOLTA À PATRIA DO PROLETARIADO

O espetáculo da Grécia terrorista me fez repelir para o fundo de mim mesmo a pequena quantidade de males soviéticos que eu conhecia naquele princípio de 1928. Mais do que nunca eu me prendia à obra bolchevista. Somente dela eu esperava a salvação do mundo que trabalha e que sofre. Assim, tornava eu àquela terra ardente com a firme deliberação de ali ficar. E, para mais lisura moral, para lá levei minha companheira, mulher de caráter integral. Melhor do que eu e mais ponderada, embora muito mais jovem, ela ser-me-á um verdadeiro auxílio em meus momentos de fraqueza, de cólera ou de incompreensão.

Agora somos dois a ver e a sentir, enquanto se espera que o cretense e sua mulher se juntem a nós e que formemos um bloco de quatro consciências a serviço do mesmo ideal.

Desembarcamos em Odessa, no meio de um frio de rachar as pedras, e sempre vestidos de roupas inadequadas a tal região, o que nos força a entrincheirarmo-nos em nosso quarto de hotel. Os jornalistas, os fotógrafos, os cinematografistaspara lá afluem ainda, alertados pelo radiograma do "Tchitcherine" que comunica à U.R.S.S. a minha expulsão. Sinto no entanto que está terminada a festa. Felizmente. As ruas não são mais embandeiradas; as vitrinas são menos faustosas: o tantá desapareceu. Dessa vez, é de fato a pátria soviética de todos os dias, a que nós queremos, a de que precisamos.

Mas pela primeira vez pago tudo por tôda a parte. Aprendo o valor do rublo: meio dólar. O quarto, apenas habitável com uma mulher - faltam-lhe água quente e bacia - custa de cinco a sete rublos por dia, fora os impostos. Uma refeição para dois, no hotel, quatro a cinco rublos. Ao fim de uma semana modesta, lá se vão cento e cinquenta rublos, compreendidas tôdas as despesas. Seria uma vida de nepman (comerciante ou industrial do tempo da NEP). Como não o sou, peço a redução que se concede aos emigrados políticos, dentre os quais eu me contava. Solicito-a molemente, porque tenho horror a regimes de favor, e sou informado de que preciso cumprir mil formalidades, dar os passos mais aborrecidos, arriscar-me a esbarrar com uma recusa ou, no melhor das hipóteses, obter apenas a redução de 6%. Não, renuncio a isso. Se não posso viver como emigrado político, viverei como nepman, salvo em certas repúblicas, que se dignarão de considerar-me hóspede seu.

Porque aqueles povos são acolhedores e hospitaleiros, como nenhum outro. A mesa mais modesta, na choupana do último dos desgraçados, há sempre um lugar para alguém mais desgraçado ou para um visitante inesperado. Essa generosidade explica a sua inesgotável capacidade de resistência ao mal. O auxílio-mútuo é praticado em escala desconhecida no Ocidente. E foi necessário que uma doutrina de Estado, estéril de sentimentos, viesse esfriar os corações, embrutecer a razão, exasperar os egoismos, para que se vissem produzir aquelas irrupções sintomáticas de ódios coletivos, que vão, entre irmãos miseráveis, até à delação em massa e até ao crime.

\* \*

Aqui – bem antes de cu saber a verdade, o que só acontecerá muito tarde e, em todo o seu horror, quando eu tiver deixado a Rússia – devo prevenir o leitor de que ésses conflitos intestinos e sua vilania, ésses dramas sociais e sua crueldade, essa degradação moral, única no mundo, de vastas canadas populares, constituirão a única documentação que me interessará, a única que conhecerci a fundo e que referirei da U.R.S.S. Constitui ela a base do critério que forjei para mim em matéria de progresso social. Será ela, queiram ou não, a espada de Damoeles, a estinge do enigma monstruoso ou o mane, thecel, phares do legislador que o luturo chamará para arrasar a ordem humana, afim de lhe dar uma fisionomia menos abjecta que a que traz hoje em dia, pela graça de uma luta milenar por um bem-estar individual, em detrimento do bem-estar da comunidade.

Ora, não se faz mais do que desfigurar cada vez mais aquela fisionomia, quando se instituem regimes que provocam no fundo lamacento da alma humana tais revessas que fazem subir à superficie tudo o que nossos instintos contêm de mais hediondo. A mentira, a delação, a hipocrisia, o assassinio se tornam desde então o meio mais fâcil de assegurar a existência, para todos aqueles que compreenderam não se alcançar coisa alguma pelo trabalho, pela honestidade, pela franqueza.

Sob a ordem capitalista democrática, esses vicios são punidos pelo Código. Não resta dúvida que os mesmos frequentemente conseguem escapar às leis, expor-se em plena luz e criar situações invejáveis àqueles que os praticam com a cumplicidade tácita de um regime podre. Que será de nós, no dia em que uma ditadura da direita ou da esquerda os alçar, no mundo inteiro, à categoria de sistema de governo?

Soltai oficialmente aqueles monstros, um dia que fósse, sobre a pobre vida humana, e dez gerações não bastarão para dominá-los. Dizei aos homens, do alto de vossa poltrona ditutorial, que éles podem fazer tudo o que quiserem, sob a condição exclusiva de obedecerem a seu senhor, e éles farão coisa bem diferente do que expulsar um padre ignóbil e substituí-lo por um absurdo feiticeiro, como o fizeram os inocentes tehuvacos. Porque as ambições, o egoismo, a luxúria, são mais desmedidos no homem suposto civilizado, do que no selvagem. É tal perfumista mundial — famoso regador de mulineres sifiliticas e feroz inimigo do comunismo — não se admirará de saber que na pátria do proletariado, seus produtos impossíveis de encontrar se tornaram o alvo vital de qualquer

femeazinha soviética, desde a espêsa do comissário do povo, até à Comsomolka histérica.

Outros alvos vitais são as belas meias de seda, as lindas peles, o bonito apartamento, a colocação bem remunerada, isto é, tudo aquilo que, em pais burguês, constitui os alvos vitais da maioria dos cidadãos. Com uma diferença! Com a lamentável diferença, que na "pátria" burguesa, colocada de parte a "pátria" fascista, uma denúncia de heresia política não basta para se enviar um homem à morte ou à prisão, afim de se tomar sua colocação ou seu apartamento, e menos ainda para fazer do delator uma coluna do poder, como se vê, ai de

mim! na pátria proletária hoje em dia.

A razão dêste livro consiste pois ûnicamente em meter o ferro em brasa em cima de abcessos que cobrem inteiramente o corpo da Revolução, um dos quais, que descreverei mais adiante, me rebentou em pleno nariz, inundou-me de um pús que ainda trago na face e envenenou-me a existência. Diante de tal podridão precoce, que constitui os fundamentos de um regime, tudo o que êsse regime construiu e promete construir não se aguenta mais de pé. Chegasse éle, no fim de seu próximo "plano quinquenal", a fazer a ventura da humanidade inteira, e eu ainda lhe pediria contas pelos ossos que esmagou com sua máquina de fabricar felicidade, tanto é verdade que o bem-estar da humanidade não me interessa senão a partir do dia em que ela deixar de ser criminosa e começar a tornar-se moral.

Dizei-me qual é a extensão do poder que a vida vos pôs entre as mãos; e conforme o uso que tiverdes feito dêsse poder com relação a vossos semelhantes, dir-vos-ei quem sois.

Eis como é que eu sou revolucionário. Eis ai tudo o que minha dura existência, minha bela Universidade, me ensinou a exigir dos homens e de mim mesmo.

Fora dessa lei, não conheço nada, nem mesmo a amizade. E não tenho contas a pedir a ninguém.

### ATRAVÉS DE CIDADES E ALDEIAS, ESTEPES E MARES, MONTES E RIOS

Agora que me apresto a esvaziar o saco, o dever obrigame a dizer, no inicio dêste último capítulo, que os Soviets fizeram por mim tudo o que lhes pedí e ainda foram além, prestando-me informações e facilitando de todos os modos as minhas viagens. Quatro passes livres, para viajar em terra ou sôbre águas, válidos em tôda a extensão da U.R.S.S., me foram concedidos depois de uma única tentativa, de julho até o fim desse mesmo ano. Na maioria das Repúblicas, os mais bonitos automóveis do govêrno ou de instituições oficiais vinham buscar nosso grupo de quatro peregrinos e fazer-nos rodar milhares de quilômetros. Lanchas a gasolina, e até pequenos barcos de rodas, foram postos à nossa exclusiva disposição para levar-nos mais longe, nos golfos, nos deltas, no emaranhado dos rios. No Caucaso, montamos a cavalo e fomos, cercados por seis carabineiros, ver as ruínas do castelo da rainha Tamara e as cavernas de trogloditas de Várdzia. Na Moldávia soviética, em Birzola, uns velhos amigos que se haviam tornado comissários do povo, vieram com bandeiras e banda de música esperar-me à chegada do trem, acolhimento imprevisto durante o qual dominei a custo minhas lágrimas, pois tenho horror à besta humana, quando se entrega a tirar suas vantagens. Foram-me conferidos títulos de honra. Enfim, o que é capital, milhares de homens me celebraram, entre Murmansk e Erivan, entre o Dniester e o Volga. Amei um grande número déles. E a todos jurei servi-los.

Como quereis pois que eu amaldiçoi o dia em que minha mãe me pôs no mundo, quando uma política ignóbil, acrescida de uma incompreensível doutrina, agora me separa daquilo que constitui a base de minha fé e me cobre o rosto com o véu de uma apostasia que, por não ser senão aparente,

nem por isso me torna menos miseravela

Séde malditos, políticos e dogmas que cometeis tais crimes; que intrigais homens das mesmas crenças; semeais o ódio no coração de irmãos; tornais irreconhecivel a face do amigo e fazeis abortar obras que jamais serão criadas por outros homens e noutros tempos. Sêde malditos, políticos e dogmas!

. . .

Eis aqui, às pressas, perdendo tudo pelo caminho, mas cronològicamente, a nossa inverossimil viagem:

#### ODESSA

Passamos quase todo o més de março em Odessa, onde romenos e gregos russificados me dizem, na intimidade, sinceramente, sua confiança no poder. Dentre éles, uma bela figura de "ex-nobre" a viver à margem da vida soviética, comove-me sobremodo com a sua penosa existência e alegria que encontra nisso. Paralítico de ambas as pernas e tuberculoso, andando aos pulinhos em cima de muletas, de todas as suas antigas propriedades não possui mais nada a não ser um luminoso rés-do-chão, guarnecido de belos móveis, bem assim sua biblioteca, belissima. Porque lhe deixariam isso, conserva ele aos bolcheviques uma comovente gratidão e se ergue, com tôdas as suas muletas, apenas à idéia de que os "gozadores" do antigo regime se atrevam um dia a tocar na ordem nova. Ele próprio foi um daqueles "gozadores" e me comunica o profundo desgôsto que isso lhe causa. Vaidade, luxuria.exploração, indiferença por tudo que é progresso humano e incapacidade de sentir a gravidade da vida. Essa gravidade, agora éle a conhece e acha-a imponente, rica de lutas, de sofrimentos, mas também de alegrias reais e merecidas. Revolta-o o fato de esta verdadeira face da vida não ser conhecida senão dos humildes:

- Eu teria morrido como um imbecil, se os bolcheviques

não tivessem feito o que fizeram! exclamava éle cheio de fervor.

Fino intelectual, apaixona-se pela arqueologia, pela pintura e pelos livros raros. Ganha a vida da maneira a mals imprópria à sua enfermidade, a guiar delegações operárias soviéticas nos museus, fábricas novas e outras instimições.

Devo a éle o que sei de mais elogioso ao ativo do comunismo ucraniano.

Devo a um operário romeno a horrível narrativa do assassinio, por tropas brancas, da professora francesa Jeanne Labourbe, crime, entre outros mil, a respeito do qual o proletariado e os professores de França devem um dia pedir contas aos imperialistas de seu país.

Mas em Odessa penetro pela primeira vez na residência do diretor comunista de uma grande emprésa do Estado, e saio enojado. Interior do mais esperto dos felizardos, peque-tuo-burguês, confortável à medida dos desejos, farto de boas coisas. Tem como dona de casa uma insipida espôsa coberta de berloques e como mordomo um modesto operário, que custa a crer na pechincha com que o cumula o seu diploma de comunista.

Deixo Odessa, expulso pelo médico, que me declara enférmo e bom para um sério repouso na Griméia.

### CRIMEIA

Para lá vamos de barca e sob turbilhões de neve. A bordo, um grupo de cincastas, o qual me reconhece fàcilmente. Entusiasmo, profissão de té. Entrego-me a éles com arrebatamento e sou por éles recompensado. São jovens que fizeram a guerra civil e me narram feitos inauditos e inimagináveis. Parecem-me cheios de talento, capazes, ricos de simpleza e de sinceridade. Como estou munido de uma carta de recomendação, apenas chegamos a Yalta, que jaz sob a neve, éles nos conduzem diretamente à antiga Kino-fábrica de Vuíku, cujos habitantes se comprimem e nos reservam um

quartinho, adornado com pequenos objetos oriundos do palácio de Livádia e augustos produtos das mãos da imperatriz de "Tódas as Rússias". Basta isso para nos tornar odiosos, maigrado sua distinção.

Em Valta, topamos a nossa primeira personalidade bolchevista fanática, a qual, além disso, se tornou para nós um amigo terno, sentimental, inteligente. Trata-se de Micha Pugatchiov, o guarda responsável por aquela fábrica abandonada. Micha é um puro, um sincero. Um coração, Para começar, e embora sabedor, cheio de admiração, que hóspede de inteira confiança está a receber, seu dever impõe-lhe uma reserva cortés, a qual em poncos dias se transformará numa amizade de que me lembrarei sempre. Tornamo-nos dois irmãos, ou melhor, três, porque minha companheira o estima tanto quanto eu. Ele é jovem, rechonchudo, correto, pudico, severo. Ai de mint éle não sabe uma só palavra das linguas estrangeiras, e nós o estritamente necessário para fazer que nos batam, se falamos russo seja lá com quem for.

E no entanto, o més ainda não se havia escoado, e já conseguiamos nos entender, até em pormenores. Com o dicionário na mão, companhamos frases jocosas, que corrigiamos rindo a bandeiras despregadas. Quanto a Micha, só soube dizer corretamente em francês tremor de terra, expressão que vinha com frequência em nossa palestra, após as terriveis sacudidelas que a Criméia acabava de experimentar e de que Valta nos oferecia o lamentável espetáculo.

Aqui é que foi montado (sem dizer la vai água!) o filme tirado de meu primeiro livro. Foi um belo sucesso fotográfico, mas Kyra infelizmente se torna no mesmo uma mulher que tem saudade de seu passado e se mata.

Presentemente, a fábrica não passa de um montão de ferro veiho, que há anos imobiliza um imenso terreno e cuja guarda e manutenção custam alguns milhares de rublos por mês. Pergunto a Micha qual a razão dessa incúria. Ele artegala os olhos graves e me responde convicto:

 Vai-se liquidar tudo, mas é impossível tudo fazer ao mesmo tempo. Não se pode. Estamos sobrecarregados e faltam nos homens. A Revolução, é muito, mas o após Revolução é coisa bem diferente. Vereis quando a fizerdes na Europa,

Quando a fizermos!...

Micha me leva a tôda a parte e mostra-me tudo. Chegam de Simferopol alguns oficiais. E em vez de me repousar, cis-me a rodar através de um paraíso terrestre que suporta mal qualquer comparação. É uma floresta de vilas e de palácios feéricos que pertenceram a uma verdadeira salada de principes e grãos-duques. Hoje em dia, tôda essa ventura da saúde e dos olhos está nas mãos do povo.

É verdade que os mais astutos ficam com a parte do leão. Todas aquelas dom-ordykha (casas de repouso) nem sempre são ocupadas pelos que delas mais necessitam. Funcionários incumbidos de marcar os dias de repouso e distribuir os lugares disponíveis, as vézes reservam para si os melhores. Mas não dizem que a justiça perfeita não é dêste mundo?

Não importa; faço votos para que a classe operária francesa faça a Côte d'Azur o que a classe operário soviética fez da Criméia e do Cáucaso. Mesmo de modo imperfeito, mesmo cometendo injustiças, seria infinitamente melhor do que o que existe agora ali.

Apesar de tudo.

#### UCRANIA

No fim de abril, depois de haver terminado um cenário que Vofku me pedira que escrevesse, deixamos a Criméia e tornamos a subir para o Norte. A separação de Micha nos é realmente dolorosa. Vivemos como bons irmãos, durante um mês. O trato diário e as refeições de todos os dias em comum; as palestras instrutivas; os lugares visitados em conjunto; os projetos do porvir, haviam-nos ligado um ao outro, melhor do que se houvêssemos sido da mesma familia.

Mas o destino é assim: em tôda a parte e em parte algama; com todo o mundo e com pessoa alguma.

Chegamos a Kiev na véspera do 1.º de Maio. E' uma das mais belas cidades de tôda a União. Homens e mulheres formam uma raça soberba, artista de alma, laboriosa, limpa, um pouco orgulhosa demais e demasiado nacionalista. Muitos nepmans e prostitutas. Estas, às vêzes, são meninas de quatorze ou quinze anos.

Amo a Ucrânia, que é a região mais próxima da Rumânia, e é pena que não lhe possa dizer todo o bem que penso de seu foco revolucionário (não o posso mais dizer de qualquer república, porque me aniquilaram o coração), mas confesso que dentre tódas as censuras que ela merece, desagradou-me profundamente a orgia literária, escrivinhadora, a que se entregam, em ucraniano, todos os cabotinos plumitivos. Mostraram-me com orgulho 27 revistas em língua nacional, que se publicam entre Kiev e Kharkov. Três quartos delas são demais, nocivos, e arruínam o operário que não virou escrivinhador.

A Kino-Vufku, que acaba de inaugurar um dos estúdios mais modernos do mundo, parece-me também consumir demasiada energia proletária para a pouca arte que realiza. Meu cenário, que me rendeu dois mil rublos, um outro que fiz em colaboração com Nikos Kazantzaki, pago pelo mesmo preço, proporcionaram-me oportunidade para ver de perto o que se passa naquela casa: muito pouco talento, um monturo enorme. Milhares de cenários pagos e não montados. Uma multidão de burocratas, de artistas e de técnicos que esgotam o homem dos campos e da usina.

Por que teimar em meter o carro adiante dos bois? Por que pretender fazer arte e não fazer senão artistas parasitas, quando ao mundo faltam pão, camisa e repouso?

Por que seguir o exemplo de uma civilização que sabota a vida? MOSCOU

Encontro uma capital acalmada. Nada de banquetes monstruosos. Nada de bandos de loucos, a mobilizar ônibus inteiros. Na frente das cooperativas de consumo, não se vê mais o busto de Lenine, feito de chocolate, entre dois montes de manteiga. Congressos, conferências, discursos, sempre os há, mas apenas para os ouvidos da galeria interior. A Internacional é posta a repousar.

Do hotel Passage, onde alugamos um quarto, custa-me encontrar pelo telefone algum conhecimento feito durante o aniversário. Rakovsky está exilado em Astrakhan. Trotsky em Alma-Ata. No "Petit-Paris", encantador local de encontro de todos aqueles que desejam o bem da Revolução, mas cujos olhos não estão vendados — Pierre Pascal sorri com ternura, fala com prazer e não diz nada. Enfim, descubro que em casa de Pascal me consideram semi-oficial, e, para os do partido oficial, sou quase um membro da oposição. Eis-me envolto num isolamento que não me desagrada, porque gosto da luta. Que venham as hostilidades.

A primeira me descarrega um golpe que me faz bradar: meu melhor amigo de tôda a Rússia, o publicista francês Victor-Serge (Kibaltchitche) está prêso em Leningrado há um ms. Ahl essa, por exemplo, não engulirei sem revidar.

Eu conhecera Victor-Serge durante as festas, em novembro de 1927, quando nos fizeram visitar Leningrado oficialmente. Tendo lido alguns de seus trabalhos, fui visitá-lo em sua casa, à rua Jeliabova n.º 19, onde o encontrei no meio de uma numerosa e honesta familia de trabalhadores, seus sogros, seus cunhados, sua mulher e seu filho, nove pessoas, tôda uma colônia, todos valorosos, todos falando francês.

Desde o primeiro momento, sinto que me acho no seio de uma dessas denodadas famílias judias, que tanto frequentei e amei em minha vida. Além disso, esta aqui é inteiramente constituída de revolucionários que prestaram inumeráveis serviços à obra soviética e muito sofreram pela ideia. Parece que ainda agora lutam desesperadamente, pois que on

16 MESES NA U. R. S. S.

vejo em tórno de uma mesa sóbre a qual o caviar está longe de brilhar.

Sei que Victor é da oposição, Tanto melhor. Também os da oposição têm o direito de viver. Seria até uma desgraça que os não houvesse absolutamene, sobretudo aqui em que tantas coisas se fazem mal e são dignas de critica. E Victor, com seu olhar frasernalmente inquiridor, sua inteligência, sua sinceridade, faz-me adivinhar nêle o perfeito révolucionário que conheci melhor depois. Ligamo-nos espontâneamente, numa amizade que conhecerá tôdas as provações e cujas peripécias serão expostas mais adiante no ignóbil, no horrivel caso Russakov (nome do sogro de Victor-Serge), que encontrará em mim um defensor sem reservas, mas impotente.

Por enquanto só se trata do prelúdio: a detenção de Victor-Serge, em abril de 1928, que teve seu éco em Paris. Estamos a 5 de maio. Para tirá-lo da prisão, não penso em nada mais senão em escrever um artigo e esclarecer a opinião. Digo o a um amigo, que me responde que sou um imbecil. Como assim? Então não posso, eu, publicar um artigo na Rússia, minha pátria? Sim, para louvar o regime. E para salvar um inocente, não? Não.

Cabeceio como uma fera enjaulada. Rumino dentro de mim o dilema: ou Victor cometeu um crime, e deve ser punido; ou é inocente, e, nesse caso, lhe devem uma reparação. Mas como sabê-lo? Dizem-me que ninguém consegue saber se éle é culpado ou inocente, porque não dão as razões de uma detenção. Bem. Tomo isso por uma calúnia. Não obstante, digo a mim mesmo que se a verdade é tal, eu deixo imediatamente a Rússia, volto para a França e faço um bartulho de todos os diabos. Naquele momento, tenho uma confiança absoluta na moralidade dos Soviets, julgo-os incapazes de uma iniquidade consciente e, se estou iludido, se me enganam, estou disposto a berrá-lo a todos os ventos.

Para começar, corro ao Guepeú, onde conheço um homem que tem na mão todos os fios da meada, e que me estima e é por mim estimado. Falo-lhe na amizade que me liga a Victor e em minha fé na sua lisura moral. Ouvem-me com muitas atenções, e alguns dias depois Victor está livre. Rejubilo-me. Estais vendo? Não é o que pensais. Alguns sorrisos dolorosos poupam-me uma resposta que os acontecimentos deviam me dar mais tarde, causticando--me, pois eu é que era o imbecil.

Mas no momento, mais do que nunca eu me considero um homem capaz de fazer muito bem .Não Vêem que minha voz é ouvida na mais temível instituição da Rússia bolchevista? De que é que preciso mais para ser um homem benéfico? Detenhamo-nos pois e cultivemos um pouco aquelas relações, preciosas dentre todas.

#### BEKOWO

Visito os arredores de Moscou e alugo três peças numa datcha (casa de campo), a cêrca de quarenta quilômeros de Moscou, na direção de Kazan. E temos o mimoso Bekowo por três meses: maio, junho e julho.

Quantas coisas sabidas! Quanta coisa a dizer! Mas tudo está morto e bem enterrado, a menos que o diabo me conceda dias suficientes para que cu me ponha de novo na empreitada.

Em Bekowo, achamo-nos em plena floresta povoadà de rouxinóis e infestada de mosquitos. Ar, frescura, solidão, pitoresco. Alugam-se com esfórço datchas ali. E os camponios fazem sonsas reflexões a respeito dos judeus, que são quase os únicos que as podem alugar não importá por que preço:

- Por que é que são os judeus que tiveram antes a

"melhor vida", e são ainda os que a têm agora?

E eu sei lá por que? Primeiro que tudo, não creio mais no judeu doravante, mas no honsem. Em seguida, não sei de nada, nem de sua boa vida anterior, nem da atual. Em compensação, vejo campônios invejosos, odientos, que constroem datchas às dezenas, em tôrno de nós, e que levam trezentos rublos por dois ou três cômodos vazios, ou, com um simples catre sem colchão e roupa de cama, 3.600 francos por todo o verão! Pois bem, se o judeu os paga mais depressa

que o russo, és tu, burguesia nova, que pretenderás que o dinheiro tem cheiro?

Nossa hospedeira é das mais amáveis. Fala-nos tão inteligiveimente o russo e ouve-nos tão atenta, que nos entendemos às mil maravilhas. Como ocorrera com Micha, nossa algaravia russa diverte a família inteira, pois que a boa camponesa tem muitos filhos, os quais, sem serem judeus, nem por isso disputam menos as carreiras mais fáceis.

- Não tendes um piano, por acaso?

- Sim. Mas está a setenta verstas daqui,

Mandai buscá-lo.

Concluimos o negócio e a camponesa escreve ao marido, que um belo dia chega com o piano. Em que? Palavra de honra, em cima de uma telega, através das setenta verstas, e por caminhos impraticáveis! Mas o instrumento é uma bela peça. Perguntamo-nos por quantos quilos de farinha fóra éle adquirido, por ocasião da terrível crise, na época em que, dizem, o camponês exigia "pelo menos" um lenço do transeunte que lhe pedia um copo dágua.

Execrável humanidade! Não fôssem o Moloque de nosso coração e o arrebatamento de nosso entusiasmo, ninguém sa-crificaria uma gota de sangue pelo porvir dêste mundo indigno

de melhor sorte.

#### MURMANSK

Em meiados de julho, começo a ter dávidas sérias sôbre a moralidade do regime revolucionário, mas são apenas dávidas. Nenhuma certera. Quando me acho com uns, os descontentes, vejo-os tão lógicos em suas críticas, que me arrancam gritos de indignação; e quando passo a tarde com os outros, os do lado oficial, opõem-me argumentos tais, que quase tenho vontade de lhes pedir perdão por haver suspeitado dêles. Não trepido então. Marcho com a Rússia.

Nisto, ficam prontos nossos passes livres de viagem e zarpamos para o Oceano Glacial Artico. O cretense chegou também. Um camarada romeno, munido de um salvo-conduto, acompanha-nos na qualidade de guia-intérprete, porém à minha custa. Eis-nos quatro vagabundos, dentre os quais minha companheira, com liberdade de subir e descer como entendermos, em toda essa sexta parte do globo. Mas isso não é uma razão para abdicar o espírito de justiça. Não olvido, com efeito, que se não pago a estrada de ferro, se às vezes entendem de festejar-nos ou hospedar-nos, um verdadeiro dote me precedera quando cheguei à Rússia: dez livros e um filme que me tornaram popular em toda a União, como não o sou nem em França, nem mesmo na Rumânia. Mas já chegamos ao dia da prestação de contas? Seria triste, a principio. Muito favorável a mim em seguida.

Subimos para o norte em linha reta, com uma parada em Leningrado. Impressiona-me fortemente a travessia da Carélia, com seus mil quilômetros de florestas ininterruptas e seus inúmeros lagos desertos. Essa via férrea, construida durante a guerra, custou a vida a milhares de prisioneiros dizimados pelo tifo e o escorbuto. Murmansk é o fim do mundo "civilizado". Achamo-nos em pleno circulo polar. Dunas sinistras. Uma cidade de barracas. Aquilo fede a peixe salgado. Uns raros habitantes, cabeça baixa, andar lento, cruzam-se em vastas extensões vazias, que não se podem chamar de ruas.

Um incidente. Mal descemos do trem, um agente da Guepeú considera-nos um minuto e depois, com um sinal feito com o dedo, chama o nosso guia, interpela-o e leva-o consigo. Não muito longe. Em frente à estação, onde há o pôsto. Pela janela vemo-lo zangar e revistar. Adeus "salvo-conduto"! Vão nos trancafiar a todos?

Não. Não há nada a temer quando ainda se é semioficial. Isso virá talvez. Faço mesmo votos para que isso aconteça. E' preciso conhecer tudo. Porém os Soviets me privarão dessa experiência, e não conhecerei as prisões comunistas a não ser por haver visitado algumas delas como homem livre.

O camarada-guia sai furioso, vexado com a afronta. Vai reclamar no Comitê Executivo local. Fomos deixar nossas maletas no hotel e partimos logo à procura do Comitê Executivo... do qual ninguém sabe nada, o qual ninguém sabe sobretudo onde está instalado. Existe um partido comunista em Murmansk? Ignora-se.

Mais els aqui a Polarnaia Pravda. Aprel Uma Verdade

Polart Deve ser glacial de fatol

Qual o quel As criaturas mais ardentes moram nos polos. Convencemo-nos disso declinando-lhes os nomes e qualidades. Efusão. Pojaluista. O telefone ronca. O Comitê se mexe. Sois hospedes nossos! Spassiba!

Visita ao muscu polar. Muito interessante, muito instrutivo. Em Paris nem desconfiam da ignorância em que

Visita aos grandes postos de salga de Murmansk. Instalações das mais modernas. Operários e operárias, cheios de entusiasmo, contentes com sua nova sorte. Administração

E eis-nos de partida para uma das mais raras excursões de minha vida; quatro horas de lancha-automóvel no golfo de Kola, até Alexandrovsk, entre duas colinas que clamam para os céus seu deserto lunar.

Visita ao Instituto Biológico. Maravilhas marinhas, que nos fazem corar de nossa ignorância. Diretor sério, capaz, homem de ciência e de fé. Não é uma sinecura, naquela

Enfim, retôrno sob o famoso sol da meia noite. Quem nunca viu isto, deve vé-lo nem que seja à custa da prática de

#### KEM

Descemos novamente para o mar Branco. Desejamos visitar as terríveis ilhas Solovki, onde penam prisioneiros políticos. E é de Kem que se embarca. Mas não temos a necessária licença especial. Telegrafo a Moscou. Enquanto se espera pela resposta, vamos almoçar, encontramo-nos inesperadamente no mais belo e melhor restaurante de toda a União Soviética. Pertence ao Guepeú e segue os seus trámites, como deve seguir tudo o que pertence so Guepeú: --

Ninguém percebe remuneração. Do diretor ao lavador de pratos e até à orquestra, todo mundo é a um tempo prisioneiro e livre. Livre para mexer-se dentro de Kem. E' uma situação preferivel à que se experimentou em Solovki. Por isso, cada qual ali se interessa pela coisa e tudo vai que é uma maravilha.

Serviço europeu, impecavel. Cozinha acima de qualquer crítica. E umas criadas ideais: belas "ex-nobres", amáveis, um pouco melancólicas. Tentamos fazê-las dizer qualquer coisa. Impossível. Mudas.

No restaurante, uns camponeses ricos, com suas famílias,

deixam sóbre a mesa somas impressionantes.

Mas se em Kem se come bem, para dormir não há nem bom nem mau. Não há nada. Protestamos. Enfiam-nos em duas peças, cujo mobiliário se reduz a dois leitos, o que é primoroso. Menos primorosos são os percevejos que se abalam em cavalgadas, mal nos esticamos para uma sestazinha. Até à vista, meus benzinhos! Levantamos acampamento imediatamente. Vamos para o hospital, onde nos amontoam todos quatro num quarto de enfermeira, dois numa cama e dois no chão. E passamos a noite atordoados com os berros de uma mulher que - numa peça contígua lutou entre a vida e a morte para salvar uma vida.

No dia seguinte deixamos Kem, renunciando a Solovki e à resposta de Moscou; esta virá, afirmativa, três dias depois e

não nos encontrará mais.

## R. R. S. A. M.

Agora é uma descida na extensão de três mil quilômetros, que nos levará às portas de Odessa, a Tiraspol. Vamos para a R.R.S.A.M., letras cujo sentido meus amigos romenos jamais adivinharão. Pois bem, trata-se da República Soviética Socialista Autônoma da Moldávia, o que é um pouco longo, como tudo que é soviético. Mas quando se é de mãe e lingua rumenas, como eu, vale a pena fazer tal viagem; mormente se se duvida dos corações de ouro que lá nos aguardam, para mostrar-nos a Moldávia comunista com mãos a obra.

Comunistas, moldávios ou outros, só os há de nome. Essa espécie é tão desconhecida da U.R.S.S. quanto do mundo. Denominam-se assim, e cis tudo. Em verdade, coisa alguma está em comum, a começar pelo pão, que aqui se arranca da bôca mais do que em qualquer outra parte. Mas se não há comunistas, nem mesmo socialistas, há coisa melhor; há a intenção do homem superior, que quer dar ao escravo uma vida melhor. Se nem sempre éle pode o que quer, levaremos em conta se é verdade que jamais devemos condenar um homem pelo que éle não pode, mas pelo que não quer?

Ora, a U.R.S.S. é a única parte da terra onde realmente o homem quer nuito: onde realmente suas intenções são revolucionárias. Eis porque não podemos mais virar nossos olhos para outro ponto cardial que não aquele Oriente de

onde virá o porvir.

A República Moldávia, essa borboleta rumena pousada no elefante soviético, foi para mim um exemplo típico daquilo que não se pode. Ela o foi igualmente daquilo que se pode e daquilo que não se quer, porque a U.R.S.S. se mira inteirinha muito melhor em seus pequenos lagos do que nos grandes. Por toda a parte, a mão de Moscou apalpa febrilmente a vida de Moldávia e quer, quer de todo o coração, arrancar-lhe a criança de amanhã. Eis porém a desgraça, Faltam àquela mão paciência, habilidade e higiene; e a infecção ameaça tanto a mãe quanto os olhos do bebê. No entanto, Moscou não quer saber de conselhos. E' uma velha porcalhona, que cuida mais do interêsse próprio do que da saúde da criança e das condições em que nascerá.

Em parte alguma, em toda a extensão da União, encontrareis, como na Moldávia e na Armênia, homens mais simples e mais desinteressados, entregues com maior entusiasmo à obra de reforma social. Sente-se que todos os músculos do organismo do minúsculo Estado são tensos por um único fimialimentar de vida nova os que constituem o número e só a éles Escolas, hospitais, sanatórios, fábricas modernas, usinas de fórça elétrica, jardins-de-infância, creches, kolúhoz, sovkhoz, surgem de cambulhada, a ponto de não mais se reconhecer a mesma região, um ano após uma primeira visita. Nessas duas repúblicazinhas órfãs, os comissários do povo se vestem como mendigos e passam mal para deslindar os problemas de cada fim de mês. Conheço um déles que, para me acompanhar em excursão, teve de arranjar emprestados vinte rublos, que deixou com sua mulher durante sua ausência. A doutora Ecaterina Arbore, comissária da saúde pública da Moldávia, ao tornar-se da noite para o dia simples cidadã, não encontrou mais abrigo em Moscou (e no entanto não era trotskista").

Onde é que já se viu isso, senão naquela terra?

E no entanto, o artificial espreita a obra, ameaça derruila, como em nossa formosa lenda do mosteiro de Argesh, cujas paredes ruiam de noite, à medida que de dia eram levantadas. Que sacrifício será pois necessário para acabár com essa desgraça? Na lenda, loi suficiente o de uma alma humana. E o arquiteto, mestre Manole, não hesitou em murar sua própria espôsa para que sua obra triunfasse.

Que deverão murar os arquitetos comunistas, para verem triunfar a sua? Não têm, também éles, uma espôsa que se chama Doutrina e é infinitamente mais culpada que a inocente mulher de mestre Manole? Não é a ela que a obra

socialista deve todas as suas desgraças?

Ai de mim! hoje em dia os homens amam menos sua obra que suas espôsas. Não há mais mestre Manole.

## O VOLGA

## NIJNI-NOVGOROD-BALAKHNA

Sabe-se no Ocidente que no Volga se viaja em excelentes condições? Nos tinhamos as nossas dávidas. Mais ainda, preparávamos nossa resistência física para o provável assalto de alguns inimigos do corpo: insetos parasitas, pratos intragáveis, embarcação jogando horrivelmente. Imaginávamos o Volga sulcado por abomináveis caravelas carcomidas, munidas de maquinária primitiva e gemendo sua secular fadiga.

Foi uma revelação que nos tornou confusos, mas que saudamos com gritos de alegria. Radichtchev, Pravda, Leemontov, Spartacus, 3.ª Internacional, são modernos navios fluviais, cujo confórto, cozinha, serviço, escrupulosa execução do itinerário não cedem em nada aos melhores de seus rivais da Europa ocidental. Alem disso, em barco algum na Europa se comem o esturjão, o caviar fresco e — se se tem vontade — as deficiosas melancias do Volga — acepipes, pratos e sobremesas — de que nos fartamos até quase estourar, entre Nijini e Astrakhan.

E' verdade que é um pouco caro para a bolsa de um proletário, mas ainda assim é bem mais barato do que na genera, lidade das bodegas parisicuses com pedantismo e lacaios.

Com quatro rublos, em primeira classe, come se aquilo que sómente o Volga nos pode proporcionar, e behe-se o Tsinandali ou o Naparauli que só o Cáucaso amadurece ao seu sol.

Resolvemos chegar a Nijni de improviso, para vermos e ouvirmos, a deambular solitários, aqui e ali. Com efeito,

agora não temos mais guia nem salvo-conduto. Somos livres, Dois casais à procura da fé. E logo naquela manhã de vagabundagem incógnita, ouvimos queixumes que nos entristecem. Tais queixumes multiplicar-se-ão doravante e por toda a parte serão semelhantes: a sorte do operário que não é senão operário, a do camponês que não passa de camponês, ou, pior ainda, a sorte do trabalhador que resmunga, não têm nada de agradável sob a ditadura comunista. Pouco trabalho e-mal remunerado, desemprêgo, privações, perseguições — de um lado; favoritismo, seleção rigorosa, abusos, sinecuras, desvios de dinheiros, espionagem, politicagem — de outro lado. Os que nos falam não nos conhecem, mas vendo-nos, estrangeiros, sem guias, abrem-se a nós, sinceros, magoados e sempre fiéis ao regime cujo advento é obra sua. Porém so-frem, queixam-se e querem que isto mude.

Precisamos de um pouco de paz, de um tiquinho de bem estar, da segurança de uma existência de labor. Basta de discursos, de ostentação e de política venenosa. Já não aguentamos mais. Mas isso só interessa a nós. E que saiba o estrangeiro que nos bateremos sempre como leões, e melhor do que há dez anos, porque agora sabemos que o que pode vir de fora é pior do que aquilo de que nos queixamos.

Está ai uma linguagem verdadeira. Pode entristecer-nos. Nem por isso deixa de animar-nos. E não temos mais nada a aprender, quando amáveis personalidades oficiais nos vêm mostrar caras alegres e burilar uns quadros que para nos não são mais do que um ornato, um ornato real, do qual restará com certeza uma parte, mas que afinal de contas é ornato.

Foi assim em Nijni-Novgorod e assim será por toda a parte. Gostaríamos de encontrar a mesma impressão na fisionomia do camarada Barbusse, com quem nos encontramos aqui, como nos encontraremos em Sukhum. Mas em Nijni éle se acha doente, no hospital, porque viaja de avião, em que há correntes de ar demais. É em Sukhum tem éle muita pressa, porque vai aos confins das montanhas para ver "o homem mais velho do mundo".

Assim limitamo-nos às visitas que se dignam de fazer-nos realizar. E tudo é belo. Belissimo. Sobretado aquela for-

midavel fábrica de papel de Balakhna, perto de Nijni, a qual e uma das quatro maiores fábricas da Europa, mas que não tal para a frente e continuará a não ir para a frente porque o carpinteiro não pode virar farmacêutico da noite para o din. Mas o ornato! Ah! as suntuosas "habitações operárias"! as soberbas vilas construidas em tôrno da fábrica, em plena verdura, e que fariam empalidecer de inveja todos aqueles operários da América, dos quais se diz que cada qual possui o seu Ford! Que é um "calhambeque" ao lado de uma vila igual àquela em que moram em Balakhna os operários soviéticos?

Operarios? Que operarios? E' melhor não insistir.

6/1 5/16 ALINE

### KAZAN

Eis-me no reino daqueles terriveis tártaros, cuja espantosa memória ainda hoje em dia serve às mães rumenas para acalmar seus filhos turbulentos. Eis ai os tártaros e dir-se-ia que os tártaros já lhe correm em cima, são expressões de tertor que se ouvem, ainda em nossos dias, nas planícies rumenas. Mas é apenas uma lembrança. Gêngis-Cão morreu, Não há mais tártaros. E Kazan será a cidade do Volga que viverá em nossa memória, como uma das mais amigáveis, das mais entusiastas, que temos conhecido na U.R.S.S.

Oficial ou não oficial, aqui o homem se acha mais próximo de sua boa natureza de vencido quatro vezes secular. E pobre e sujo. As epidemias o rôem, môrmente o tracoma, que o cega. Eis porque a mais bela obra comunista que os tártaros realizarão será o magnífico Instituto destinado a huar contra essa terrível moléstia dos olhos. Levam-nos em seguida a uma centena de verstas, afim de mostrar-nos o ignorante, o irmão: o campônio fanático, supersticioso, imundo e recalcitrante. Eles não se vangloriarão, não se "pavonearão" como tantos outros, mas dir-nos-ão simplesmente, abrindo os braços:

Eis al o que herdamos do czar! Devemos reabilitar
 Esse homem, e somos pobres.

Não são glutões nem beberrões. O banquete que nos darão, será, pelo contrário, frugal. Nada de discursos, porém gritos de alma.

No cais, tanto à chegada como à partida, é em multidão compacta que comparecem, exuberantes e tímidos. E antes de nos separarmos, fazem questão de oferecer a cada um de nos um casquete e um par de babuchas tártaras.

Oht valoroso Kutuit Excelente Maomè Nurdin Sultanovi Quando nos tornaremos a ver? E tu, Taghirov, que me parecias o mais sólido de todos, por que estouraste o crânio? Eras um homem de té ou um moleque?

#### SAMARA

Aqui se dará comigo um incidente que terá êco em França e foi deturpado de maneira tão maldosa, que sou forçado a restabelecer os fatos. Eis primeiramente aquele êco, tal como apareceu em Le Temps de 16 de outubro de 1928:

RUSSIA – O Comissariado da Instrução Pública prossegue na destituição de antigos altos funcionários que ocupam vários lugares nas administrações científicas e nos museus,

Assim, já foram destituídos: Grave, antigo membro da Côrte de Cassação; Childlovsky, antigo governador; Minkovitch, antigo diretor do Departamento do Interior.

Quanto aos empregos nos museus, destituem-se todos os titulares que, no passado, foram hostis ao bolchevismo,

Coisa curiosa, essa medida teria sido inspirada aos comunistas pelo romancista Panait Istrati que, ao visitar o museu de Samara, chamou a atenção das autoridades soviéticas para o fato de haverem reunido em tal museu uma bela coleção de borboletas da Africa, ao passo que ali nada se vê que recorde as fomes de outrora e as guerras civis.

Não "inspirei" coisa alguma "aos comunistas", nem jamais "chamei a atenção das autoridades soviéticas" para o que quer que seja. (Sim, chamei uma vez aquela atenção, e com a violencia que se verá na terceira parte dêste livro; o que não teve repercussão a não ser na dor humana, ai de mim!, e não podia, de modo algum, colocar-me na posição de espião, como insinua Le Temps quanto ao incidente de Samara).

Essa cidade — centro da mais terrivel fome que até então tem flagelado o planeta — não possuiria nada susceptivel de atrair até si o historiador ou o escritor dos antipodas, a não ser um museu em que se encontrasse toda a documentação concernente ao flagelo que custou a vida a seis milhões de seres humanos, em 1921 e 1922. E naturalmente, ao chegar ali, pedi que me levassem a tal museu, não duvidando de sua existência num pais de museomanos imbecis.

Lá nos levaram, e passamos de uma sala para outra, sem vermos outra coisa que não as bobagens que se amontoam em não importa que museu de provincia de não importa que pais,

- Mas onde está então o vosso museu da fome?

Ainda não o instalamos, camarada: Falta-nos lugar,
 Como? Não vos falta lugar para expor todas essas bugigangas; e falta-vos para aquilo que sómente vós possuis no mundo? Mostrai-nos os documentos.

Estão trancados, e a chave está com o direior, que não está aqui.

Peço-vos ir buscar já o diretor on a chave. Estamos aqui para isso.

Apressam-se. Vem atender-nos um velho barbado. Achamo-nos em presença de tal material documentário, que ratremecemos de horror. As fotografias são imagens de pesadelo. Os espécimes daquilo que denominavam "pão" no tempo da fome, são inverossimeis. Os relatórios dos policiais que iam investigar onde se davam casos de antropofagia, são narrativas que escritor algum jamais poderia inventur. O conjunto fala com eloquência de uma época de suplício, que nos revolta por sermos homens.

Mas quase todos esses documentos, conservados num só-

tão escuro, estão já deteriorados. É como peço algumas provas fotográficas, respondem-me que o museu não possui as respectivas chapas:

 Foi um fotógrafo particular que as tirou, porém morreu em sua empreitada, contaminado por tifosos famintos

que fotografava.

Os heróis morrem, está certo. Por isso, só posso olhar com desprêzo os simplórios que reunem a nossa frente os preciosos objetos, afim de os enfurnar de novo, durante anos, 
em lugar onde um dia não se achará mais do que um monte 
de pó. E como nos apresentam o livro-registo para escrevermos amávelmente nossas excelentes impressões, en escrevo: 
Os contservadores dêste museu não são camaradas, mas contrarevolucionários. E enumero as razões de minha apreciação.

Nisto, os jornalistas que nos rodeiam, apanham a bola e jogam-na mais longe. O que a seguir ocorreu, en só o soube através de Le Temps, que sabe tudo e o diz em bom francês, desonestamente. Esse jornal, para o qual en nunca existi, não me descobre senão para relatar minha expulsão da Grécia e dizer que feroz tehekista (espião) en me tornara na Rússia.

Pobres simplórios!

#### SARATOV-POKROVSK

O que há de mais importante em Saratov, é ir ver a República dos Alemães do Volga, cuja capital. Pokrovsk, está na margem oposta do rio. Infelizmente não a pudemos visitar senão às carreiras. Mas basta ver aqueles homens, para notar a diferença de raça e de costumes. Aqui, como na Moldávia soviética e no Cáucaso, descobre-se o mesmo colono alemão, sóbrio, bom organizador, inteligente, limpo, tenaz no criar, não importa onde, o máximo de bem-estar. Na Rússia, sua casa ordenada e próspera é assinalada de longe, a surgir como um penhor de civilização no meio de uma barbaria miserável.

Ilhotas assim, de exemplar economia alemã, temo-las tambem na Rumânia. Nasci e vivi em sua vizinhança. Ao

lado de Braila, em Baldovinesti, pode-se ver a Satu Nemtesk (a aldeia alemā): as mais belas casas, o mais bonito gado, os homens mais pacíficos, exatamente como na Rússia, cujo campônio é o irmão infeliz do nosso:

Que farão os comunistas daqueles lares prósperos? Pareceu-me perceber, nos olhos dos dirigentes de Pokrovski e um suas palavras firmes, a decisão germânica já disposta a revoltar-se contra qualquer veleidade que ameaçasse reduzir a fatia quotidiana de schnitzel acompanhado (bife a cavalo), que a vida deve a todo bom alemão.

Foi a única região onde nossa passagem se limitou a visitas, sem comilâncias, sem bebidas, sem a menor alocução. Conservo-lhe a boa lembrança.

Mas como tinhamos fome, ao deixarmos sua República, pedimos a nossos guias que nos levassem a qualquer parte onde, nos matagais ensombrados do Volga, pudéssemos saborear um borchtch (sopa) de esturjão, preparado na hora, por autênticos pescadores. E eis nossa lancha-automóvel a deslisar como uma flecha. Durante horas esquecemos a fome para não mais nos saciarmos senão do espetáculo oferecido a nossos olhos pelas margens agrestes daquele grandioso rio. Eu revivia minha infância, o campo de ação de Codine, (\*) o império de nosso selvagem Danúbio.

Chegamos a uma encosta das mais ocultas à "civilização", onde homens, mulheres e crianças saiam como animais selvagens de cavernas cavadas na areia. Belos e numerosos apetrechos de pesca secavam ao sol. Solidão hostil. Nenhum acolhimento.

 Achamo-nos em casa de pescador kulak, diz um de nossos guias. Ele não gosta de nós.

Era o que se estava vendo. O patrão, poderoso com sua abundância e abominando os comunistas, vem assim mesmo, de cara fechada, indagar-nos o que é que futricamos ali. Ante o desejo que lhe exprimimos, êle tirou do Volga um esturião do tamanho de um bezerro, no-lo mostrou durante

<sup>(\*)</sup> Personagem de remance do A.

16 MESES NA U. R. S. S.

um segundo, disse-lhe o preço e atirou-o de novo em sua pri-

são submersa, sem esperar nossa resposta.

Afastamo-nos. Não foi o preço que nos enxotou, mas o odio do homem, pois não tínhamos ido lá por causa do esturião. Fomos adiante, encostando a barranca hospitaleira de pescadores pobres, que nos acolheram fraternalmente, acenderam uma verdadeira fogueira e nos prepararam um gargantuesco borchtch, mas cujos esturiões não eram maiores do que uns gatinhos enjeitados.

— Por que é que dentre os mesmos pescadores, nas mesmas águas, um apanha uns bezerros e outro uns gatinhos?

 E' que, estamos vendo, um tem o capital; o outro tem apenas seu bom coração.

#### STALINGRADO

Tovarichtch Staline, assim como o pescador kulak, também não devia gostar de nós, pois na noite em que nos aproximamos da cidade que traz o seu nome, nosso barco encalhou. Foram necessárias longas horas de esforços para fazê-lo flutuar de novo. No cais de Stalingrado, onde acostamos com grande atraso, ninguém nos veio ajudar a desembarcar. E tinhamos pressa de chegar a Anfrakhan, domicílio de Rakowsky, têrmo de nossa viagem no Volga.

Não nos mexemos pois:

- Terà alguem vontade de visitar a cidade désse kulak do comunismo?
  - Não, não!
- Pois bem! pra frente, ao embaixador caido em desgraçã!

### ASTRAKHAN

Embocadura do Volga. Cidade fedorenta. Miriades de mosquitos. Peste, malária, cólera.

- Izvostchik! levai-nos ao melhor hotel da cidade.

- E' o Communalnaia Gostinitsa.

No Hotel Comunal, peço dois quartos:

- Limpos, estás ouvindo?

- Limpos.

Instalação dos leitos, que me parecem suspeitos. (Tenholhes a experiência). Emborco-os, e eis os espantosos percevejos, dos quais o meu passado loi tão rico. Mas agora não quero saber mais dêles. Tenho, também eu, o direito de viver sem percevejos, tanto mais quanto pago muito caro.

Furioso, saio para o corredor, que é escuro, e faço um estardalhaço à rumena, convencido de que se pode perdoar tudo aos homens, salvo o se deixarem devorar pelos percevejos, e viverem e acomodarem-se com esses bichos (fáceis de extirpar), como se vive e se acomoda com uma perna de pau. Em minha pobre infância, experimentei tudo, menos ésse suplicio, que minha mãe não tolerava: "A abundância é dificil de adquirir, dizia-me ela, mas o asseio está ao alcance de todo o mundo". E quândo na Criméia vi umas casas para educação da infância abandonada, mas onde essa infância era prisioneira de milhares de percevejos, disse eu que valia mais bater naquelas crianças e obriga-las à limpeza, do que ser brando com elas e deixá-las crer que aquela bicharia faz parte integrante do nosso organismo.

Assim, xingava eu no corredor, a reclamar camas sem percevejos. Ai, se abre uma porta, na escuridão, e um homem rechonchudo vem a mim:

- Es tu que xingas assim?
- Rakowsky! Como? Então moras num hotel cheio de percevejos?

 Não. Quase não os há. E' por causa de um congresso que se realiza neste momento; foi preciso arranjar leitos não importa onde.

Precipitamo nos em seu aposento: um quarto apenas; cinco pessoas ali mal podem entrar. Um biombo oculta o leito e a pia. Malas abarrotadas de livros. Uma mesa repleta de papeis, Rakowsky trabalha numa Vida de Saint-Simon. Eis porque o encontro gordo, inchado, molengo, por isso que éle é homem para lutar, e não para escrever vidas. Além do mais, está com malaria. Tem ainda não sei que outra moléstia, impossível de tratar em Astrakhan.

Mas não é o "tartufo". Sempre disposto a lutar e mais do que nunca convencido de que... De que? Eu não saberia dizê-lo. De suas palavras nascem muitas convicções, mas quanto a defini-las, trabalho perdido. Porque, meus amigos, os embaixadores bolchevistas são ainda diplomatas.

Assim, prefere êle falar-nos com entusiasmo do lotus que teima em crescer aqui, como se estivesse no Egito, e descreve-nos sua melancólica existência de flor acuada pelo frio. Exalta ainda a obra de fertilização dos areais circunvizinhos, aos milhões de hectares, com o auxílio de plantas especiais.

— Precisais ver esses dois milagres do delta do Volga. Permanecemos ali oito dias e vemo-los. Aos areais, se bem que muito afastados, ele nos acompanha em pessoa, a convite bondoso das autoridades locais, que lhe pedem facilitar a tarefa do velho amigo que sou para ele. E eis-nos oficialmente admitidos na intimidade do grande proscrito, que transforma nossa estada naquela cloaca pestilenta numa alegria de todos os minutos.

O camarada Orloff — homem que um dia desceu num poço afim de lá deixar para sempre suas duas pernas — é o fanático promotor daquela obra de gigantes, que pretende, não só fixar as aretas que carregam aldeias inteiras e ameaçam obstruir a embocadura do Volga, mas ainda torná-las accessíveis à cultura. E' perspectiva para um romance épico. Não acompanharei as explicações técnicas que nos declama com volúpia aquele herói paralítico, mas admirar-lhe-ei a fé e a de nosso intérprete ocasional que, tendo perdido também éle, não suas pernas mas as asas, agarra-se às muletas e lá se vai com éle através da imensidão das estepes, onde é impossível acompanhá-los no meio dos espinhos que nos ensanguentam as mãos e o rosto.

Éles nos esquecem. A noite que desce nos isola uns dos outros. Um silêncio de cemitério abafa as vozes dos que se chamam entre si, cada qual a lutar com a lama e os espetos para achar de novo o caminho até ao rebocador que nos espera a uma légua.

Somente o sem-pernas e o desasado, lá em cima da coli-

na, com os rostos avermelhados pelos derradeiros raios do crepásculo, gesticulam, jogam-se para a direita e para a esquerda, examinam as urzes, descrevem com os braços largos circulos que querem abraçar a terra e se mostram entre si a marcha do bolchevismo no mundo.

Alguns dias depois nos vamos, sem Rakowsky, visitar o lótus, que está a um dia de barco no labirinto do delta, imenso império de plantas raras, de animais e pássaros selvagens, onde ninguém tem o direito de caçar nem de pescar. Um rebocador de rodas, Tov. Staline, lá nos leva, rodeados de oficiais, dos quais um que parece ser o chefe da exeursão, afigura-se-me pouco inteligente. Ele me censura a simpatia pela Oposição, cujos lideres não passam de "traidores". E para provar-me que é isso mesmo, traz um argumento delicioso, ridiculo e inédito. Ei-lo:

- Sabeis o que disseram os moradores de Alma-Ata, ao verem chegar Trotsky?
  - Não.
- Pois bem, êles disseram; Eis que volta o antigo regime!

- 71

## TRANSCAUCÁSIA

#### TIFLIS

Deixo Astrakhan levando-lhe a malária. As últimas quarenta e oito horas de nossa permanência nessa cidade, passo-as de cama, onde uma febre cavalar me devora. Não obstante, levanto-me e partimos, através do Cáspio, para Makhatch-Kala, donde tomamos o trem para Tiflis.

E' a segunda vez que penetro na capital da Geórgia. E la voltarei três vezes ainda, depois de estar em Erivan, em

Baku e em Kakhécia.

Tiflis é a mais bela cidade da União e aquela onde a fila é mais longa para se conseguir pão. Essas filas começam às três horas da madrugada. Delas e de muitas outras coisas mais, os escritores franceses, comunistas "na linha", não falam.

Assim, poderia eu, por meu turno, escrever um livro, e até dois, unicamente consagrado à Geórgia e não contendo senão o necessário para encher os vazios imensos que intumescem a mais não poder as páginas daqueles livros muito prudentes, muito imbecis, absolutamente falsos e totalmente incompreensíveis, nascidos da pena de certo escritor que ja foi homem uma vez e que teria lucrado em continuar a sê-lo

Pobre mundo... Pobre arte... Pobre consciência humana... Como sois lastimáveis, despreziveis! Um ossinho para vossa goela e uma migalha de vaidade para vosso coração séco bastam-vos, enchem-vos de ventura e de tranquilidade, tornam-vos cegos, surdos e mudos, transformam-vos numa lesma e fazem-vos olvidar a extensão do sofrimento que derraman por toda a terra os tiranos que vos avassalam!

Tiflis, Geórgia, Transcaucásia, a União Soviética inteira:

não é aqui nem hoje que poderei dizer o que sois. Mas vomitarei já já o símbolo daquilo que fizeram de vós. É é so assim que não terei comido em vão o vosso pão.

## BORJOM

Nosso itinerário prevê, nesse fim de setembro, uma parada de um mês, afim de classificar nossas impressões e, se possível, escrever nosso primeiro volume. Por minha parte, sinto já que sou um homem perdido: nada de alegre sairá de minha pena. Mas o creteme, que é poeta, se esforça por dizer tão hábilmente as coisas, que continua sendo possível a publicação de nosso livro em Moscou. Bem. Não se quer outra coisa em Moscou, isto é, não querem senão publicar artigos nossos que estejam "na linha". Isso daria também um jeito em nossa bolsa comum, que está bem doentezinha, mas é necessário que êsse jeito não se faça a todo custo.

Solicitamos ao governo georgiano que nos proporcione a permanência de um mês, sem pedir-lhe outra coisa a não ser colocar-nos nas condições de vida de qualquer cidadão soviético, que não seja nepman ou comissário do povo, pois não podemos mais pagar só pelo quarro de casal cinco ou sete rublos por dia.

Cumulam-nos de generosidade: o governo oferece-nos completa hospitalidade em sua própria casa de repouso, em Likanski-Dvoretz, perto de Borjom. E suntuoso. Achamo-nos no antigo palácio de verão do grão-duque Mikhail Nico-laevitch Romanov, assassinado. Aquilo fede um pouco a sangue, e a nova felicidade sangra.

Permanência inolvidável, às vezes triste, frequentemente melancólica. Região divinamente pitoresca, montanhas agrestes, rios. Depois da famosa estrada militar de Vladikavkaz, que percorremos de automóvel, ao sair de Tifilis, rodamos para Tsikhisvari e Abastuman. Sucede-me não poder crer que tanta ventura possa existir na terra, e reservada a uma parte infima da humanidade.

E o cretense escreve, escreve, ao passo que eu me desespero e engulo quinina quatro vezes por dia.

#### ERIVAN

O armênio é um homem que conheço bem, tão bem quanto o grego e o judeu. Os três me são muitissimo simpliticos, malgrado seus defeitos, dentre os quais aquele que mais se lhes censura consiste em crer que se o sol viesse a desaparecer para sempre, éles seriam os primeiros entes humanos a poder acomodar-se com isso.

O que não é precisamente um defeito. Cada vez mais me convenço disso na Arménia, que não passa de uma ruína, horrotosa e que será a primeita a se reerguer dessa ruína, graças à capacidade de adaptação do armênio e a despeito do comunismo. Sim, a despeito. Porque hoje que sei (e ve-lo-cmos) o que se tornou entre as mãos ignóbeis do homem, já não é mais o comunismo a meus olhos senão um malbaratador de vidas. Diante dele nós não somos, ai de mim! senão carne para canhão, justamente como diante do capitalismo, mas por motivos diferentes,o que afinal será um belo motivo de vaidade para os operários da usina...

A falsidade do homem do poder que trapaceia com a verdade, é tão evidente em Erivan como nas demais partes da União e na Internacional. Aquele homem fede a mentita, a hipocrisia, a falso entusiasmo e às vantagens que sabe tirar.

Mas aqui, ao lado da mentira, realiza-se muito trabalho todos os días. E' que o arménio é mais sóbrio, mais econômico que os outros. Jamais éle perde o norte. Já não lhe é mais permitido enriquecer-se sózinho? Pois bem, enriquecer-se á em comum. E quem sabe? Em tal día, talvez o próprio Etchmiadzine e seu Katholikos não se acharão mal de todo?

Eis por que o arménio é uma bezerra que mama em duas vacas: a soviética e a armeno-americana, das quais não tira pouco leite não. O que ela não tem, ela própria o prepara no local, pacientemente, laboriosamente.

\* \* \*

## AKHALTSIKH-BARDZIA

Recordar-me-ei para sempre daquele pequeno tapeador, por causa do grande número de bolcheviques de raça que ali descobrimos, dentre os quais o presidente do soviet local particularmente, homem que nos inflamou com as terríveis his-

tórias de guerra civil que vivera.

Alias, essa seleção se justifica em Akhaltsikh, região devastada por incursões de bandidos turcos que atravessam a fronteira, roubam, matam e voltam para junto de Kemal Pacha. Foi preciso provar que se tinha pulso. Massacraram-nos impiedosamente. Agora nos afirmam que a região está "mais tranquila" e convidam-nos para uma penosa, mas belissima excursão a Bardzia, distante 43 quilómetros dos quais uma boa parte só se pode percorrer a cavalo. Pretendem primeiramente nos dar uma ideia da agrestia daquelas montanhas caucasianas, bem mais imponente que a do Vladicáucaso, e em seguida mostrar-nos a cidade troglodítica e as ruinas daquilo que constituíu outrora o orgulho da famosa rainha Ta-

Aceitamos com entusiasmo, todos, até as mulheres, porque é uma álegria para nossos corações ouvir aqueles bolcheviques, cuja fe está intacta e cuja vida é bem dura, naquele buraco perdido do Cáucaso. Mas quando nos apercebemos do número de homens armados que nos acompanham, e de pois, já instalados em nossas montarias, os seis carabineiros a cavalo que nos vão escoltar, ficamos um pouco desconfiados daquilo a que chamam uma região "mais tranquila!". Mas lá vamos apesar dos pesares.

E jamais nos arrependeremos disso.

Foi naquela estrada que vimos uma estação agronômica construida em cima de uma antiga prisão czarista. Por que é que não se é sòmente assim, quando se é bolquevique?

# BAKU

Não esperem que eu exalte as sondas, que eu conhecia

alias, por té-las visto em minha terra. Não se trata senão do petróleo, de que em nossos dias só se utilizam para passear. pela terra e pelos ares, os devassos deste mundo, e que é o germe do próximo massacre universal.

Em Baku, estamos também pela segunda vez. Recordamse disso. Surgem caras conhecidas, todas amáveis, porque o homem é amável, assim que vé um sorriso nosso. É não podemos proceder de outra maneira, diante de criaturas que não são as mais defeiruosas e a todos recebem de braços aber-108.

Nova visita às sondas, ou poços, que se tornam densos como uma floresta. Quanto à sorte do eperário, que sei eu? Que posso saber, comparando cifras? Conheço a sorte do operário, quando me acho lado a lado com éle a trabalhar. Mas hoje, quando desço dos carros oficiais apenas para sentar-me a mesas oficiais, não quero nem mesmo ir interrogá-lo: éle rombará do cavalheiro que me tornei ou mentir-meá. Não me "farão" mais isso.

Em verdade, vemos "treze cidades operárias que abrigam vinte e cinco mil almas", todas novinhas em folha, todas confortáveis, confortáveis demais. Penetramos em vários lares. E' bonito, é cômodo. Aclamam-nos. Respondemos com sorrisos. "Passai-me ruibarbo, que vos passarei sene" (Uma mão lava a outra).

E deixamos a região do ouro negro, sem saber coisa alguma do tumulto que a agira, a não ser que no palácio, em que vivemos, certo nepman e certo comunista dividem entre si, fraternalmente, o mesmo prato copioso.

## TELAV (KAKHECIA)

Vimos aqui visitar a região do famoso vinho de Tsinandali, mas a mim, pessoalmente, é outra coisa muito diferente que ali me atrai: Telav é um centro de terror burocrático, consequência impiedosa da cruel repressão vermelha de 1923, por ocasião do levante nacionalista, quando regiões inteiras

foram literalmente dizimadas. Eis ai o meu vinho Tsinan-

Eu gostaria de voltar ali, acompanhado de um guia de minha escolha. Não foi possível. Estávamos em Tiflis. Impingiram-nos a princípio uma espécie de "escritor proletário" munido de não sei que importância em dinheiro, de que não precisávamos. Mas na noite da partida, o borracho "proletário" se embriagou de rijo, chegou atrasado, fez nos perder o trem de meia-noite e vomitou no bonde durante todo o trajeto entre o hotel e a estação, tanto na ida como na volta

Queixei-me disso ao presidente Makharadze e ao comissário Todria, homens respeitáveis, velhos bolcheviques, que ficaram indignados. E foi em companhia do próprio secretário da presidência, o camarada Metrevelli, que embarcamos em Telav. Compreenderão que, nessas condições, quase não me foi possível mexer-me. Não obstante, um gregos de origem, que encontrei em Kakhécia, disseram-me o suficiente para que, a partir daquele momento, meu coração se esfriasse definitivamente para com um regime que expulsa o camponés georgiano de seu lar, intima-o a ir-se embora para onde quiser e faz ocupar sua pobre casa e seu cantinho de terra por uns "lóbos na linha".

Uma noite eu pude sair só e ir ver uma dessas infelizes familias, que erram por tóda a região, a morrer de fome e a dormir na plataforma das estações: é de se morrer de tristeza.

Els ai o que fizeram da Geórgia... Pobre simplório.

\* \* \*

## BATUM, SUKHUM, NOVI-AFON

Quanto a mim, agora, é a degringolada da fé. A Transcaucásia, império do arbitrário, da a mão ao Câucaso, terra de orgia comunista, e ambos completam a regra geral da U.R.S.S. Nenhum traço de uma vontade que se exerça de baixo para cima. Opressão do aito. Os pequenos governos regionais não fazem mais do que obedecer a Moscou. Eis o tom da política em vigor: esmagar qualquer veleidade de independência espiritual e de verdadeira critica; servir-se de quem quer que seja que aceite votar "na linha", partido e sindicatos.

Os sindicatos sobretudo, bem assim as Jakt (cooperativas de habitação), flageiam com uma crueldade de que nenhuma okhrana exarista jamais se atreveu a dar prova. Porque a okhrana não passava de uma policia bem organizada, mas cujos incionários não constituiam uma seita. Ora, comunismo oficial e uma seita. Além do mais, a okhrana não tinha a sua mão negra enterrada no estômago do homem; ela só o atacava em seu direito de pensar; se o individuo não pensava como o czat, arriscava-se um dia a perder a liberdade ou a vida, ou ambas de uma vez. Isso era tudo e sabia-se. Enquanto esperava por aquele "acidente", o homem ainda podia ganhar seu pão de cada dia. Antes ou depois da prisão com trabalhos forçados, o operário, apesar da "caderneta negra", continuava um operário, digno do emprégo e do alojamento.

Hoje em dia já o não é mais, se não pensa como o Polithureau. A mão feroz do Partido e a da Jakt detém tudo, pão e abrigo. Uma suspeita, e teu lugar na usina, e teu alojamento, periclisam. Mais um passo na via da insubmissão, e cis-te no meio da rua: expulso do sindicato e de teu trabalho, ninguém, ninguém te poderá empregar. Estás condenado a mais negra miséria, à fome e ao suicídio. Afinal, se te acontice seres um "espírito turbulento" e ousas agitar-te, um beio dia te apanham discretamente e uenhum de teus colegas sabe mais o que é que te tornaste.

Eis ai o que fizeram...

Mas fizeram e fazem ainda outra coisa. Eis aqui o seu resultado:

O terror que atinge o ventre e o abrigo, isto é, o pior dos terrores, mais dia menos dia produz a covardia geral, e os dois, consorciados, permitem aos tiranos gozar à sua vontade.

Eles fazem-no sem cerimônia, na harba dos vencidos. Apotando-se a princípio numa minoria governante com que o poder divide o melhor, e em seguida na multidão que vem imediatamente após e que se presta a tudo para assegurar o pão, a burocracia falsifica a escrita, delapida a caixa, viola a mulher que lhe agrada, exige das operarias antecipações de tributos "em espécie", e bebe de cair. Paraíso terrestre, o Cáucaso tem visto magnificos automóveis degringolarem em seus abismos, com ilustres chefes, lindas fêmeas e um camarada chauffeur, todos num porre inaudito.

Em Astrakhan, um désses "camaradas chauffeurs" (carro e motorista do próprio ispolcom) nos toma sem dúvida por "comunistas" granfinos e não param um instante de dirigir piadas a nossas companheiras, correndo como um louco, a despeito de nossas advertências, a ponto de atropelar uma criança, sóbre cujo corpo passa com todo o carro, felizmeme sem matá-la. Levantei-me e descarreguei-lhe ums sócos na cabeça, como se usa entre não-comunistas, a despeito de sua qualidade de motorista do ispolcom e da presença de Rakowsky uo carro.

"Eis ai o que fizeram", deturpação comunista.

Chegando a Novi-Alon (Abkhasia) em novembro, escrevi, a 4 de dezembro de 1928, minha primeira carta a uma importante instituição de Moscou, na qual eu digo tudo o que vejo, sei e penso. Digo-o da maneira a mais amistosa, porem a mais clara e categórica.

Depois de passarmos uma quinzena naquele formidável cláustro — soberba região que sorri para o sol e o mar Negro — tomamos o trem para Moscou.

\* \* \*

## GAGRI-SOTCHI-MOSCOU

São generosos os abkasianos: fizeram tudo para nos serem agradáveis, mas vão maldizer-me. Haverá porém somente ésses homens para maldizer-me? Tôda aquela "sexta parte da terra" e a Internacional inteira, que se parece com ela, vão amaldiçoar-me.

Va lá. Mas "tôda", é um modo de falar.

Quando cessarem as maldições, a verdade começará a

abrir caminho. Encontrar-me-ão então no meu posto, no pôsto que mantenho desde que vim ao mundo, e que sub-sistirá.

O Cáucaso, nas proximidades do manso mar Negro, de Batum a Novorossisk, é muito frequentemente habitado por gregos e rumenos. Há uns déles que uivam como lóbos, por um prato de lentilhas, a exemplo da maioria dos habitantes dos grandes centros. Mas por isso não deixei de encontrar ali muitos homens. A êstes, em primeiro lugar, é que devo a verdade que me abriu os olhos, antes de devê-la ao monstruoso abcesso que logo a seguir me vai rebentar em plena cava, com uma implacável confirmação do que existe e não pode ficar indefinidamente encoberto.

Tinhamos tanta desconfiança da existência dêsse abcesso, como do que se passa no pianeta Marte Entretanto, sentiamos que se la produzir em nós uma ruptura delinitiva.

Assim, já não nos entusiasmamos mais pelos esplendores terrenos que se desentolam a nossos olhos, enquanto o carro nos conduz através da divina região de Sukhum, Novi-Afon, Gagrí, Sotchi, estação inicial da Cáucaso-Moscou.

Adeus sonhos, projetos. Sonhos de dedicação à nova Santa Rússia, que adoramos. Projetos de luta pela defesa du U.R.S.S., mão que gera a humanidade de amanhã.

Não tenhas pressa em rejubilar, ó verme branco! Podridão que já não podes mais gerar senão cataclismos, miséria, covardia, egoismo, escravidão, orgia! Para trás, vós todos que ledeis a suor do explorado, a sangue dos demais e a vossos próprios excrementos!

Sim, presentemente somos uns vencidos. Sim, não nos entendemos, entre irmãos de ruta. Mas, ficat certos, constituiremos sempre uma só frente contra vós, os coveiros, e estamos dispostos a morrer atacando-vos com todas as nossas armas.

Aínda temos estômago para digerir a nossa podridão, para em seguida aí gerar uma vida nova. Quanto a vós, não o tendes mais!

學 奉 唐

## MOSCOU, SUPREMO APELO!

As estepes verdes do més de agósto, como as estepes cinzentas do outono, estão agora sepalitadas sob a neve. O paciente, o confortavel trem russo corta as a gemer, como bom búfalo que é.

Conheço tudo aquilo. E' meu segundo inverno na Rússia. E no entanto, não posso saborcar-lhe o encanto: meu coração

Nosso compartimento, que conhecera tantas discussões tempestuosas, tantas gargalhadas, não passa presentemente de um tristonho dormitório. Não falamos mais. Nas estações, cada qual desce para comprar os alimentos de que gosta, torna a embarcar, boceja, cochila, tem pesadelos ou sofre calado.

O cretense é mais calmo que eu. Compreende e admite tudo. Eis por que um môrno malentendido nos separa um ponquinho. De uma coisa dentre as demais, ele faz questão: haviamos combinado continuar nossa viagem pelo Turquestão e pela Sibéria, até Vladivostoque e, se possível, até mesmo à China e ao Japão. Ora, quanto a mim, considero perdida a causa que pretendia defender, não quero mais passes-livres de viagem, nem prosaeguir nas faustosas recepções que me obrigam a sorrir, sorrir... e calar-me. E sem mim, êle sabe que

Está tudo estragado já, porque encontro uma Moscou a par de minha reviravolta. Falam-me nisso, antes que eu abra

De resto, Moscou fala de um monte de coisas ao mesmo tempo e expõe um monturo de sujeiras. O cheiro duma destas me nauscou desde la do Cáncaso: em todos os cantos se afirma que o sexagésimo aniversário de Gorki e as edições fantásticamente arbitrarias que se fizeram de suas obras completas, custaram à princesa mulambenta um milhão de rublos.

Vou informar-me na fonte, pois também tenho minhas entradas dissimuladas, como as solenes. Respondem-me: - Sim. O homem a quem Gorki confiou seus interesses soviéticos jamais nos fala em trinta on cinquenta mil rublos, mas em cem mil, não rublos, mas dólares .

Recorda-me então um pensamento de Upton Sinclair, Islando de Jack London: E' quase impossível um individuo un contrato de trinta e seis mil dólares com os Hearst Magarines e conservar sua alma com vida.

E' justo. E Jack London pagou isto tomando lándano

nos quarenta anos de idade.

Precisamos saber tomar láudano, ou melhor, conservar

nossa alma com vida.

Dado assim no pináculo da inteligência artística o exemplo de podridão, vai tudo nesta proporção em tôrno de nos. Deixemos de lado os cem escandalozinhos de todos os meses e de tôda a União. Mas não se pode olvidar o horrivel tumor de Smolensk, em que comité de soviet, comité de sindicato, milicia, Guepeú, magistratura e redação de jornal se conluiam para cair na orgia e comer os cobres da comunidade durante oerca de um ano, amordaçando a cidade. Não havia mulher. dentre as que lhes agradavam, que lhes pudesse resistir. E o tumor só vem a furo quando chegam até ao assassinio de uma dessas mulheres. Aí, fusilar-se-ão alguns, prender-se-ão outros; e um déles será nomeado procurador-substituto em certa região da Siberia.

Até em Moscou eu assisto, uns atrás dos outros, a vários

escandalos semelhantes:

Vários escritores, vários poetas dos mais soviéticos, dos mais proletários, certa noite arrastam a mulher de um "camarada", amante de um déles. Embriagam-se em comum, dão narcoticos à doidivanas, passam-na a um por um. De madrugada, voltando a si, a infeliz se mata. Quatro ou seis anos de prisao.

O comité inteiro do sindicato de construções civis de Moscou se constitui numa sociedade secreta para alegria do bom povo russo. Cada tipo para isso contribui com... a inicial de seu nome, o que dá, por acaso, um nome apreciado e conhecido no mundo teatral japonés: Kabuki. E éles se denominam os Kabuki. E que é que fazem? farras incriveis, com a indefectivel mulher e por conta da infeliz caixa. Vão desse jeito até certa noite em que, enlouquecidos pela vodca, irrompem na rua, homens e mulheres, com um pote de maio-

nese na mão. E os milicianos detecm-nos no momento em que os homens salpicavam de mólho as nádegas das mu-

O artigo-folhetim que os jornais publicaram naquele dia,

è uma obra-prima de humor.

Pouco depois, o comitê do sindicato dos funcionários e empregados de Moscou, depois de mandar construir uma Casa do... povo, ou dos sindicalizados, lá instala estações de rádio pela bagatela de seis mil rublos. Em seguida, os hurépidos camaradas vendem seus domicilios na cidade e se mudam para os novos locais.

Explorando esses dois escândalos, Staline, em sua animosidade contra Tomski, presidente dos sindicatos-okhranas, obtém dos crápulas burocrátivos o voto que lhes pedia contra seu próprio presidente, e prende-os em seguida sob sua proteção, abafando ambos os processos.

Na provincia:

Um sovier de aldeia deita ao chão tôda a população local,

e da-lhe uma surra soviética.

Numa cidade à margem do Cáspio, dois comunistas importantes metem uma mulher em seu automóvel, levam-na para casa e abusam dela. Infelizmente a mulher é a espósa de um membro do partido, o qual faz barulho. Mas éle é que é excluido.

Em Leningrado, três escândalos de primeirissima ordem,

um dos quais não é do dominio público:

1.º - O comité inteirinho das Juventudes Comunistas (já a disse) é convicto de furtos, estupros, crimes de direito

- 2.º A administração superior (comunistas) de uma prisão da cidade, exige pagamento antecipado de "tributos em espécie", de tôda mulher bonita que se queira aproximar de seu marido encarcerado. Processo cheio de pormenores hor-
- 3.º Aquí apenas uma "pagodeirazinha" (abafada), mas cujos herois são de marca e cujo desfécho bem soviético. Três presidentes, o da Comissão de Contrôle, o da Guepeú e o do Soviet de Leningrado, trancam-se uma noite num palá-

vio local, em companhia de mulheres, e la comem de vagarinho, até de manhã, a somazinha redonda de setecentos rubles. O que assim mesmo vai a quase dois mil francos. Porém a Guepeù manda dois caes de fila espionarem seu próprio presidente e seus comparsas. Os pobres diabos relatam o que viram; é instaurado inquérito por Moscou, os farristas são absolvidos (porque não gastaram senão o dinheiro de gratilicações aniversárias legalmente devidas) e os dois espiõesiuhos são demitidos!

Paralelamente a essa reprimenda, desencadeia-se diante de meus ofhos a da detenção em massa de membros da oposição, pequenos e grandes, e sua deportação. Agarra-se o homem onde se encontre: no trabalho, na rua ou em casa, a vista de seus filhos que choram. Nenhuma satisfação a dar a ninguém. Se há condenação, dão se por felizes os que recebem comunicação a respeito, bem assim sóbre o lugar em que actão internados. Se o condenado se mete a fazer a greve da fome, revistam-lhe os bolsos para verem se não hã ocultas algumas pedrinhas de açúcar, dizem-lhe que tem a liberdade de recusar os alimentos e fecham a porta. Se um se suicida, quem o consegue saber? Se outro, em Leningrado, opõe vigorosa resistência, arrastam no à fórça, despedaçam-lhe o crânio, depois chamam a multier e lhe oferecem cem rublos. Dizenlhe que o marido se suicidou e que não sabem onde está seu cadáver.

A 19 de dezembro de 1928, estamos em Moscou: escrevo minha segunda carta à mesma alta instituição em que conto com amigos; completo-me; peço que me permitam dizer o mal, demonstrando embora confiança no poder. Sem o que, sou forçado a deixar a Rússia. E lora de la, devo falar ou engulir laudano, porque estarei em Paris

Meu quarto, no hotel Passage, não se esvazia um minuto sequer. Fazem discretas tentativas para me pescarem de novo. Leio a três ou quatro íntimos as cópias de minhas duas cartas. Um me diz: "Estás ai, estás na Sibérial Peço-te que não digas a ninguém que tenho conhecimento dessas cartas". Outro alega tóda a sua inocência soviética: "Há nisso alguma

verdade, mas de um modo geral estamos no bom caminho e não há razão para disso nos criares um caso."

Vou então bater à boa porta; discutir; quero saber até

onde vão os limites do "caso" e da traição.

Logo, querieis que eu escrevesse: Eis o que fizeram.
 e lero-lero?

 Com certeza que não. Livros assim, ninguém os lé e vos não podeis nem deveis escrevê-los.

- Então?

Até às quatro horas da madrugada: luta das mais sinceras, das mais amistosas, das mais fraternais, ocasião em que caímos esmagados de esgotamento e em que nos prestamos a tudo, a tudo, desde que admitam a verdade públicamente no interêsse mesmo da causa operária no mundo.

Não. Impossível. Sucedem-se as noites, o mês passa. Nada a fazer. Amigávelmente, os olhos magoados, apertamonos as mãos e nos separamos, cada qual conservando sua

mentalidade.

Dentro da noite escura, um possante carro conduzido por um heiduque (bandido) me leva para o hotel. Olho para as janelas adormecidas de todas aquelas casas bonitas e digo para mim mesmo:

 Afinal de contas, são operários que hoje em dia ocupam aqueles apartamentos!

## O CASO RUSSAKOV OU A U. R. S. S. DE HOJE

Digo bem: "O Caso Russakov, ou a U.R.S.S. de hoje".

Um "caso", fôsse êle dos mais tristes, se não passa de
uma questão isolada, se os traços gerais que o caracterizam
não revelam o espírito e os sentimentos de uma profunda
humanidade, não pode figurar num livro como êste, em que
tudo se reporta à generalidade.

Mas o Caso Russakov não é precisamente senão um sintoma. Entre as causas que o fizeram vir a furo e o abominável desfécho que acaba de ter, de passagem pelas múltiplas peripécias de seu desenvolvimento, encontra-se toda a União Soviética: econômicamente, políticamente, humanamente e

sobretudo - ai de mim! - moralmente,

Eu fóra à Rússia, não afim de inventar para os operários da "pátria proletaria" um bem-estar material superior ao que os países burgueses proporcionam aos seus. Absolutamente. Eu teria mesmo cerrado os olhos ante a ausência de qualquer bem-estar material (o que não se dá). Porém estava firmemente convicto de que, do ponto de vista moral, do ponto de vista da justiça elementar, a "ditadura do proletariado" não deixava nada a desejar, não podia deixar de ser sa, porquanto, se é muito difícil criar confórto, nada, absolutamente nada impede de ser justo e honesto.

Monstruosa revelação!

Mas se cu tivesse pelo menos a desumana consolação de pensar que sómente a classe inimiga sofre com a imoralidade e a injustiça "proletárias"; se pudesse dizer a mim mesmo que tal ignomínia ocorreu nalgum recanto da Sibéria, onde o contrôle é frouxo; ou ainda se os fatos me fossem menos conhecidos, se sua universalidade fósse menos categórica e me-

nos louvável a minha paciencia em pedir justiça...

Mas não, nada disso. E' a classe operária a mais atingida na U.R.S.S. O Caso Russakov veio a furo no coração da segunda capital da Rússia; e milhares de tumores semelhantes rebentam ou são abafados de um canto a outro da União, mas nem todos encontram, como encontrou o velho Russakov, um defensor que revolve ceus e terra, desde o chefe supremo da União ao último burocrata, afim de mendigar para êle justiça, justiça, justiça,

O' Justica! O' Proletariado! Um proletário autêntico, um homem que permaneceu homem depois de haver subido a escala de todas as existências, um velho irmão que permaneceu vosso irmão, almadiçoa vos com o melhor de seu coração e exclama-vos: os "Casos Russakov", os milhares conhecidos, e as centenas de milhares que jamais se conhecerão, trar-vos-ão a desgraça e entregar-vos-ão na terra inteira à sorte que vós próprios reservais à pobre vida humana, na terra da justica e da Ditadura do Proletariado,

Agora, eis aqui a fisionomia de vossa pătria:

Como já o disse ao longo dêste livro, travei conhecimento com Russakov por intermédio de seu genro, o escritor francês Victor-Serge (Kibaltchitche) em novembro de 1927, por ocasião de nossa visita oficial a Leningrado. O velho Russakov, cuja familia conta seis membros, e Victor-Serge com sua mulher e seu filho, moram no mesmo apartamento, no n.º 19 da rua Jeliabov.

A origent dessa odiosa provocação, ora tornada um verdadeiro caso, é a inveja "neo-comunista" por aquele apartamento - que tem onze peças. Na verdade, o apartamento é grande e bonito. Mas quanto à sua beleza, o velho não tem culpa alguna, uma vez que o ocupa legalmente. Quanto à sua extensão, é menos culpado ainda, por isso que nove pessoas utilizam apenas quatro peças e um pequeno gabinete, ao passo que os demais cômodos pertencem à Cooperativa de Habitação (JAKT) e são ocupados por seus membros.

Quando é que en desconfiaria que uma questão de

apartamento assumiria um dia tais proporções, que se chegaria a pedir públicamente a condenação à morte de um homem absolutamente inocente, precisamente de um homem que dorme sobre um grabato num cubiculo escuro dissimulado atrás do quarto de banho?

Sendo eu entusiasta, apaixonado pela "obra socialista" e tal como me viam por ocasião das festas do 10.º Aniversário, esses pobres diabos não me confiaram lá grande coisa de suas preocupações de gente vencida. Nessas condições, soube apenas que, sendo Victor-Serge membro da oposição (quase nada perigoso), sua família e os seus, não podiam esperar senão reveridade de um regime impledoso para com todos quantos não estejam na famosa "linha". Ora, justamente o velho o era ainda muito menos que seu genro. Trabalhador manual há mais de quarenta anos, revolucionário independente desde que veio ao mundo, Alexandre Ivanovitch Russakov não é outro senão o valoreso judeu Josseleviich, operáriocintureiro, de Rostov, Durante a Revolução de 1905, ele toma parte na defesa do quarteirão juden daquela cidade contra o ataque dos com-negros, vé sua casa saqueada e desaparece por este mundo fora. Carregou sua carcaça durante quinze anos, arrastando consigo, como tantos judeus que conheci, a denodada mulher e sete filhos, na maioria pequeninos. E continua revolucionário, fazendo por toda a parte um agitaçãozinha.

Ele a faz melhor em Marselha, onde reside mais tempo, a remendar roupa de marinheiros e não se esquecendo nunca, por ocasião da entrega, de cantarolar para seus clientes sua velha canção de judeu errante, expulso de sua terra pelos pogroms. Tanto assim que em 1919 o governo francês o julga indesejável, prende-o num campo de concentração e troca-o, em companhia de vários outros detidos, por oficiais franceses relens dos bolcheviques.

Ao chegar a Petrogrado com toda a sua gurisada, chora de alegria e beija a terra da Revolução. Organizador e trabalhador infatigivel, dota a cidade em aperturas de uma lavanderia que la pra frence, cos diabost exclamava éle Depois, fundou duas "Casas para Crianças". Depois. . .

Eis tudo. A "terra da Revolução" não precisa mais de sementes dessa espécie. (Veremos que, arrastado à barra da "justiça" soviética, será censurado pela acusação por haver, como diretor da lavanderia, trabalhado como seus demais camaradas proletários. "Isso é também um mau exemplo! lançar-lhe á no rosto o camarada presidente do Tribunal. Ereis diretor. Não devicis trabalhar"..)

"Com certeza foi essa a opinião dos comunistas da nova "linha", os quais puseram de lado ésse diretor e seus exemplos. Que seria da União Soviética, se todos os diretores, presidentes, secretários e outros burocratas se metessem a trabalhar, como proletários que se "racionalizam"?

Tendo-se tornado uma simples ferramenta que rola de uma usina para outra. Russakov não se agasta absolutamente:

— Para mim é a mesma coisa, disse-me. Como diretor, meus filhos não tinham sapatos e, como operário, continuam a não os ter. Quanto ao pedaço de pão que lhes devo, meus braços ainda servem para isso. E de um modo ou de outro, eu só peço uma coisa: que possa ganhar a vida para mim e minha familia, como sempre tenho feito. Eis tudo, e que me deixem em paz!

Aqui começa o drama.

#### \* \* \*

Em qualquer pais burguês, o trabalhador manual que não pretende senão ganhar seu pão, desde que o deixem em paz, não constitui um "caso". Mas na "pátria do proletariado", é um caso, e dos grandes. Primeiramente, não existe paz para ninguêm na Rússia, nem mesmo para o burocrata, o qual passa dia e noite a perguntar a si mesmo se está bem "na linha", ou se por acaso não se deslocou um milimetro dela assoando o nariz ou enquanto dormia. Quanto ao pão, é esta a grande questão.

O pão, é toda a vida, quando a vida não passa de um inferno. Quando o direito de pensar e de locomover-se não

e senão uma saudade, ter o pão garantido é grande cousa, é tudo. O ditador sabe disso e disso tira proveito. Enterra uma mão, negra e vermelha, no ventre do homem e fá-lo compretender isto: Morrer, é pouca coisa. Qualquer um é capaz diso; é o que se vê durante as guerras e revoluções. Viver faminto e sem abrigo, é bem pior. Assim, como tenho necessidade de governar, eu te pergunto o que é que tu pensas: E conforme o que pensares, terás ou não pão e abrigo.

 O que é que eu penso? diz o burocrata. Mas eu não penso nada e peço-vos dizer-me o que é que devo pensar. Quero apenas que mo lembreis diáriamente.

— O que é que eu penso? retruca Russakov. Pois bem, penso que sois uns sujos, que dobrais todo mundo à vossa unica vontade, que monopolizais todos os meios de existência, com o que lazeis um instrumento de tortura, reduzis à fome quem não dança ao compasso de vossa flauta e o atirais numa prisão quando protesta à face dos ceus. Eis o que penso.

Ditas com a franqueza, com a crueza que se vê, tais palavras, e nada além dessas palavras, nenhuma catástrofe desencandeiam em nenhum pais do mundo que o diabo tenha entendido de preservar de uma ditadura. O máximo que acontece é ser, se tachado de "resmungador" e posto no ôlho da rua. Grande coisal Nunca Deus fecha uma porta, que não abra duas, se diz em França. (Na Rumânia se diz melhor: "Havendo lagoa, rãs quantas quisesem!")

Desde que cu seja um proletário capaz e que queira trabalhar. Trabalho, se não o há como há rãs, principalmente trabalho humano, contudo sempre se encontra. É — proletário eternamente "resmungador", semelhante aos bravos Russakov que na Rússia se subjugam a porretadas — mais de uma vez por mês já me aconteceu, durante trinta anos, gritar contra uma injustiça, defender-me ou tomar a defesa de outrem e cuspir meu veneno na cara do "patrão" ou de seus lacaios. Pois bem, a maior desgraça que me tem atingido tem sido receber minhas contas ou, mais frequentemente, ir saindo de uma vez com minha trouxa, sem esperar

por aquele desagradável ponta-pé. Uma vez na rua — essa rua bem mais larga, bem mais bela quando saimos das galés — ia dar meu passeiozinho de homem livre ou que se juiga tal, durante o tempo de tragar minha amargura, e depois, metendo o nariz pelo buraco de um guichê: Bom dia, senhor, precisais de empregado?

Era tudo, e era por vezes bem amargo.

Eu não ignorava que podia haver pior e sobretudo pior

do que todos os piores imagináveis.

O mal supremo, homenagem ao inesgotável egoismo humano: o crime de lesa-majestade que o pensamento universal se incumbirá um dia de marcar com seu ferro em brasa; o cúmulo do banditismo e do terror, encontrou sua perfeita expressão na União das Repúblicas Soviéticas Socialistas, sobo regime da pretensa Ditadura do Proletriado.

Tiranos que esmagais a vida! Credes que todas as goclas engolem feno? Que todos os lábios podem ser aferrolhados? Que todas as consciências podem ser entorpecidas? E

que nunca mais repercutirá uma voz no deserto?

\* # \*

Todo o mundo sabe o que é o Partido Comunista: uma arma de combate, para conquista do poder pelo proletariado, cuja alavanca de comando se acha em Moscou. Mas o mundo operário, sabera éle o que são os Sindicates Vermelhos?

Antes da guerra, quando não existiam nem o vermelho, nem o branco, nem o preto, havia sindicatos operários simplesmente, os quais lutavam contra o patronato. Pergunto eu: contra o que lutam na U.R.S.S. os Sindicatos Vermelhos? Qual é a sua razão de ser, de sua imensa fórça, nêsse pais em que o patronato não passa de uma recordação?

Ei-la: é para ter nas mãos todos os meios pelos quais o trabalhador possa ganhar sua vida e para sômeate distribuir trabalho segundo o modo de pensar daquele que pretende trabalhar para comer. E' por intermédio dos Sindicatos Vermelhos que o Partido dita a lei na usina, na fábrica, na oficina, no armazém, no escritório, no lar, por toda a parte.

Ninguém consegue encontrar colocação, a não ser por intermédio do sindicato. E, uma vez expulso do sindicato, só resta uma coisa, estourar o crânio: pois lhe é recusada qualquer atividade lucrativa, qualquer possibilidade de ganhar a vida.

Que se reflita no espantoso poder colocado desse modo entre as mãos de individuos a quem as escolas oficiais dizem que a moral e a honestidade são "preconceitos burgueses", e que só o materialismo existe realmente sóbre a terra. Que se reflita que mesmo que as escolas comunistas ensinassem exatamente o contrário, ainda seria uma calamidade social entregar a maioria da população ao arbitrio de uma diminuta minoria de individuos que, afinal de contas, não podem ser ums anjos.

Dito isto, rasguemos os véus:

\* \* \*

A 1.º de fevereiro de 1929, desmoralizado, vencido, tendo concluído todos os preparativos para minha partida da Rússia, achava-me em meu quarto no Hotel Passage, de Moscou, quando entra Victor-Serge, muito calmo, mas pálido como a morte:

- Está ai - diz éle deixando-se cair numa cadeira -

chegou a nossa vez de sermos devorados.

E leu-me um telegrama que os seus acabavam de enviarlhe de Leningrado. Tratava-se de um artigo abominável, aparecido no día anterior no maior órgão regional do partido, o Leningradskaia Pravda, o Pravda de Leningrado. O velho Russakov era ali denunciado à vindicta pública, como um inimigo do proletariado. Pediam a sua detenção imediata e um castigo exemplar. Que castigo? Pois bem, o titulo do artigo indicava-o claramente: Kalganovskaia poroda, o que quer dizer: uma espécie de Kalganov. Ora, Kalganov, filho de um antigo proprietário e assasino de um presidente de cooperativa, acabava de ser fusilado, semanas antes.

Os braços pendentes, o olhar fixo no chão, Victor-Serge

parecia aniquilado.

— Vamos ver, disse lhe cu. Não me vais fazer acreditar que ninguém no mundo possa confundir nosso velho Russakov com o branco Kalganov. Isso não passa de uma farsa sinistra.

Ele dirigiu a mim um olhar apagado:

— Meu pobre velho... Hoje conheces êste país como poucos o conhecem, mas ninguém aqui te quis dizer até onde pode ir a potência do mal. Nós procuramos te poupar isso. Agora, o mal te salta aos olhos, a despeito de nossos esforços. Por que não te foste embora oito dias mais cedo?

- Mas de que se trata?

— Trata-se disto: na U.R.S.S., quando se está às voltas com um individuo isolado, a coisa vai; as forças são iguais. Mas quando se trata de uma organização, ou de vários individuos — como é agora o caso — que perseguem alguém, está perdida a criatura. E a panela de ferro contra a panela de barro.

Fomos à procura do artigo. El-lo aqui na integra:

#### UMA ESPECIE DE KALGANOV

"Há algumas semanas, foi fusilado, em Moscou, Alexandre Kalganov, filho de um antigo proprietário, o qual matara o presidente da cooperativa de habitação Karavaiev. A execução de Kalganov foi uma advertência brutal aos elementos kulak e nepman, em recrudescimento de atividade.

"Mas parece que o fim de Kalganov não exerceu sôbre

todo mundo a ação preventiva esperada.

"A 26 do corrente mês, a camarada Maria Svirtsieva, membro da direção da casa n.º 19 da rua Jeliabov, entrou no apartamento do cidadão Russakov, afim de examinar uns consertos que acabavam de ser executados. Aproximando-se de Svirtsieva, o cidadão Russakov perguntou-lhe grosseiramente que é que tinha vindo fazer ali. Ante sua resposta, de que viera na qualidade de membro da direção, êle se lhe atirou em cima aos berros e injúrias. "Em vossa direção, são todos uns bandidos e tu mesma és um dêlea".

"Afim de apoiarem Russakoy, dos quartos ocupados por éle sairam três mulheres e um homem elegantemente vestido. on quais se puseram, como aquele, a ofender Svirtsieva. Permuando esta ao cidadão que acabava de se lhe dirigir, com que direito a ofendia, respondeu o desconhecido que era um caritor e que as leis não foram feitas para êle. Apontando em seguida para a condecoração da Bandeira Vermelha que comarada Svistsieva trazia ao peito, o escritor exclamou: "Gente com esta espécie de condecoração, nós temos fusilado nos montes".

"Não foi longa a preparação verbal para a agresão. Uma das mulheres, filha de Russakov, agarrou Svirtsieva pelas costas, enquanto Russakov lhe dava na cara. Os cinco, tussakov à frente, arrastaram Svirtsieva pelo corredor até a ante-câmara, espancando-a com tudo o que lhes cafa nas mão. Russakov dava-lhe sôcos, sua filha brandia não se tabe que espécie de objeto pesado e o "escritor" procurava a todo o transe arrancar-lhe a condecoração da Bandeira Vermelha. Svirtsieva perdeta os sentidos e só voltou a si nos degraus da escada cobertos de cusparadas.

"Ao voltar a si, amparada por moradores da casa, a camarada Svirtsieva foi procurar um médico no hospital Perovskaia, o qual verificou em seu corpo fortes contusões, efusão de saugue, equimoses e arranhões. Seu vestido ficou rasgado. A condecoração da Bandeira Vermelha amarrotada.

"Quem é Russakov? Dos onze cômodos de seu apartamento, éle aluga nove, com os quais especula à vontade. Num desses quartos que aluga, moram duas comsomolki emigradas da Rumânia, que mais de uma vez já foram também espancadas e aterrorizadas por éle, a ponto de temerem queixar-se disso a quem de direito. Nas reuniões da casa, Russakov segue sempre uma linha anti-soviética manifesta, faz escândalos, desordens, e tenta interromper as reuniões. Ele veio da França, onde possuía uma chapelaria.

"E quem é Svirtsieva? Eis alguns rápidos dados sobre sua biografia de espécie bem característica. Operária há vinte anos; uma das organizadoras do primeiro congresso das mulheres em 1918; durante a guerra civil, serviu no exército vermelho como cavalariana; em seguida, trabalha ilegalmente na Polônia; em virtude de seus méritos militares, foi conde-

corada com a Ordem da Bandeira Vermelha; é membro da Soviet de Leningrado; membro do Partido.

"São êstes os principais traços biográficos do agressor e da vitima. Está perfeitamente esclarecido que num corredor meio escuro dum apartamento burguês se deu uma rixa de natureza bem caracterizada.

"Russakov é da mesma massa que o fusilado Alexandre Kalganov. Inimigo encarnicado da sociedade proletária, prejudicado em seus interesses pessoais, tentou descarregar sen ódio em cima da militante-social Svirtsieva. A agressão de Russakov armado de seus punhos, como a de Kalganov, armado de punhal de mola, é uma tentativa de ataque de elementos kulaks e nepmans contra nossas fileiras e nosso trabalho criador.

"A opinião proletária exige a prisão imediata de Russakov. Há necessidade de um rigoroso processo que se mostre tão exemplar quanto o processo de Kalganov em Moscou e traga como êste o mesmo caráter de advertência.

"E' necessário punir severamente os inimigos do proletariado que operam no front da habitação e da vida quotidiana, os quais atacam nossos militantes a sôco e facada.

"O caso Russakov deve ser retirado do corredor tenebroso dum apartamento burguês e trazido a um amplo processo exemplar seguido de severa sentença, afim de tirar aos. demais a vontade de imitá-lo."

"Tour".

(Leningradskaia Pravda de 31-1-1928).

Assim, a opinião proletária exigia a prisão imediata de Russakov, que o camarada Tour descreve, como se acaba de ler, sem nunca o ter visto nem interrogado, sem saber coisa alguma de sua vida, sem nunca ter posto os pés em sua casa, sem ter assistido à cena da agressão.

Peço perdão aos operários que me lêem; mas dessa espécie de "opinião proletária", saída do bolso dos Tour, dos Mour ou dos Cour, faço tanto caso quanto da "opinião" que se exprime, na imprensa burguesa, democrática ou reacionária, pela bôca de seus Tour.

 Agora, diz Victor-Serge, eis aqui a consequência lógichuva de "resoluções" de usina e outras; prisão do velho, de minha companheira e talvez de mim próprio; nossa expulalo do apartamento que nos querem arrancar há muito temper finalmente, "processo e castigo exemplares".

16 MESES NA U. R. S. S.

- Agora, digo eu, vamos desemalar nossa roupa, prolonaur a validade de nossos "vistos" e passagens e adiar a partida até segunda ordem; que é que achas, minha companheira?

- E' o que eu também pensava.

Que felicidade, na aflição, ter junto a si uma grande companheira de existência!

Trocamos idéias sôbre a maneira de agirmos o mais rápidamente possível. Devia-se sobretudo impedir a todo custo a prisão de Russakov, que arrastaria outras e desencadearia squela chuva de artigos demagógicos, muito conhecida na U.R.S.S., a qual alimenta a plebe e permite ao poder o aguentar-se.

Nesse momento é que Victor-Serge recebe a primeira carra de sua casa. A verdade: trata-se de uma horrível provocação: a mulher de Victor é espancada, ensanguentada por sócos na cara que a cavalariana vermelha Svirtsieva lhe descurrega ao procurá-la em sua casa, à rua Jeliabov. Apressamo-nos.

Achava-se então em Moscou, de volta da fronteira mongólica, aonde o enviara o governo soviético, o dr. Nikolaenko, anarquista e homem. Ele conhecia Russakov melhor do que eu. Fôra seu companheiro de internamento em Marselha e também fizera parte do grupo dado em trora de refens frauceses. Um documento raro, uma fotografía da época, mostrava-o, assim como Russakov, Victor-Serge e outros detidos políticos, diante da porta de sua prisão e rodeados por soldados senegaleses. (Mais tarde, um camarada juiz a quem oferecemos esse pormenor do passado revolucionário de Russakov, contestará a autenticidade do documento, objetando, para grande hilaridade nossa, que os senegaleses não lhe pareclam suficientemente pretos!)

No "Petit Paris" único oásis de liberdade de discussão na tirânica Moscou, Pierre Pascal, seu corajoso anfiirião, genro, como Victor-Serge, de Russakov, o dr. Nikolaenko, Victor-Serge e cu, reunimo-nos em conselho. Pascal e o doutor são cépticos:

- Nada a fazer. E' deixar que nos devorem-

 Mas, digo eu, podemos ao menos espernear e dar de braços, com toda a fórça, como quando se cai nágua.

 Isso depende do que é que entendes por "espernear e dar de braços, com toda a fórça". Em águas soviéticas, mexer demais só leva a uma rápida asfixia.

Porém Victor-Serge é de minha opinião e combinamos todos hombardear o poder com telegramas, que cada qual redige a seu jeito.

Eis os telegramas expedidos de Moscou, a 1.º de feve-

Pelo dr. Nikolaenko:

Redação do Pravda de Leningrado. — Conhecendo há vinte anos através de nossa vida comunista de emigrados em França o obreiro revolucionário Russakov, protesto com indignação contra o artigo calunioso de Tour e exijo um inquérito imparcial.

Telegrama análogo é dirigido ao Pravda de Leningrado por Pierre Pascal,

Victor-Serge telegrafa:

Redação do Pravda de Leningrado. — Protesto contra a campanha de ignomínias e calánias feitas no Pravda de Leningrado, sob a assinatora de Tour, contra o velho operário, emigrado político, Russakov. Essa campanha remata uma longa série de mesquinhas provocações provenientes de uma komsomolka (jovem comunista) do tipo de Smolensk, com o único intuito de obter um quarto, provocações que culmina-

ram em uma agressão contra minha mulher em seu próprio domicilios. - VICTOR-SERGE.

E eur

Ao Presidente do Vitsik da U.R.S.S., Kalinine:

Pravda de Leningrado publicou com o titulo de Kalganovskaia Poroda, contra o velho obreiro revolucionário Russakov que conheço bem e cuja inocência é fácil de provar, um artigo calunioso que constitui uma intolerável provocação de perseguições judiciárias e outras. Devendo deixar a U.R.S.S. dentro de quarenta e oito horas, apelo para vosso espírito de justiça e peço para essa familia de trabalhadores uma reparação pública.

Ao Pravda de Leningrado:

A respeito do artigo Kalganovskaia Poroda, aparecido em vosso jornal, rogo cientificar-vos do seguinte: Conheço a família Russakov por ter vivido em seu seio em Leningrado; estou absolutamente convicto, não só de sua inocência, mas também de que é vítima de perseguições, e sabei que estou disposto a agir com a máxima energia, aqui e no estrangeiro, contra semelhantes ignomínias.

Esses telegramas foram expedidos à tarde e à noite. O destinado a Kalinine alvoroçou os empregados do telégralo, que me conheciam, ai de mim!, por não fazerem mais, últimamente, do que transmitirem meus protestos a Moscou. Mas não havia eu ainda importunado o presidente da Uniko. E onde encontrá-lo? indagam uns dos outros. Chamam um chefe, outro. Telefonam para ali e acolá:

- Hå um telegrama para Tovarichtch Kalinine.
- Mande-o para a Central.

Os empregados riem baixinho. En faço o mesmo, a despeito dêste coração que não esperava por tal golpe e não tinha nenhuma vontade de rir. As dez horas do dia seguinte, recebo o primeiro sinal de reação. Mas que reação! E' a redação moscovita do Leníngrandskaia Pravda que me pergunta, incrédula, se foi eu mesmo quem enviou tal telegrama ao grande órgão regional do partido; em Leningrado não o acreditam.

Aí cu não aguento mais. É esquecendo que telefono em pleno corredor do hotel, irrito-me como um homem que já não tem mais nada a perder, uma vez que a fé já está perdida:

 Ah, julgai vos vitimas de uma mistificação? Estão tão pouco acostumados aqui a ver a gente erguer a cabeça, não é mesmo?

Não... mas... "protestar, aqui e no estrangeiro",
 "ignomínias"... Isto nos parece um pouco forte.

- Parece-vos um pouco forte?! Muito bem, bando de sujos! Súcia de bandidos! Assassinos de operários! Sim, são ignominias o que fazeis, e protestarei aqui e no estrangeiro!

Vocifero assim durante dez bons minutos, cortando a palavra a meu invisivel interlocutor, sem mesmo saber se ainda me ouve ou não. As portas do corredor se entreabrem Chego a sentir que só vejo olhos espantados, a me fixarem um instante e desaparecerem.

Detendo-me afinal, conclui a voz do redator:

 Está bem, camarada Istrati, refatarei o que me acahais de dizer. Quanto a mim, não tenho nada com a coisa.

Ao tornar a meu quarto, encontro satisfeita a minha companheira, heiduque Iuminosamente feliz por saber que alguém ousa pelo menos berrar sua revolta contra a tirania. Mas Victor-Serge, que la se acha, fica aterrorizado:

— Muito bem! Até aqui jamais homem algum teve a audácia de gritar para os Soviets o que acabas de lhes lançar na cara, quase públicamente. Se se tratasse de qualquer de nós, isso seria a Sibéria, no mínimo.

Quem diria que o primeiro efeito do progresso social é não se poder mais exclamar as palavras que os mais retrógados burgueses se atiram entre si: assassinos! bandidos! sem por isso correrem o risco de viajar para a Sibéria? Em que consiste então o direito de critica, o direito de contrôle, a pretensa faculdade do operário de se poder exprimir em sua

terra, de agir, como somente uma república revolucionária deve permiti-lo? Afinal é progresso ou barbárie, quando, mortas todas as liberdades, os mais abomináveis crimes e os mais monstruosos abusos do poder se expandem como um ninho de viboras ao sol, para agredir o homem e devorá-lo, num silêncio de cemitério?

Narro pormenorizadamente esta página de minha vida, com tudo o que a mesma possa conter de arrôjo, não para me orgulhar com isso, espécie de monstro que sou, porquanto me considero vencido, mas afim de que a humanidade laboriosa e revolucionária possa dat tirar o máximo de ensinamento possível, em proveito de suas lutas de amanhã: oxigênio para as chamas que consumirão a generosidade humana.

Depois de me conservar calado oito meses, não estou aqui para miar minha revolta. Uns olhos que jamais olvidarei, umas vozes que ainda me repercutem no coração, atiraram-me aos ombros encargos que me esmagam e que já não posso suportar. Vejo surgir em meu papel a imagem de homens desfigurados, esqueléticos, de olhares de foucos, a cambalearem tanto de côlera como de privações e que me dizem:

 Pelo modo de nossos Pravda falarem de ti, saberemos se no estrangeiro sostentaste tua palavra ou se não passas de tum canalha.

Não eram "brancos" aqueles homens. Eram emigrados políticos, aqueles políticos, vírimas do fascismo, que erram às dezenas de milhares por toda a União, onde os piores patifes vivem confortávelmente no Liuxe, porque estão "na linha". E um dêsses nômades a oitenta copeques por dia certa vez me exclamou:

Dize a nossos camaradas do estrangeiro, que éles devem defender sempre a U.R.S.S. com o risco de sua vida e morrer defendendo-a. Mas que não façam como nós: não venham aqui, se são revolucionários, saborear o pão da Revolução.

Tratava-se de um daqueles "resmungões" à Russakov.

— Sim, protesto contra a iniquidade! exclamava éle. Por que é que eu sou um revolucionário? Se eu fosse um desses

que se dobram e se calam, não estaria aqui agora, e encontrarine ia menos mai obedecendo aos burgueses do que aos Soviets, porquanto nada me faltava em minha terra, a não ser o direito de falar. E não sabia, quando me refugiei aqui, que o direito de falar morre sob todas as ditaduras.

\* \* \*

Passei o dia 2 de fevereiro agarrado ao telefone e a tracar — para a justiça, para a imprensa e para a presidência a verdadeira fisionomia de Russakov. Conto a vida do homem e do revolucionário, e dou a versão exata do ato de banditismo, a que se entregara a histérica condecorada com a Ordem da Bandeira Vermeiha. E concluo sempre dizendo: Se estou mentindo e se me provais que Russakov é o "contrarevolucionário" descrito por Tour, disponho-me a ser fusitado com éle.

Espero que não se possa ser mais claro.

Com o arrigo no boiso, fomos visitar alguns dos grandes amigos redatores que me haviam tantas vezes pedido que escrevesse para seus jornais. A redação do Comsomolskaia Pravda — o mais importante jornal de Moscou, depois do Pravda — recebe-me com exclamações de alegria:

- Então! trazei-nos alguma coisa?

 Justamente: venho trazer-vos um artigo. Ei-lo. E' moderado, não muito longo, e peço-vos publicá-lo imediatamente, sem alterar uma linha. Trata-se de uma questão muito grave; conto convosco.

Um rápido olhar ao meu papel, e eis que todos os narizes se abaixam para o chão. Todavia, prometem-me deixa-

lo passar tal qual.

Vai-se ver como é que cumpriram a promessa. Publico aqui aquele artigo, para proporcionar a todos uma idéia do que é o arbitrio comunista, e da impossibilidade em que se vé um proletário de se defender quando uma organização o alsate com mentiras.

(Todas as linhas em itálico são trechos suprimidos pela redação).

#### O CASO RUSSAKOV

"Há um ano que percorro a U.R.S.S. em todos os seutidos. Várias veres passei por Leningrado. Ali pousei diverans vezes, junto a um amigo, escritor francês, no seio de uma familia de gente boa. Lá conheci as preocupações e as alegrias de um verdadeiro proletário russo, que lutou muito tempo contra a miséria, em muitos portos do mundo, em Hamburgo, Nova York, Buenos Aires, Marsellia. Expulso da Rússia em 1905, pelos pogroms e pela repressão, éle acabou por se fixar em França. La viveu longos anos, a criar penosamente, com o trabalho de suas mãos, sete filhos (seis dêles conheci pessoalmente) e consagrando suas noites ao sindicato dos maritimos russos. No tempo da intervenção na Rússia, a agitação a que se entregava lhe valeu ser expulso da França com toda sua família. Chegou a Petrogrado em pleno inverno de 1919 como "refem bolchevique" trocado par oficiais franceses prisioneiros na Rússia. Na hora da fome e do perigo mortal, êsse velho proletário levava com alegría seis de teus tilhos para o país da Revolução.

"Em Leningrado, foi sucessivamente organizador de casas para a infância, gerente de uma grande casa de cruanças instalada no Hotel da Europa, diretor duma lavanderia. Depois ticou bastante tempo sem trabalho. Há perro de dois anos que é operário da fábrica de roupas Samoilova. Seu estágio de proletário é de mais de quarenta anos. E homem ainda vigoroso e conserva de seu passado de agitador uma franquesa

quase sempre perigosa.

"Chama-se Alexandre-Ivanovitch Russakov e mora em

Lemingrado, à rua Jeliabov, 19, KB 4.

"Deixei sua familia a 30 de dezembro. Conheço a bem. Vi como vive. Estava ao corrente de seus aborrecimentozinhos. Eu sabia que uma comsomolka residente no mesmo prédio obrigava-o, havia meses, a sustentar processos e até o denunciava como criminoso, afim de o expulsar de um quarto — ou melhor, de um canto de corredor atrás dum quarto de banhos — onde éle dorme, para ela ficar com o mesmo. Sei que na U.R.S.S. é grave a crise de habitação e que his-

tórias dessa espécie não são raras, infelizmente. Eis porém que me enviam um artigo revoltante publicado pelo Pravda de Leningrado, a 31 de janeiro, sob o título "Kalganovskaia Poroda" e concernente a êste caso. Mandei traduzi-lo palavra por palavra. Encontro aqui dois escritores franceses -Pierre Pascal e Victor-Serge - que residem na Rússia desdelonga data e conhecem perfeitamente o proletário Russakov. Encontro um médico que o conhece há vinte anos, o dr. N... Verifico com éles que o artigo do Pravda de Leningrado é uma inqualificável agressão moral. E sou levado a perguntar a mim mesmo como é que se pode dar semelhante coisa na segunda capital da U.R.S.S.! Será possível que se possa caluniar, acuar, denunciar, assim ao desprêso e à hostilidade da população, como um malfeitor, como um contra-revolucionario, um velho trabalhador cujo passado e cujo presente são de fato inatacáveis? O artigo do Pravda qualifica o de "kulak", de "nepman", de "contra-revolucionário"! Três mentiras inadmissiveis e perigosas. Eu não sabia que era permitido brincar assim com aquelas palavras. O artigo apresessas-o ainda como um "especulador". Quarta mentira. Como um "antigo proprietário de chapelaria na França". Quinta mentira. Como o "perseguidor de duas jovens comunistas bessárabes". Sexta mentira. Não digo nada quanto ao tom e conclusões do articulista, que compara o trabalhador Russakov a um assassino recentemente fusilado!

"Acusam-no de haver, com sua família, maltratado uma comunista chegada a seu apartamento. Por infelicidade dos que engendram essa história, eu conheço muitissimo bem as pessoas de quem se trata. Esse incidente começou com umas violências praticadas contra uma jovem senhora, honesta e culta, mulher de um amigo meu e que eu sei incapaz de praticar violências contra quem quer que seja. Ela foi insultada, provocada e espancada, em sua casa, por uma pessoa que lhe era desconhecida, vinda de fora e introduzida sem autorização sua. Se a pessoa que deliberadamente provocou êsse incidente, sofreo-lhe ela própria as consequências, não devia culpar-se primeiro a si mesma?

"Se conseguiram por fora de si, durante alguns minutos,

o velho proletário ou alguém dentre os seus, de quem a culpar Toda paciência tem seus limites naturais.

"Há dois meses que o trabalhador Russakov estava às voltas com os ataques continuos da comsomolka em questão, que chegara até a denunciá-lo caluniosamente à milicia criminal. Em quatro processos sucessivos armados contra éle, os tribunais lhe deram razão. (Aqui a redação me faz dizer exatamente o contrário: "Os tribunais negaram-lhe razão!!!") Ele se dirigiu — inútilmente — de viva voz, à redação do "Pravda" de Leningrado, há poucas semanas, pedindo-lhe que pusessem um têrmo a essa perseguição mesquinha. Meu amigo Victor-Serge preveniu de viva voz, sôbre o assunto, a dois membros da fração comunista da casa (JAKT), à qual já tinha dirigido, há alguns meses, uma queixa escrita. Todos esses passos deram em nada. Ou melhor: resposta alguma lhes foi dadal

"Fico desolado por encontrar numa das capitais da revolução semelhantes costumes. Fico desolado ao ver comsomols e comunistas se portarem assim para com um proletário. Fico desolado ao ver a imprensa participar duma campanha tão inqualificável contra um trabalhador. Peço que essa questão seja tirada a limpo. Peço, para o trabalhador Russakov, públicamente difamado, uma reparação pública".

P.S. — O escândalo prossegue. Terminado êste artigo, dizem-me que, em vinte e quatro horas, Russakov fôra excluido do sindicato que o devia defender, e expulso da usina, o que o deverá entregar à miséria, até o fim de seus dias! Ele está de fato inteiramente indefeso. Em minha qualidade de velho proletário, peço para éle uma reparação completa".

Moscou. 2 de fevereiro de 1929.

\* \* \*

Como se vé, não tinham acanhamento de me desfigurar o artigo, nem para me fazer dizer que "os tribunais haviam negado razão" a Russakov, quando a realidade e meu texto asseveravam exatamente o contrário. Não se trata de um simples "pastel": negar razão, é negar razão; e dar razão, é

uma expressão bem diferente, mesmo em russo. Além do mais, a despeito da urgência, da gravidade do caso e da promessa feita, o meu artigo, entregue na tarde do dia 2, só apareceu no dia 5, e fazendo-me dizer uma atrocidade.

Apesar disso, causou uma impressão inaudita. Era sem precedente: dois dos maiores órgãos do Partido a atirarem um em cima do outro, argumentos opostos acêrca de um mesmo drama social. Um dissera: Uma espécie de Kalganov. O outro responde: O Caso Russakov. É quem "consegue essa

africa?" Um "sem-partido", um "estrangeiro"!

Deve-se reconhecer que o Comsomolskaia Pravda amenizou sua arbitrariedade, acrescentando a meu artigo uma nota da redação, em que exigia "um inquérito e um esclarecimento". E no dia seguinte retificou o desastroso érro. Quanto aos trechos suprimidos, recusou-se a qualquer retificação. Russakov podia agora morrer: para éle eu obtivera, por intermédio da imprensa, tudo o que a imprensa soviética era capaz de fazer por um proletário, cuja morte um "Tour" qualquer podia exigir, em todos os jornais e todos os dias.

Eu não o sabia. Multiplico-me. Corro a toda parte, com um frio de 35 graus, sempre envergando um sobretudo de meia-estação, a exemplo do "polit-emigrante" a 90 copeques por dia e a despeito dos treze mil rublos de direitos autorais que os soviets me haviam pago em quinze meses, mas que eu

dispendera a meu jeito.

A respeito dessas corridas às redações, para salvar a vida de um homem, o pão e a honra de duas familias, recordar-me-ci para sempre da entrevista que tive com o famoso cronista comunista Koltsov. Achavámo-nos em muito bons têrmos. Ele recebe-nos, a Victor-Serge e a mim, em seu gabinete do Ogoniok. Expomos-lhe o caso. Ele ouve-nos amigavelmente, calmo, um pouco enfarado, sendo como era o homem mais a par da matéria.

Ante meu pedido para agir ràpidamente e com sua

grande autoridade, diz me êle:

 Desejo-o bastante, mas para isso é preciso conhecer a questão a fundo, classificar os documentos... Uma semana, quinze dias ir-se-ão.  Mas, digo eu, em Leningrado as "resoluções" de usina e as reuniões "operárias" da JAKT estão exigindo que se fusile Russakov "sem julgamento".

Sem julgamento não o fusilarão, mas pode ser fusilado

após julgamento. Contra isso, que podemos nós?

E mostrando-me um monte de documentos em cima de

- Olhai só o que me espera: nada mais do que uns casos

chegados hoje de manhã.

Havia dos mesmos uns cincoenta. Victor-Serge bisbilhota cinco ou seis déles e cai sóbre dois suicidios por causa de perseguição burocrática.

 Na maioria de nossos lares, diz Koltsov, as donas de casa se atiram água fervendo na própria cara. Algumas delas

são espôsas de antigos comissários do povo.

Muito bem, pensei eu: é engraçadinha a vossa ditadura! A 3 de fevereiro, Russakov chega inesperadamente de Leningrado, onde fóra lançado contra éle um mandado de prisão. Nem por isso éle se torna menos imperturbável, decidido, folgazão mesmo:

Que é que estão querendo conosco, aqueles bandidos?

Desta vez, estão inteiramente loucos!

E conta-nos sinceramente, ingénuamente, a cena da agressão. Provocadora inicial: Roitman, uma jovem comunista, judia da Bessarábia, co-habitante dos apartamentos. Conheço-a. Ela pretende expulsar os Russakov e ficar com o seu domicílio. Repelida em todos os processos que intenta contra o velho, desta vez ela decide, de acôrdo com a JAKT, da qual é membro importante a cavalariana Svirtsieva, sur amiga, fazer o diabo a quatro para obrigar os Russakov a se trem embora. Quem é que pode resistir a um comitê de habitação, quando uma cara já não lhe agrada? E ésse comitê delega poderes a Svirtsieva, a quem incumbe de proceder a uma "inspeção" no apartamento.

Ela entra. Abre as portas. Russakov sai de seu quarto e pede-lhe que lhe mostre o mandato que a incumbe daquela inspeção.

- Não tenho mandato a mostrar a "especuladores" e "contra-revolucionários", exclama ela.

Ante essas palayras, Liuba, fiiha de Russakov e mulher de Victor-Serge - criatura franzina, incapaz de magoar um gato - intervem:

- Mas, camarada, como podeis insultar assim a meu pai? Bem sabeis que éle é um velho revolucionário, trabalhador da fábrica Samoilova...

Um terrivel soco em plena cara é a única resposta; Liuba cai ensanguentada, atordoada,

- Pegamo-la então os três e a arrastamos à milicia. Ela

queria fugir.

Dias mais tarde, quando os juizes-instrutores de Leningrado e o presidente da redação do Pravda me objetaram que a cavalariana vermelha trazia equimoses pelo corpo, fiz-lhes esta pergunta que éles deixaram sem resposta:

- Que é que farieis se uma Svirtsieva vos entrasse em casa e magoasse désse jeito um ólho de vossa mulher, sob o pretêxto de ser condecorada com a Bandeira Vermelha? Não

the quebrarieis a cara?

Esse poltrão de Russakov nem mesmo lhe aplicou dois bons pares de sopapos.

A 4 de fevereiro solicito à Presidência que se dignereceber-me com Russakov. No dia seguinte, às Il horas, somos recebidos. Victor vai conosco.

Corredores e salas apinhados de gente a mais heteróclita possível, homens e mulheres de todas as idades, de todas as repúblicas, de todas as aparências, trazendo semblantes o mais variadamente inquietos, cada qual com seu papel na mão, cada qual com os olhos gradados na porta do salvador. Acham-se ali - há dias, semanas, meses - à espera de sua vez e a arrastar em Moscou suas misérias, desgraças, mil tristezas sem nome, que ninguém tem tempo de ouvir. Mas o pairinho Kalinine, melhor do que o que foi destronado e morto. deve ouvi-los. Ele está ali para isso. Não tem outra coisa a fazer. Sabem disso, até nos confins da Sibéria, do Cáucaso e

do Turquestão. Ele deve receber todos os Russakovs e todas as Russakovas. Deve ouvi-los, nem que seja durante o tempo de lhes tomar o papel das mãos e dizer-lhes:

- Então, camarada, que é que há?

- E', tovaritch Miùhail Ivanovitch, porque um dia, justamente quando eu acabava de...

- Bem, bem! isso será examinado, podeis estar sossegados! O povo jamais chega a compreender que a ilusão é o seu único quinhão na vida, e que os poderosos teem todo o cuidado para não destrui-la, justamente como os médicos que vivem da esperança de seus crédulos clientes.

Mas nós, que vamos pedir ao presidente outra coisa que não um apérto de mão ou uma promessa reconfortante, seremos introduzidos diretamente no gabinete do secretariado e recebidos logo, da maneira mais séria.

Uma hora de relógio.

Kalinine è um mujique nervoso, mas que sabe ouvir, interrogar. Quer acima de tudo compreender. Rebusca febrilmente em nosso pequeno documentário, anota fatos, confronta datas, descobre uma inquirição de Russakov, justamente a de que necessita ali, onde tem o dedo, começa a se desembaraçar sem nossa ajuda, e em seguida, já senhor do assunto, discute com conhecimento de causa.

Seu nariz chato, suas ventas largas, cheiram-nos as almas e os corações. Seus furtivos olhinhos lançam breves relâmpagos aos nossos, bem diretamente, mas se dissimulam imediatamente, para que lhe não apanhemos o efeito consciente.

Prefere antes ouvir Russakov, que fala como um moinho a rodar. Para mim, lança de vez em quando umas olhadelas zangadas, que parecem dizer: "Sujeito cacete dos diabos!"

O próprio Kalinine se admira de a simples publicação do artigo de Tour, em 51 de janeiro, conseguir, já no dia seguinte, provocar a exclusão do velho de seu sindicato, assim como sua despedida da usina, em que trabalha há dois anos. Não sabe se Russakov é ou não o que afirma Tour, mas tem diante dos olhos um fato que é flagrante: um trabalhador é votado à morte pela fome, vinte e quatro horas após a publicação de um artigo infamante, que exige e pode exigir cont a ele tudo o que se quer, mas que não deve, sem processo, sem mesmo um inquérito, privar uma familia de seu pão. Kalinine sabe o que é que isso quer dizer.

Perfeitamente! Ele soa o timpano, toma da pena e

escreve sóbre a queixa de Russakov esta nota:

"Ao camarada Komarov (presidente do Soviet de Leningrado) ou ao camarada Tchudov (secretário do partido, na mesma cidade):

"Peço-vos com empenho tirar a límpo essa questão. Penso que se trata de história bem tenebrosa

Peço-vos informar-me do resultado.

#### (a) M. I. KALININE."

Entra um secretário, toma da papelada e volta com um grande envelope timbrado.

 Enfia logo isto em teu bôlsol diz o presidente da União a Russakov. E corre imediatamente para Leningradol

Como estivéssemos todos comovidos e o velho com vontade de chorar, Kalinine teria podido acrescentar: "E ficai sabendo de uma vez por todas que, mesmo quando vos recebo no tôpo da escada, o que nunca me acontece, é ainda para tapear, é ainda poeira nos olhos de imbecis como vôs três!"

Mas isso, só o saberemos seis meses mais tarde, quando não poderci mais dizer ao primeiro magistrado do poder comunista o que é que eu penso da ditadura "do proletariado".

e das notas suas, déle.

Que êle saiba aqui, ao mesmo tempo que os proletários do mundo inteiro, e fique sabendo também, por sua vez, que tudo se paga aqui neste mundo.

\* \* \*

5 de levereiro. Ao sair da presidência, Russakov corre a Leningrado.

Recapitulamos: ao publicar meu artigo, o Comsomolskaia

Pravda fechou a bôca de seu confrade de Leningrado; êste não retrucarà, ao que me informam. Koltsov prometeu me publicur um artigo sóbre o caso. (Acérca do mesmo éle não dirá patavina. Trata-se de um comunista agarrado a seu conforto.) Duas das mais altas personalidades do Partido a quempedi audiência, bem que me querem receber, porém uma é inesperadamente atacada de uma recrudescência de moléstia que lho impede; a outra, que me manda dizer que às 11 horas um carro virá apanhar-me para levar me ao Kremlin, telefona-me às 10,45 que acaba de ter também uma recaida, politica esta, cujas consequências o tornam impossibilitado de palestrar comigo. Conto todavia com o primeiro desses dois homens. Afinal, temos em mãos uma garantia: a nota de Kalinine. Trata-se de uma ordem vinda do alto demais, para que os bandidos se atrevam a ir além. Ora, nos não pedimos scullo luz e justica.

Conclusão: podemos tomar o trem para Paname? — Veremos amanhã, depois de amanhã, quando o velho nos telegrafar, o efeito produzido pela nota do novo papaizinho Kahnine, cuja paternal intervenção estávamos a mil léguas de pensar que fosse uma embromação, bem mais cruel que a de seu predecessor, o czar digno de todas as forcas.

No dia seguinte, porém, 6 de fevereiro, cai em cima de mim um documento que me faz desconfiar de antemão da eficácia da intervenção presidencial. Trata-se de uma resposta de Rafail, presidente do comitê de redação do Pravda de Leningrado, a uma carta bem amarga que eu lhe escrevera no dia 4, alim de lhe confirmar e reforçar meu telegrama do dia 1.º.

Eis essa resposta:

"Leningrado, 5-11-1928, 23 horas.

A Bandine, Moscou.

Favor transmitir hoje mesmo minha carta a P. Istrati:

Querido camarada, recebida hoje vossa carta de 4 de fevereiro. A redação do Pravda de Leningrado iniciou, desde o dia imediato à declaração de Russakov, a averiguação mais rápida, circunstanciada je
pormenorizada sóbre êsse caso de habilitação. Antes
mesmo de recebermos vossa carta, incumbiramos um
camarada responsável do partido de estudar todas as
circunstâncias da questão. Podeis ficar inteiramente
uranquilo: se ficar provado que o artigo publicado
contem inexatidões, que a Cooperativa de Habitação
caluniou conscientemente Russakov, ou que qualquer
outra falta foi cometida, reabilitaremos rápida e
energicamente a Russakov.

Neste momento não disponho de documentos que me permitam comunicar-vos qualquer conclusão definitiva a que se possa chegar.

O Pravda de Leningrado, orgão do Comitê Regional do Partido, considera sempre com atenção e tato os fatos que publica. Não creio que possais ter razões, sejam quais fôrem, para pôr em dúvida os costumes de nosso país e de nossa imprensa. Estou certo de que se estivésseis em Leningrado e possuisseis em mão os documentos que nossos jornalistas teem neste momento, terfeis também vós exigido um julgamento público imparcial. Também vós terleis instatido pela publicação de tais documentos. Eis aqui o que declara se assembléia geral da fábrica Samoilova: "Aproveitando-se do rótulo de operário e fingindo-se de proletário na fábrica, Russakov é na realidade um vil apendice da contra-revolução interna, um miserável membro dos cem-negros (\*) e umpequeno-burguês anti-semita encarniçado,

Fomentando na oficina manifesta agitação de pogrom contra a U.R.S.S., Russakov não se atreve a ir além das irrupções verbais; mas na qualidade de "dono de uma habitação", o pequeno-burguês Russ-

sakov já não tem peias e passa de insuflação de pogrom a ações de pogrom".

Permitt que vos assegure que o caso Russakov será estudado tão rápidamente quanto possível por camáradas imparciais e que se impõem como autoridade.

Saudações comunistas.

RAFAIL.

Confere a cópia: Hegivel."

Escutai agora, "Proletários de todos os países", e "univos", ao menos para não serdes tolos demais. Ouvi e compreendei. E fácil. Trabalhamos com documentos oficiais, autênticos.

1.º — O querido camarada Rafail faz publicar um artigo contendo graves acusações ao indigitado, que é comparado a um assassino que acabava de ser fusilado. Conclusão do artigo: fazer de Russakov o que se fêz com Kalganov. E' uma espécie de Kalganov, título e conclusão. Consequência fulminante e sem precedente, que espanta francamente até a Kalinine: exclusão do velho de seu sindicato; posto na rua pela fábrica; ordem de prisão lançada contra êle. E' claro.

2.º – Pergunto eu: em que documentos que levem a tirar uma conclusão definitiva se baseara Rafail para entregar um homem à vindicta pública e pô-lo no ôlho da rua, enquanto espera pelas balas? Respondo: em nenhum! E a mesma resposta será fornecida por longo e mortificante desenrolar dum inquérito que durará seis meses; que comportara dois processos, o primeiro dos quais terminará com uma absolvição triumfal, sob aplausos de toda uma sala repleta de operários; o segundo – obra de um verdadeiro corcovear de tiramia comunista – abortará lamentavelmente e condemará três inocentes a penas tão benignas (1, 2 e 3 meses de trabalhos forçados!), que jamais se reabilitará a justiça soviética de semelhante vergonha; jamais poderá provar perante a Internacional que aquelas penas são exatamente as que merece um especulador, um dos miseráveis cem-negros convicto de

<sup>(\*)</sup> Organização ciandestina, espécie de Ku-Kiux-Kian

insullação de pogrom, um vil apêndice da contra-revolução interior, um espião francês, um pequeno-burguês anti-semita encamiçado, um monstro que tortura durante dois meses duas comsomolkas, um contra-revolucionário afinal, para o qual o órgão do Partido e cem "resoluções proletárias" haviam exigido a pena capital, chegando até a exigir que Russakov fôsse "fusilado sem julgamento".

Por conseguinte: nenhum documento que permita desgraçar duas familias, nove bôcas, desgraçando-as no sentido que elas morrem de fome há seis meses e continuarão a morrer por isso, enquanto ficarem à disposição de seus perseguidores. Nenhum documento que permita exigir imediatamente a morte de um homem.

\$.º — Mas quando solicito ao camarada Rafail que repare com a mesma presteza um gesto cujas consequências horriveis éle não podia ignorar, que é que me responde o caro irmão? Isto aqui: Não disponho neste momento de documentos que me permitam comunicar-vos qualquer conclusão definitiva a que se possa chegar.

Entendeis isso, proletários? Ele não "dispõe" de do-

cumentos para reparar, mas "dispõe" para destruir!

VINTE E QUATRO HORÂS FORAM SUFICIENTES PARA ATIRAR UM HOMEM FORA DO SINDICATO-OKHRANA, FORA DA USINA-OKHRANAI CINCO DIAS NÃO BASTAM PARA AO MENOS PEDIR A SUA REINTEGRAÇÃO NESSAS MESMAS OKHRANAS QUE LHE ASSEGURAM UM PÃO ABSOLUTAMENTE INCO-MIVEL QUANDO GANHO EM MEIO A UMA INQUISIÇÃO COMO O MUNDO JAMAIS CONHECEU IGUALI

4.º — Mas talvez o grave "militante responsável" — como lá se intitulam os assassinos do maior ideal humano — talvez não possa de fato solicitar aquela reparação, porque possoi documentos que lhe permitiram realmente atacar Rossakov. E os possui efetivamente. Possui DEGLARAÇÕES. Não discutimos mais essas DEGLARAÇÕES, essas RESOLUÇÕES, que se atiram aos ombros da classe operária e com cuja ajuda se estrangulam todos aqueles que se atrevem a vacilar, isto é, cento e trinta milhões entre os cento e cinquenta milhões de

habitantes. Não diremos que essas DECLARAÇÕES, essas RESOLUÇÕES sejam — em qualquer país não comunista e não fascista — trapos de papel, papel higiênico. Não. Levamo-las a sério, uma vez que no-lo dizem gravemente. Quem no-lo diz é Rafail. Escutai só:

Tericis vis próprio exigido um julgamento público imparcial. Vós mesmo tericis insistido pela publicação de tais documentos. Eis o que DECLARA a assembleia geral (a assembleia geral!!!) da fábrica Samoilova: "Aproveitando-se do rótulo de proletário, fingindo-se de operário na fábrica, Rusa-kov é na realidade um vil apêndice da contra-revolução interna, um dos miseráveis cem-negros e um pequeno-burguês anti-semita inveterado.

"Fomentando na oficina manifesta agitação de pogromcontra a U.R.S.S., Russakov não se atreve a ir além das irropções verbais; mas na qualidade de "dono duma habitação", o pequeno-burguês Russakov já não tem peias e passa da insuflação de pogrom a ações de pogrom!"

Bom. Pelo menos isto esta claro. E é uma "DECLA-RAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL". Bascando se nela, o Pravda de Leningrado afligiu nove criaturas humanas.

Mas quando foi que se reuniu essa "assembleia"? Quando

foi que ela se manifestou naquela linguagem?

Pois bem, proletínios do mundo inteiro, ficai sabendo e não o olvideis nunca mais: REUNIU-SE AQUELA ASSEMBLEIA E FORAM FEITAS AS CITADAS DECLARAÇÕES NO DIA 1,º DE FEVEREIRO, E O ARTIGO ASSASSINO QUE SE BASEIA NUMA E NOUTRA COISAS, É DE SI DE JANEIRO! O FALSARIO RAFAIL, O FALSARIO JORNAL DO PARTIDO, O FALSARIO COMUNISMO BUROCRÁTICO SE BASEIAM, PARA ESCREVER UM ARTIGO E MATAR DUAS FAMILIAS, EM DECLARAÇÕES DUMA ASSEMBLEIA QUE SE REALIZOU UM DIA DEPOIS DA PUBLICAÇÃO DAQUELE ARTIGO E QUE SE FUNDAMENTOU JUSTAMENTE EM TAL ARTIGO PARA FAZER SUAS DECLARAÇÕES DITADAS PELO ORGÃO DO PARTIDO, COM O INTUITO DE ATIRAR NO OLHO DA RUA UM TRABALHADOR QUE PASSA

QUARENTA ANOS DE SUA VIDA A "SE FINGIR DE PROLETARIO" E A "SE APROVEITAR DO ROTULO DE OPERARIO!"

Desse jeito, quatro instituições comunistas se baseiam umas sobre as "DECLARAÇÕES" das outras para assassinarem trabalhadores e realizarem essa proeza de não saber, no final das contas, qual delas é responsável por declarações que se atribuem umas às outras; a JAKT (Cooperativa de Habitação) provoca uma agressão; o Pravda relata-a, fulmina, exige a morte; o sindicato le o Pravda e exclui Russakov; a fábrica Samoilova despede o individuo que o sindicato excluira; o Pravda se documenta pelas declarações da fábrica; a JAKT reune a seguir assembléias em que lé o Pravda e exige a execução intediata do monstro. Depois disso, quando corro a Leningrado e encaro Rafail bem dentro dos olhos, êste me mostrará documentos, declarações, resoluções com que o bombardeiam todas as usinas de Leningrado. As usinas se apoiam no Pravda, êste se baseia nas usinas, e a engrenagem inteira duma ditadura se apoia no Guepeu para subjugar milhões de infelizes e comprometer por todo o sempre umas lições que tinham sua razão de ser quando eu as lia em Kautsky, já lá vão vinte anos.

Pois bem: é isto que pretendeis estender a toda a terrar Muito obrigado. Isto, Mussolini o "edificou" com muito mais franqueza e sem ofender a classe operária, sem dizer, como vós, que é ela quem edifica. Não. Mussolini teve pelo menos a coragem de seus crimes. Para subjugar a Itália, para amordaçá-la, para torná-la pacífica como um cemitério, não precisou de fabricar resoluções proletárias e declarações de

assembléias de usina. Ele declarou:

— Quem fustiga sou eu, não é a massa! Sou eu quem dita, não o proletariado! Eu é que sou responsável por todo o mal. Assim pelo menos ficou de pé o prestigio e a honestidade do proletariado.

Praga burocrátical Não fales mais em nome do prole-

turiadol Governa, oprime, mata, mas cala-tel

\* \* \*

A 6 de fevereito, vinte e quatro horas após a partida de Russakov, sigo para Leningrado em companhia de Victor-Serge, que volta para casa afim de ver sua mulher espancada e trazendo ainda no rosto as marcas da agressão. O velho se acha na audiência do juiz instrutor.

Encontramos a cusa mergulhada naquela atmosfera de terror, conhecida por todas as familias perseguidas, na véspera de prisões em massa. Não fôra a minha certeza absoluta quanto à natureza inatacável das pessoas em cujo meio me achava, haveria ali razio para se indagar se não seria mais prudente tirar logo suas cartas do jógo. Mas não me era possivel duvidar. Por ter ali morado quatro vezes, eu conhecia o lar e sua alma. O fundo do coração de um por um dos membros daquelas duas familias e a menor particularidade de seu caráter me eram familiares. Seu trabalho, sua completa sobriedade, a modéstia e quase sempre a dureza de sua existência ao Deus-dará, as múltiplas preocupações decorrentes da magreza de seus salários e da independência de suas convicções, sob um regime burocrático absolutista, tudo isso nos haviamos debatido durante longas noites, indo por vezes até aos mais intimos pormenores da vida de uma numerosa família.

Efetivamente, não cram "comunistas", mas peço que me digam o que é que é ser comunista hoje em dia na Rússia. E além do mais, acabemos de uma vez por todas com os equivocos: porventura sósuente os comunistas podem viver nesta terra? E que é que se vai fazer do operário, do camponês, do intelectual, do empregado, da esmagadora maioria humana, que não compreende coisa alguma do comunismo, mas que sofre? Deve-se ensotá-ia de seu labor? Expulsá-ia de seu lar? Mandá-la para a Sibéria? Matá-la?

Se um Russakov e um Victor-Serge — um labutando como um mouro na usina, o outro traduzindo as obras de Lenine para o francês, ambos a colaborar, embora "resmungando", naquilo que os soviets fazem de melhor — se tais homens são "contra-revolucionários" dignos do patíbulo, pergunto a mim mesmo o que é que seria da pobre humanidade no dia em que o comunismo das Svirtsievas e das Roitmans, o comuni-

mo que pilha e viola a cidade inteira de Smolensk, o dos "Kabuki" da maionese, o dos Coinsomols farristas de Smolensk, o dos juizes soviéticos que dançam ao som da flauta do Guepeů, enfim o que hoje em dia é dono da U.R.S.S., — pergunto a mim mesmo o que seria do mundo no dia em que tal comunismo se incumbisse de impor-lhe sua justiça e ensinar-lhe a viver.

Não, não! Cem vezes não! O mundo já é miserável demais para que se permita aumentar-lhe ainda o mal. E se minha classe possui a missão histórica de o transformar melhorando-o, não tem contudo a missão de o matar.

Eu tenho a consciência do que estou fazendo aqui. Sei qual é o alcance destas palavras. Mas me poderiam acusar de túdo, salvo de leviandade e de desonestidade, porque esperei um ano para escrever éste livro e não o escrevi senão depois de haver merguihado até o fundo do abismo soviético, onde encontrei o mais alto magistrado da União em perfeito acordo com a mulher Svirtsieva.

Eis aqui êste acordo:

Ele me choca assim que chego a Leningrado, que não é nenhuma aldeiola da Sibéria. Orgulhosa de seu poder, Svirisieva reina à embocadura do Neva. A ordem de Kallnine não passa de uma farsa. O juiz instrutor não a tomará quase em consideração. Ele sabe que aquilo não tem importância, porquanto todos os comunistas estão de acôrdo. Assim, à nossa chegada, saberemos que nem mesmo se permitin a Russakov que levasse o envelope com os cinco sinctes presidenciais a seus destinatários, Komarov ou Tchudov. E encontraremos o nosso velho, com o envelope no bolso, sentado há muitas horas diante de um jovem e belo cavalheiro que é o juiz de instrução e que o cozinha em logo brando, chicana-o, descose-o, abusa de sua simplicidade, trapaceia com sua bon-fé, aproveita-se de todos os seus descuidos e faz todo o possivel para achar em suas respostas um motivo para trancafiá-lo na cadeia, uma vez terminado o interrogatório.

Nossa entrada "sem bater" parece não nos tornar simpático ao juiz. Que importa?! Declinamos nossos nomes, apertamos fortemente a mão do "miserável membro dos cem-negros" e mostramo-nos inquietos quanto ao destino do salutar envelope:

- Eu o tenho, mas ordenaram-me que viesse imediata-

mente aqui.

- O camarada juiz sabe disso?

- E' claro, mas não está ligando a isso.

Peço a Victor que diga em russo ao jovem burocrata que, se detiver o acusado antes de conseguirmos prevenir o presidente do Soviet de Smolny quanto à existência do envelope, eu provoco um ajuntamento na praça Nevsky, berrando tudo o que sei do comunismo e de sua ditadura. Mas Victor me acalma, dizendo apenas ao juiz que lhe peço marcar me naquele mesmo dia uma audiência, afim de eu fazer minhas declarações, e êle concorda. Em seguida, apanhamos o envelope-trapo e corremos a Smolny.

La o acolhimento é diferente. Komarov recebe-nos imediatamente. Gabinete modesto. Homem portador de fisionomia plàcidamente marcada de gravidade. Le, ouve-nos, parece sinceramente entristecido. E' dos tais que não ignoram coisa alguma, porém nada pode fazer. E' o circulo

vicioso.

Peço a éle que me permita fazer uma investigação pessoal na fábrica Samoilova. Ele toma do telefone, fata. Entra um rapagão. E-Tchudov, o secretário do Partido da região de Leningrado. Sério, simples, simpático.

Pouco depois, deixanos Komarov para acompanhar Tehudov a seu gabinete, do outro lado daquele imenso edificio, cujos corredores são tão extensos que Lenine propunha a Trotsky instituir um serviço de estafetas-ciclistas entre seus gabinetes de trabalho, separados por toda aquela lonjura.

O gabinete de Tchudov é o modélo do que deveriant ser a ordem, a severidade, a limpeza, a simplicidade comunistas nas questões materiais, como nas questões morais. Não conheço coisa alguma na U.R.S.S. que dé uma imagem mais exemplar disso, desde o aspecto do homem que ocupa o gabinete até o mais infimo pormenor da austeridade que ali reina.

Fornecem-nos aqui a autorização escrita que nos permi-

16 MESES NA U. R. S. S.

tirá penetrar na fábrica Samoilova, por outra porta e com outro fim que não os que conheci durante um ano de visitas triunfais e muito inúteis a tantas fábricas, usinas, instituições cujas tragédias intimas não eram feitas para que en as conhecesse.

De Smolny voltamos para casa, onde encontramos o velho. Marcamos um tento: a nota de Kalinine serviu ao menos para suspender qualquer detenção preventiva. O man-

dado de prisão fóra anulado. Avante!

Esse avante é a investigação que vem fazer no apartamento o correspondente do Comsomolskaia Pravia de Moscou. Rapagão desembaraçado, cheio de fé. Consentem-lhe que abra todas as portas, interrogue todos os locatários e descubra se Russakov "especula", não com os nove quartos, mas com um apenas,

Nunca jamais foi publicado o resultado dessa averigua-

ção, e com razão...

O comité de redação do honrado esfregão Leningradskaia Pravda, reune-se para me ouvir e dar-me explicações. Enfim, querido camarada Rafail, entre nós dois agora, que somos escrivinhadores! Mas eis al Tour, "dandy" de calções, que me estende a mão. Eu digo:

- Quem sois vos?

- Tour.

- Não dou a mão a esses "Tour"!

E deixo a dêle no vácuo. A impressão é das mais penosas. Rafail é todo açúcar-cândi. Salamaleques.

- Não fósseis vós, camarada Istrati, quem escreven aquele artigo em Moscou contra o nosso jornal, pois temos

aqui "resoluções de usinas"....

- Perdão! Não estou aqui para examinar vossas "resoluções de usinas", mas para que me provem que Russakov é: 1.º - espião francês; 2.º - anti-semita membro dos cem--negros 3.º - especulador de nove quartos dos doze de que dispõe; 4.º - antigo fabricante em França, e tudo mais que tendes afirmado.

Não se trata de nada disso. Tudo se explica. Ele afirma haver escrito o artigo em consequência da "resolução" tomada pela JAKT: quatro pessoas do comitê da habitação!

A tal de Roitman é a principal organizadora do negócio. Isto é suficiente, na União Soviética, para pôr a funcionar todo um monstruoso aparélho político e judiciário, fusilar um trabalhador e obter um quarto a mais. Isso não é um verdadeiro pesadelo?

Presto minhas declarações ao juiz de instrução, cujos autos se atrasam especialmente para precisar se a testemunha (ou o acusado) é dos nossos ou dos dêles, como se nunca houvéssemos visto os nossos acabarem como perfeitos crápulas e

os dêles morrerem como um Lenine.

- Ascendência:
- Proletária.
- Pais:
- Operarios.
- Instrução:

- Aprendi a ler e escrever.

- Estivestes na prisão em regime burguês?

- Sim (Para la irei, talvez também em regime comu-

mista).

Etc., etc. Papelada. Declaração que se fará aplaudir por ocasião do primeiro processo e que no segundo não será nem lida, por ordem de cima: cassar a imprudente absolvição e condenar; devemos ter sempre razão; somos infaliveis.

Justica comunista, que a história julgará.

Fábrica Samoilova.

Para irmos ao gabinete da direção atravessamos, em pleno meio-dia, a stolovala (restaurante) e sou imediatamente surpreendido pela melhor impressão por mim até hoje sentida, de uma turba de operários apanhada de surpresa em seu ambiente de trabalho.

Uma juventude travéssa, simpática - homens e mulheres - mastiga devagarinho um resto de refeição e dança ao som dum gramofone. Todos ruidosos, inebriados, fisionomias expansivas. Sinais de cansaço, que conheço perfeitamente, nalguns déles não existem, mas são visiveis na majoria, conforme as circunstâncias: se se é sòzinho a comer ou se se teem outras bôcas além da própria a alimentar. Nada de guarda-pós. Cada-qual traz a roupa que encontra, e isso da um ar de colcha de retalhos. Asseio sofrivel. Liberdade total de brincar.

Nossa entrada atrai todas as atenções. Os pescoços se esticam. Arreganham-se todos os olhos. O ruido diminui até ao siléncio completo, mas todas as fisionomías manifestam uma viva curiosidade. Seguem-nos até o gabinete do "camarada diretor", diante de quem não se sentem acanhados.

E' ali que nos recebe o comité da fábrica, e tudo muda imediatamente de figura. Um único rapaz simpático que, apanhado de improviso por nossas prontas perguntas, deixa escapar algumas verdades.

- O que foi que provocou a convocação da assembléia

de 1.º de fevereiro e a dispensa de Russakov?

— O artigo do Pravda, aparecido no dia anterior; os membros do comitê da casa onde mora Russakov e a exclusão dêste de seu sindicato, ocorrida no mesmo dia e mediante intervenção dos mesmos membros da JAKT e após leitura do mesmo artigo do Pravda.

Ora, a lei é formal: o operário não pode ser despedido senão por crime ou delito cometido na usina ou por incapa-

cidade de trabalho (art. 47).

Russakov era mau operário?
 Não se pode dizer isso dêle,

- Ele algum dia veio ébrio para o trabalho?
- Nunca.
- Faltava?
- Não.
- Discutia com seus camaradas?
- Não, mas clamava a todo momento contra o aumento dos alugueres e a diminuição do preço do trabalho por tarefa, e nos tratava de "bandidos".

- E' tudo o que eu queria saber.

Entrementes, o motivo de nossa chegada à usina se espalhara rápido como fogo num palheiro. Comprimem-se à entrada do mesmo gabinete, onde o diretor só consegue penetrar com esfórco.

E' um porco ésse diretor, desde o crânio até à barriga enorme. E em tôrno déle começa a reunir-se tudo o que a ditadura do "proletariado" tem de mais porco e de mais barbaramente imbecil.

Escutai só como é que ela é informada sóbre a família Russakov:

- Será que não existem, em todos os cantos de sua casa

icones e lamparinas acesas?

 Imbecis, Russakov é juden: Josselevitch! Está aí a vossa documentação! (E tivesse éle quarenta mil "ícones e lamparinas" dependurados de seu nariz, ainda assim teria direito ao trabalho e à paz. Animais!)

Não temos mais necessidade de discutir. Mas antes de deixarmos o gabinete, armamos um laço ao diretor. E êle

cai com toda a sua pança:

 Esperamos poder provar a inocência de Russakov. E nesse caso será justo que lhe deis trabalho de novo.

- Aqui, nunca mais.

Obrigado. Vindo de tal asno, esse coice nas leis mais claras do sovietismo, quando as mesmas militam em lavor do operário, tem grande significação.

Para pronunciar aquele "nunca mais" absoluto, esquecen o "camarada" diretor que é necessário preliminarmente, convocar uma assembléia da usina, e fazê-la tomar uma "resolução".

\* \* \*

Deixo Leningrado, Moscou e a U.R.S.S. muito mais miserável do que no tempo em que eu próprio era um dêsses obreiros que se esmagam sob todos os regimes. Explorar a humanidade, fazê-la viver de um pedaço de pão preto, roubando-lite até o misero direito de resmungar, e depois fusilar a quem um dia grita, apenas grita, um pouco mais forte que de costume, isso, isso não existe em parte alguma do mundo, nem mesmo na terra de Mussolini.

E eis aqui o lim, o completo acórdo entre o pináculo do poder e a última histérica do comunismo:

1.º — Oito meses de processo, durante os quais os acusa-

dos morrem de fome;

- 2.º Liuba Victor-Serge a 31 de janeiro entra com uma queixa apoiada em atestado médico, provando que fóra vitima de agressão em seu próprio domicílio. Sem resultado algum, contrariamente à lei. Recebida a queixa, puseramlhe oma pedra em cima;
- 5.º Primeiro processo, de 12 a 15 de abril, no Tribunal Popular do setor central: Ismentável esboroamento de toda a engrenagem. Pormenor que empurro orcihas a dentro da Internacional: uma vez reduzida à extremidade, a acusação exige audiência secreta afim de fazer revelações; concedem-lha, e que é que ela declara? "ESTÁVAMOS METIDOS NISSO PELO GUEPEO AFIM DE ESPIONAR VICTOR SERGE". Afobação no Tribunal, que reabre a sessão pública e absolve todos os acusados, entre aplausos de uma sala repleta de operários, o que prova que a Rússia, do mesmo jeito que pode ser humana, pode ter verdadeiros juízes, mas esperai;
- 4.º Neste ponto a lei é formal: indenização a pagar ao individuo, privado de seu trabalho desde 1.º de fevereiro; reintegração; reparação pública por intermédio da imprensa, a qual não solta uma palavra a respeito.

Ora, ide pentear macacos. Há mais o que fazer:

5.º — Fim de abril: a pedido do procurador da cidade, o Tribunal Regional cassa a absolvição, como contrária aon dados do processo, forçando dêsse modo a condenação. E de fato, de 10 a 12 de maio o Tribunal Regional permite à acusação fazer o que entende, inclusive exclamar em plena sessão. "Não precisamos de intelectuais na U.R.S.S.!" Põem de lado o depoimento do dr. Nikolaenko que afirma que Svirtsieva sofre de histeria. Põem de lado seu verdadeiro testemunho em favor de Russakov. Recusam-se a ler meu depoimento, não obstante ser eu a única testemunha que temba vivido em casa dos Russakov e os conheça. Aterrorizam

todas as testemunhas da defesa e não levam em conta as suas declarações.

E quais são as penas a que se chega à custa de tantas violências? De acordo com os artigos do Código relativos ao caso vertente, os acusados deveriam ser condenados a penas

de 6 meses a 3 anos de prisão.

Não infligem senão: 3 meses a Russakov; dois meses a sua mulher, e a Liuba Victor-Serge (a espaneada), um mês — porém 6 meses de que? De prisão? Não. O legislador sovietico é generoso, não gosta de privar as criaturas de sua liberdade, pune as somente com trabalhos obrigatórios.

Que é que quer dizer em linguagem comunista a expressão trabalhos obrigatórios? Uma coisa misito simples: OS
CONDENADOS IRAO A PRISÃO COMO SE FOSSEM A
FÁBRICA, COM A DIFERENÇA QUE NÃO SERÃO PAGOS NEM TERÃO COMIDA MAIS AINDA, TERÃO
DE EXECUTAR, POR TAREFA, UM TRABALHO CUJA
QUANTIDADE QUOTIDIANA JAMAIS CHEGAM A CONHEGER E LHES E' DISTRIBUIDA DA MANEIRA A
MAIS ARBITRARIA POSSIVEL, POR CABECA SEGUNDO O GRAU DE SUBMISSÃO OU SEGUNDO A SOMA
DE ESPIONAGEM DE QUE SE E' CAPAZ.

Não é afixado regulamento algum. Ninguem se atreve a pedir informação acèrca do que talvez existisse. E' um lugar mundo, onde é possível tornar-se louco, ou "aprender a viver".

Eis aí a face da "Pátria proletária". Eis aí a sua justiça. Ela castiga impiedosamente a todos os Russakov que onsem trepidar diante da "linha" estabelecida. Ela castiga até a revolucionários estrangeiros que se tenham feito condenar à morte em suas pátrias, por defenderem a U.R.S.S., a "Pátria proletária" que os tem chamado e recebido em sua te racomo se fossem seus melhores filhos, a exemplo daquele Francesco Ghezzi cuja fé inatacável conheci bastante e que o Guepeù acaba de condenar a 3 anos de prisão, sem processo e sem
dar explicações a ninguém.

Dum extremo a outro do império subjugado pelo por rete do fascismo comunista, gemem as Sibérias com as lamen-

163

tações dos Russakov, dos Guezzi e de outros homens ainda, que o comunismo criador e justificador do fascismo mussoliniano empregou a principio em sua tarefa nojenta e em se-

PANAIT ISTRATI

guida atirou dentro duma prisão.

lá não se trata absolutamente de socialismo, mas de uma espécie de terror que trata a vida humana como um material de guerra social, do qual se servem para o triunfo de uma ribva e monstruosa casta louca por fordismo, americanismo, produtos Coty, modas parisienses, duma casta cruel, ávida de dominação e tão belicosa que está disposta a agarrar pelo pescoço a pobre China, culpada de haver ousado desembaraçar--se de uma concessão que data do czarismo, e continua a ser uma vergonha em que os revolucionários não se deviam intrometer (ó Le Temps! cis-te afinal ao lado de "comunistas" para acusar a China de haver "violado um contrato", semeihante àquele que todos os imperialismos possuem e cujo res-

pcito pretendem impor!).

Essa casta, ignorante, vulgar, perversa, é em sua maioria constituida por uma juventude vinda ao mundo depois do inicio dêste século. Ela não sabe e não quer saber de coisa alguma daquilo que constituira a grandeza e a fórça do idealismo revolucionário russo de outrora, hoje em dia objeto de museus, trapo bichado que ela catalogou caprichosamente entre coisas mortas. Ela não conhece senão as "palavras de ordem" de um poder do qual é o cimento e o arcabouço. Desfraldar de bandeiras: Internacional ouvida de pe; "esquinas de Lenine"; alto-falantes; imensas faixas cobertas de frases: frases para julgar a vida; frases-feitas para substituir as ideias; o Guepeù para substituir os argumentos; a censura para evitar a critica: um universal vácuo com que ela se delicia e de que se serve para dominar.

Para lhe arranear das mãos pelo menos algumas das vitimas que essa casta devora, não poupamos coisa alguma. Porem, todos os passos la dados pelos interessados e, depois de minha partida, todos os telegramas e todas as cartas que danni dirigi a Kalinine, a Rafail, ao procurador Krilenko, não obtiveram nem efeito nem resposta.

Eis o final de minha carta de 1.º de julho ao procurador

da R.S.F.S.R., sr. Krilenko:

"... Eu declarei: se essa familia for culpada, en quero ser condenado com ela a partilhar de sua sorte. Ora, eis que, após terem sido brilhantemente absolvidos em abril último três de seus membros, acabam de ser condenados com tal denegação de justica, que me é impossível não vos apontar o escándalo e não vos lembrar aqui que me solidarizo com os condenados; estou disposto a ir a Leningrado e a suportar a mesma pena.

"Rogo-vos, camarada Krilenko, não tomeis esta declaração por uma frase de efeito: se tal julgamento se torna definitivo, solicitar vos ei lazer-me participar da sorte daqueles com quem me solidarizei; se necessário, pedir-vo-lo-ei públicamente, não sem primeiramente submeter o caso ao julgamento

público da Internacional Comunista",

O julgamento torna-se definitivo a 3 de junho. A 5 de junho, o humano Pravda comunista publica, desta vez, a sentença, qualificando os acusados de elementos anti-sociais e

comparando mais uma vez Russakov a Kalganov.

O' Kalganov! Assassino que abriste o ventre de um presidente à moda de Svirtsieva e foste passado pelas armas: permite a um inimigo de tua "classe" mergulhar os ofhos em teu sangue e indagar se, afinal de contas, não eras um Russakov levado ao desespêro, uma vez que, depois de teu gesto, uns autênticos operários repetiram teu ato de vingança, mataram presidentes iguais aquele cujo terror te armou o braço e te fez cometer tal crime, a dez anos de distância do dia em que se consumou uma desapropriação que tiveste muito tempo para esquecer. Mas não topaste ninguém, ninguém no mundo, que interferisse em teu favor, para "chatear" ou

Kalinine, os Krilenko, os Komarov, os Tchudov, os Rafail; não encontraste senão o sombrio corredor em que um "comunista na linha" põe em movimento um barulhento motor, enquanto outro "comunista na linha" faz partir a bala, que recebem à queima-roupa, e sem o saber, todos aqueles que se atreyem a gritar: socorro!

Em nome de quarenta anos de sofrimento e de uma vida que ponho à disposição de qualquer individuo honesto que a quelra examinar, peço justiça para todos os Russakov e para todos os Kalganov, que vivem e morrem na União das Repú-

bheas Soviéticas Socialistas de nossos días.

## CONCLUSÃO PARA COMBATENTES

Só é combatente, a meu ver, quem subordina seus interésses pessoais aos interésses da humanidade melhor, que deverá vir no futuro.

Creio nessa humanidade. Ela existe hoje em dia, como o sol existe de noite. Mais de uma vez a lama que sou, a tesu tocado. Mais de uma vez, em minhas inúmeras horas de

angústia, sua mão me tem erguido do solo.

Tudo o que tenho feito de bem e de belo é a ela que o devo. Não tenho feito apenas o bem e o belo: já tive minha parte de lama; ainda a tenho; e sempre a terei. Mas me sinto infeliz quando essa lama transborda de seus limites, e quase morro de felicidade, quando colho um raio de luz da bela humanidade.

Eis por que lhe quero consagrar todas as minhas forças,

ajudar a todos aqueles que combatam por ela.

Não creio mais em "credo" algum. Não quero mais ouvir o que os homens dizem, mas apenas observar o que fazem:

- Mostrai-me o que podeis sacrificar de vossa vida, que

vos direi qual o valor que dais à vida dos outros.

Não fugimos ao aviltamento, senão unindo nossa exitência a tudo aquilo que vive. Só assim nos tornamos livres: sentindo tudo aquilo que em tôrno de nos realiza o bem e o mal.

Depois de outras mil, acaba de se extinguir uma flama em vasta terra rica de esperanças. Hoje em dia, nessa mema terra, não sopra mais senão o vento frio do egoismo, que enregela a vida. Mas será sempre a terra donde proveem as mais belas flamas que reanimam a humanidade. Por isso, ela é sagrada e theia de esperança.

Auxiliemo-la a abrir suas entranhas generosas à nossa alma sequiosa do bem e do belo.

Vamos para outra flama.

### INDICE

Note preliminar	5
Confis ão para vencidos	8
16 moses na U.R.S.S.	-
Sobre a viagem	37
Uma pergunta	38
A Partide - Christian Rakowsky. Siebele	43
Em Sofitskaja Nabierejnaja	47
Preludios de festas e divagações de homem solitário	49
Em torno das festas do 10.º aniversario	52
Outubro Vermelho	59
Depois de Outubro Vermelho	68
Um companheiro de viagem	67
Em Atenas	71
Volta à patria do projetariado	76
Através de cidades e afticias, estepes e mares, montes e	
Flos	81
Odes a	82
Crimeia,	83
Uerania	85
	87
Moscou,	89
Bekowo,	00
Murmansk	92
Kem	200
R.R.S.A.M	80
O Volga - Nijni Novgorod-Balakhna	07
Kayan,	90
Samura	100

Saratov-Pokrovsk,
Sta ingrado
Astrakhan,
Transcaucasia - Tillis
Borjom
Erivan,
Akhaltsikh-Bardzia,
Baku, , ,
Telay (Kakheda)
Batum, Sukhum, Novi-Afon
Gagri-Satchi-Moscou.
Mo cou, supremo apelo
O caso Russakor ou a U. R. S. S. de hoje
Uma espécie de Kalganov
O caso Russakov
Concusão para combalentes

# ERRATA

Pagina .	Limin	Em yes de :	Lein-so:
27	15	Citymenury	Chanassourt
28	35	por semuna his consa- grava una pigina intera seb a stituto	multo muits pempont- inents no affers "Prayda", que uma yes
97		mults mais pomposa- renie no oficial "Pravds", que uma ves	por semana lhes comas- grava tima página in- teira sob a titula
81	25	que su amabitent	que es una amabiliqui
04	37	Rollihoz	kolkhoz
Hà:	mats a gre	no orrus de ficil correção.	